

Deutscher Morgen

Berausgeber: E. Sommer

Aurora Allemã

Erscheint wöchentllich

Folge 5

São Paulo, 2. Februar 1940

9. Jahrgang

Schriftleitung, Verwaltung und Druckerei: Rua Victoria 200 — Fernruf: 4-3393, Caixa postal 2256 — São Paulo. — Zuschriften nicht an Einzelpersonen, sondern nur an die Verwaltung. — Bezugsgebühr: halbjährlich 10\$000, ganzjährig 20\$000, für Deutschland und die Weltpostvereinsländer 7 Mark

«Riram de nós de uma feita-isso basta»

A Guerra das Falsidades

Nosso Quadro Negro

XXI.

ep. — Depois de 20 semanas de uma campanha inexorável movida nesta columna, com uma objectividade irretorquível e com uma logica convincente, á guerra das falsidades, nosso mui prezado collaborador kt. foi gozar, por pouco tempo, férias merecidissimas. Refugiou-se para os campos onde o silencio da paisagem ainda se eleva acima das noticias de intrigas sensacionais, acima do eco da imprensa e do radiouido e que, aproxima os homens tanto da terra como das estrellas, em grau indistincto. Oxalá possa elle libertar-se por completo, tambem internamente, nesses poucos dias de lazer, da occupação analytica a que tão conscienciosamente se entregou ao tratar de um dos phenomenos mais perigosos desta guerra. Quem destruiu a mentira luta pela verdade. E a verdade é hoje mais do que nunca um ideal, porém, desafortunadamente, não uma virtude que se suhntende. Exige dos idealistas as melhores energias, na mesma proporção em que é proprio dos materialistas fartarem-se da invenção e da diffusão da falsidade e da calumnia.

Um reporter em apuros

Deve ser dito que não se pôde applicar o mesmo peso e a mesma medida a todos os jornalistas. De quando em quando topa-se, inesperadamente, com alguém que entende de ethica jornalística: é um momento de surpresa agradável. Occorreu, que um importante vespertino local enviou um correspondente seu para a Europa, afim de poder offerecer aos seus leitores algo de fonte directa. Nosso bom homem vai para Paris e como não deseja contemplar as cousas através dos oculos dos cavadores de linhas, envia ao seu jornal, em São Paulo, uma correspondencia psicologicamente bem cinzelada que foi publicada sob o titulo „Um reporter em apuros“ e que começa com a exclamação: Como escrever sobre a guerra, se esta não existe? Continua o correspondente, dizendo, que a opinião pessoal do reporter entra somente para dar mais realce ao acontecimento. A essencia tem que ser o facto. Reportagem é mais photographia do que pintura. Mas como photographar um objecto que não existe? Facto seria que os mesmos derrotistas, que perguntavam aos soldados na ultima guerra por que lutavam, inverteram agora o recfração e perguntam-lhes justamente o contrario: por que vocês não lutam? O jornalista paulista dispensa, por consequente, todo colorido e toda phantasia unilateraes referentes á situação na Europa e sobretudo na França. Encontra-se em Paris como observador imparcial e tem noção da responsabilidade inherente á sua missão. Pôde-se apresentalo como modelo a muitos e muitos collegas.

30.000 gorillas adestrados para assaltarem a linha Maginot

Em 19 de janeiro, illustre collaborador de um vespertino paulistano se occupa do anoutado de noticias phantasiosas na imprensa britannica commumente tão fria e sobria. Cita o articulista uma série de exemplos maravilhosos de historias. Cita as provas cuidadosamente colligidas. „Os aviões allemães estariam fazendo raides infructiferos sobre a Inglaterra, porque o governo inglez teria um dispositivo magnetico secreto de tamanho poder que deslocaria todas as peças de aço dos aviões e os faria cair“... „Os russos teriam inventado uma mola em seus paraquedas de modo a serem projectados novamente para cima, se verificavam que iam cair em lugar que não lhes convinha“... Diz que teria sido espalhado, como informaçao particularmente séria, por jornaes conceituados que exercem influencia sobre a opinião publica ingleza, o boato de que „o governo allemão teria importado (imaginem de onde...) do Brasil, 30.000 gorillas que estariam sendo adestrados para o assalto, na proxima primavera, á linha Maginot“... Devido á angustia de espaço, temos que desistir de bordar os nossos proprios com-

mentarios em torno dessas patranhas gozadas da propaganda de guerra.

Um professor fuzilado escreve um livro sobre physica theorica

Não passa sequer um dia, por mereç do Creador, em que a agencia Reuter não faça chispar pelos cabos em torno do globo ao menos uma palavrinha sobre atrocidades commettidas pelos allemães na Polonia. Ha pouco a citada agencia porfiou com a Havas no seu noticiario em torno do fuzilamento do professor de chimica polonez Czeslaw Bialobrzski. Isso provocou, entretanto, os protestos do cientista ainda vivo. Concedeu uma entrevista a um jornalista polonez, no decorrer da qual disse, que está, no momento, gozando da mais perfeita saude em sua residencia em Varsovia e que continuava a escrever, sem ser molestado pelas autoridades tentas, seu livro sobre physica theorica, sob o ponto de vista da theosophia. Pediu ao reporter, que levasse ao conhecimento dos seus amigos no estrangeiro, nomeadamente aos professores Niels Bohr, de Copenhagen, du Broglie, de Paris, e Darwin, de Cambridge, que todas as noticias sobre sua morte são falsas. Esta affirmaçao não impediu que Mr. Winston Churchill fizesse a affirmaçao onusada de que os allemães teriam fuzilado na Polonia para mais de 15.000 intellectuaes. Entre estes ter-se-iam encontrado collegias na cidade de 12 e 13 annos. Ora, o lord-almirante deve saber dessas cousas. Elle participou, lá a seu modo, da campanha na Polonia e de seus labios jamais pingou u'a mentira. Ou terá Mr. Churchill ditado, immediatamente, ao bureau Reuter, depois de sua affirmaçao attinente ao assassinio em massa de intellectuaes polonezes, um addendosinho referente ao facto de terem sido torturados até á

nossos se remordiam para não rir. Esse curioso espectáculo deu-se quando da tentativa do presidente Wilson no sentido de incluir no tratado de paz alguns dos ideaes pelos quaes os Estados Unidos haviam lutado e derramado seu sangue.

Encontramo-nos hoje em face do perigo de sermos engodados para uma nova guerra européa — uma guerra para a qual se pretende seduzir uma nova geração de jovens que sirvam de carne de canhão, guerra essa que terminará com uma nova paz de sujeição, não importando quaes das partes vença. Deyeríamos continuar neutros e podemos continuar neutros. De que forma? Acompanhando, vigilantes, a propaganda; refrendo nossa lingua, embora desejemos que ganhe este ou aquelle partido; não orientando tão unilateralmente o commercio, de modo que nos vejamos na situação de termos de ir buscar o nosso dinheiro de fuzil na mão; assumindo, finalmente, uma resolução firme e inabalavel de mantermo-nos neutros e de conservar viva a chamma da fé de que com isso alimentaremos a esperança de eternizar a democracia, a liberdade e a civilização norte-americanas.”

„Sie lachten einmal über uns — das genügt“

Wie scharf das Nordamerikanische Volk heute erkennt, wie schwer es im Weltkrieg 1914—18 getäuscht worden ist, geht aus den Aufrufen hervor, die in dortigen Blättern zur unbedingten Aufrechterhaltung der amerikanischen Neutralität veröffentlicht werden.

Nachstehend der Wortlaut eines solchen ganzseitigen Aufrufes aus einer Dezemberheft der amerikanischen Zeitschrift „Look“.

„Eine der geistreichsten jennals von Menschenhirnen ausgebrütete Propaganda log uns 1917 in den Krieg hinein. Man suchte und pries unsere Jugend, unsere Rüstung und unser Geld und gebrauchte wirksame Mittel, die Strömung zu lenken.

Doch, wurde es uns, nach getanem und gut getanem Werk erlaubt, einen Einfluss auf das Zustandekommen eines gerechten und dauerhaften Friedens auszuüben?

Nein, keineswegs!

Wir wurden verlacht, abgeburstet und übergangen. Lloyd George selbst erzählt in seinem Buch, wie Clemenceau hinter Präsident Wilson stand und Gesichter schalt, während unsere anderen geliebten Alliierten versuchten,

sich das Lachen zu verbeissen. Dieses merkwürdige Schauspiel ereignete sich bei dem Versuch Präsident Wilsons, einige der Ideale in den Friedensvertrag einzuschliessen, für die Amerika gekämpft und geblutet hatte.

Heute besteht die Gefahr, dass man uns für einen neuen europäischen Krieg ködert — einen Krieg, für den eine neue Jugendgeneration Kanonenfutter sein soll und der mit einem neuen unterjochenden Frieden enden wird, ganz gleich welche Seite gewinnen mag.

Wir sollten neutral bleiben und wir können neutral bleiben. Wie? Indem wir wachsam die Propaganda verfolgen. Indem wir unsere Zungen im Zaum halten, gleichgültig wie sehr wir wünschen, dass die eine oder andere Seite gewinnt. Indem wir den Handel nicht so einseitig orientieren, dass wir in die Lage kommen könnten, unser Geld mit Gewehren holen zu müssen. Durch eine harte und unabänderliche Entschlossenheit neutral zu bleiben und den Glauben, dass darin unsere Hoffnung liegt, amerikanische Demokratie, Freiheit und Zivilisation aufrecht zuerhalten.“

morte mais de 5.000 membros do grupo ethnico allemão? Ora, conhecemos muito bem o truque; onde não houver martyres é necessario invental-os.

A Igreja Catholica na Polonia

O bureau Reuter não se pejou em 23. 1. de assoalhar uma alevosia das mais abjectas. Assin faz constar, que a emissora do Vaticano teria divulgado novos pormenores sobre „a oppressão nazista á Igreja Catholica na Polonia“. A maioria dos padres polonezes encontrar-se-iam em campos de concentraçao allemães, onde seriam submettidos a trabalhos forçados. Mais da metade das igrejas polonezas teriam sido fechadas. Nos collegios clericales de Gniezno e de Posen teriam sido alojadas tropas allemães. A igreja de Maria Magdalena em Posen teria mesmo sido transformada em „music hall“. Ora, comprehendese, que tenham sido „destruidas todas as imagens de santos“. As autoridades competentes allemães affirmam neste particular (T. O.: 26. 1.): Em toda a região de Posen e em toda a Prussia Occidental não foi fechada sequer uma unica igreja por motivos politicos ou religiosos. Si se verificou, em casos isolados, o fechamento de um templo, isso se deu devido a razões de ordem technica, visto que se tornariam necessarias varias obras de reparaçoes, em consequencia da guerra. As igrejas podem ser frequentadas livremente. A populaçao catholica forma verdadeiras multidoes que enchem as igrejas aos domingos. A cathedra de Posen foi interdittada temporariamente, pelo facto de exigir urgentes reformas. Não passa de mera invencionice a noticia de que a referida Sé, bem como o palacio archiepiscopal serão convertidos em casernas. A affirmaçao de que 5.000 sacerdotes polonezes estariam soffrendo em calabouços é refutada como o maior dos absurdos. (Continua na 22.a pagina.)

Der Lügenkrieg

Unser schwarzes Brett

XXI.

ep. — Nach 20 Wochen eines unerbittlichen, mit bestechender Sachlichkeit und überzeugender Logik auf dieser Spalte gegen die Kriegslüge geführten Feldzug ist unser sehr geschätzter kt.-Mitarbeiter für kurze Zeit in die wohlverdienten Ferien gefahren; dahin, wo die stille Weite der Landschaft noch über sensationelle Hetzmeldungen, über Presseecho und Radiolärm erhaben ist und den Menschen der Erde wie den Sternen in gleichem Masse näherbringt. Hoffentlich kann er sich für die wenigen Tage von der so gewissenhaft geübten analytischen Beschäftigung mit einer der gefährlichsten Begleiterscheinungen dieses Krieges auch innerlich ganz freimachen. Wer die Lüge zerschlägt, kämpft für die Wahrheit. Und die Wahrheit ist heute mehr denn je ein Ideal und leider keine Selbstverständlichkeit. Sie fordert von den Idealisten die besten Kräfte, wie es den Materialisten eigen ist, sich an der Erfindung und Verbreitung der Lüge und Verleumdung zu weiden und zu lästern.

Ein Reporter in Nöten

Es ist schon wahr, dass man nicht alle Journalisten über einen Kamm scheren kann. Manchmal stösst man ganz unvermutet auf eine ehrliche Haut und ist dann angenehm überrascht. Da schickt z. B. eine bedeutende brasilianische Nachmittagszeitung einen Sonderberichterstatler nach Europa, um ihren Lesern etwas Eigenes zu bieten. Der gute Mann geht nach Paris, und da er die Dinge nicht durch die Brille der Zeilenschinder sehen will, sendet er seinem Blatt in São Paulo unter dem Titel „Ein Reporter in Nöten“ eine psychologisch sehr fein zugefeilte Skizze, die mit dem Ausruf beginnt: „Wie soll man über den Krieg schreiben, wenn er überhaupt nicht besteht?“ Die persönliche Meinung des Reporters sei nur auf das Ereignis ausgerichtet. Man müsse der Tatsache die grössere Bedeutung beimessen. Eine Reportage sei mehr photographischen als malerischen Charakters. Wie solle man nun aber einen Gegenstand photographieren, der überhaupt nicht vorhanden ist. Tatsache sei nun einmal, dass dieselben Meckerer, welche die Soldaten im vergangenen Krieg fragten, warum sie kämpften, heute ihren Relrain genau umgedreht haben und fragen, warum sie nicht kämpften. Der paulistaner Journalist verzichtet also auf jede einseitige Ausschmückung und Phantasia über die Lage in Europa und besonders in Frankreich. Er weiß als neutraler Beobachter in Paris und ist sich der Verantwortung seinem Amt gegenüber bewusst. Er kann vielen Kollegen als ein Vorbild hingestellt werden.

30.000 Gorillas zum Angriff auf die Maginotlinie dressiert

Am 19. Januar befasst sich der namhafte Mitarbeiter eines hiesigen Blattes mit der Häufung „unmöglichlicher Meldungen in der sonst so kühl“ und nüchtern gehaltenen britischen Presse. Er bringt ganz wundervolle Beispiele für dumme Lügennachrichten und zitiert die sorgfältig gesammelten Beweise. „Die deutschen Flugzeuge führten völlig zwecklose Flüge über England durch, da die britische Regierung mittels eines Geheimmagneten von ungeheuren Ausmassen alle Stahlstücke von den Apparaten reissen und sie

damit zum Sturz bringen kann."... „Die Russen hätten in ihre Fallschirme eine Feder eingebaut, mit der sie sich nach dem Absprung wieder emporziehen lassen können, falls ihnen die ausgewählte Kampfstätte doch nicht geeignet erscheint..." Besonders ernsthaft aber sei von massgeblichen Zeitungen, welche die öffentliche Meinung in England beeinflussen, das Gerücht verbreitet worden, dass „die deutsche Regierung 30.000 Gorillas aus (stellen Sie sich vor, woher...) Brasilien eingeführt habe und sie jetzt für einen Angriff auf die Maginotlinie im kommenden Frühling absichte." Aus Gründen der Raumerparnis müssen wir leider auf einen eigenen Kommentar zu diesen königlichen Entgleisungen der Kriegspropaganda verzichten.

Erstschossener Professor schreibt ein Buch über theoretische Physik

Es vergeht kein Tag, den Gott werden lässt, an welchem die Reuter-Agentur nicht wenigstens ein Stichwort über deutsche Grausamkeiten in Polen um den Erdball kabela. Kürzlich wetteiferte sie mit Havas zusammen in der „Berichterstattung" über die Erschliessung des polnischen Chemieprofessors Czeslaw Bialobrzski. Das aber erregte den Widerspruch des lebendigen Gelehrten. Er gewährte einem polnischen Journalisten eine Unterredung und erklärte diesem, dass er gegenwärtig sich in seinem Warschauer Heim bester Gesundheit erfreue und ungehindert durch die deutschen Behörden seine Arbeit an einem Buch über theoretische Physik unter dem Gesichtspunkt der Theosophie fortsetze. Er bat den Reporter, seinen Freunden im Ausland, vor allem den Professoren Niels Bohr, Kopenhagen, du Broglie, Paris, und Darwin, Cambridge, die Mitteilung zukommen zu lassen, dass alle Nachrichten über seinen Tod falsch sind. Diese Feststellung hat Mr. Winston Churchill nicht an der kühnen Behauptung gehindert, dass die Deutschen in Polen doch mehr als 15.000 Intellektuelle erschossen haben. Darunter hätten sich Schüler im Alter von 12 und 13 Jahren befunden. Der Admiral-Lord muss es ja wissen. Er hat in seiner Art am Feldzug in Polen teilgenommen und über seine Lippen ist noch nie eine Lüge getropft. Oder hat Mr. Churchill dem Reuter-Büro auch sofort nach der Behauptung vom riesigen Intellektuellen-Mord in Polen den Zusatz diktiert, dass über 5000 Angehörige der deutschen Volksgruppe grausam zu Tode gemartert wurden? Wir kennen ja den Trick: Wo keine Märtyrer vorhanden sind, muss man sie erfinden.

Die katholische Kirche in Polen

Eine ganz verabscheuungswürdige Verunglimpfung leistete sich das Reuterbüro am 23. 1. Danach habe die Funkstation des Vatikans neue Einzelheiten über den „Nazistischen Druck auf die katholische Kirche in Polen" bekanntgegeben. Die Mehrheit der polnischen Pfarrer befinde sich in deutschen Konzentrationslagern, wo sie Zwangsarbeiten unterworfen seien. Die Hälfte aller Kirchen sei geschlossen, in den Schulen des Klerus in Gnesen und Posen habe man Militär und Polizei einquartiert, und die Maria-Magdalena-Kirche in Posen sei sogar in eine Musikhalle umgewandelt worden; dass alle Heiligenbilder zerstört wurden, versteht sich von selbst. Von zuständiger deutscher Seite wird hierzu festgestellt (Transocean vom 26. v. M.): In ganz Posen und Westpreussen ist nicht eine einzige Kirche aus politischen oder konfessionellen Gründen geschlossen. Soweit vereinzelt Schliessungen vorkamen, erfolgten sie aus bautechnischen Gründen, weil infolge des Krieges verschiedentlich Ausbesserungsarbeiten nötig waren. Der Kirchenbesuch ist völlig frei. Die katholische Bevölkerung füllt an den Sonntagen die Kirchen in grossen Scharen. Der Posener Dom wurde vorübergehend wegen dringlicher Renovierung geschlossen. Völlig frei erfunden ist, dass dieses Gebäude wie auch das erzbischöfliche Palais in eine Kaserne umgewandelt werden sollte. Die Behauptung, dass 5000 polnische Priester in Gefängnissen schmachteten, wird als absoluter Unsinn zurückgewiesen.

Havas contra havas

Am 21. wollte diese französische Agentur wissen, dass Mussolini wegen der deutschen Politik im Baltikum und auf dem Balkan stark beunruhigt sei und seinen Berliner Botschafter zur besonderen Berichterstattung nach Hause gerufen habe. Am 27. 1. schreibt Havas quatschvergnügt und ihre Abnehmer drucken es ebenso eifrig wie vor

sechs Tagen, dass Italien und Deutschland bezüglich der Balkanpolitik dieselbe Haltung einnehmen und die gleichen Interessen vertreten. Das betreffe besonders alle Probleme des rumänischen Petroleums. Und United Press stellt am 29. 1. in der Bestätigung der letzten Meldung fest, dass das halbamtliche französische Büro seine Leser zunächst wieder einmal geblufft habe.

Bombenangriff — wie er Euch gefällt!

Am 10. 1. berichtete das britische Luftfahrtministerium, dass ein britisches Geschwader den Seefliegerhorst auf der Insel Sylt mit Bomben belegt und zerstört habe. Deutschland dementierte die Nachricht und erklärte, dass die Briten die benachbarte dänische Insel Roem bombardiert hätten. Am 13. 1. meldet T.-O. aus Kopenhagen, dass die dänische Regierung in London Protest wegen der Bombardierung der Insel Roem eingelegt habe und eine Entschädigung fordere. Vierzehn Tage vergingen ohne irgendwelche Siegesauswirkungen des „Angriffes auf Sylt". Da meldet sich unerwartet die englische Zeitschrift „Action" selbst mit einem geradezu verletzenden Spott, den sie auf die Presseberichte von der letzten Heldentat ihrer Landsleute ausgiesst. In ihrem Artikel heisst es wörtlich:

„Die Reihe der Angriffe, die die englische Luftwaffe gestern in vorgerückter Abendstunde unternahm („Daily Telegraph"), fanden ihren Höhepunkt in einem Luftangriff, an dem 40 Flugzeuge nach „Daily Herald", 42 nach „Daily Express", 45 nach „Daily Mirror", 50 nach „Daily Telegraph" und sogar 100 nach „Evening Standard" teilnahmen. Die Angriffe auf die Insel selbst begannen um 6 Uhr morgens, als verschiedene Flugzeuge über der Insel erschienen („Times") und dauerten den ganzen Tag an bis 7 Uhr abends („Daily Mirror"). Die Angriffe dauerten zehn Stunden nach „Daily Herald", 16 Stunden nach „Daily Telegraph". Der 15 Meilen lange Hindenburgdamm („Daily Herald"), der die 6,75 Meilen breite Meerenge zwischen Sylt und dem Kontinent durchschneidet („Daily Telegraph") wurde von den Bomben der britischen Luftflotte angegriffen. Drei Bomben, die man in unmittelbarer Nähe krepieren sah („Times"), waren Treffer, die mitten auf dem Damm erzielt wurden („Daily Express") und von denen mindestens eine („Daily Telegraph") den Damm auch getroffen hat, der an dieser Stelle zerstört wurde. Der Dammbau konnte von Dänemark aus gesehen werden („Evening Standard"). Die lebenswichtige zweigleisige Bahnlinie („News Chronicle"), die über den Hindenburgdamm mit dem einzigen Schienenstrang die Insel Sylt mit Klanxbuell auf dem Kontinent verbindet („Daily Telegraph"), wurde zerstört. Am nächsten Tage sah man jedoch einen Zug wieder langsam den Hindenburgdamm passieren („Daily Telegraph).“ Alle diese Informationen, so fügt die Zeitschrift abschliessend hinzu, fanden dann ihre Krönung in dem amtlichen Communiqué des britischen Luftfahrtministeriums, in dem festgestellt wurde, dass überhaupt kein Luftangriff auf die Insel Sylt stattgefunden hat.

Zauberer Hitler

Wir wollen dieses Kapitel, das ja in die Karnevalswoche hierzulande fällt, nicht ohne einen herrlichen Tusch ausklingen lassen, den uns die Tante Havas aus Kopenhagen übermittelt. Ein dänischer Journalist hat dem dortigen Vertreter der Agentur ins Ohr geflüstert, dass das deutsche Volk wirklich überzeugt sei, dass Hitler ein Zauberer ist und es bis zum nächsten Juli zum Sieg geführt haben werde. Die Vorstellungen von der Zauberkraft des Führers seien beim Volke grandios. „Einige sind sogar der Ansicht, dass der Kanzler Hitler Grossbritannien in einen Eisblock verwandeln kann; die anderen sind überzeugt, dass der Führer die Kraft hat, die Engländer in einen tiefen Schlaf fallen zu lassen, aus welchem sie erst nach zwei Wochen aufwachen, um dann festzustellen, dass Britanniern durch deutsche Truppen besetzt ist." In Wirklichkeit denkt das deutsche Volk über seinen Führer nun doch etwas anders. Dass es unter seiner Regierung bisher Unmögliches möglich machte, zum siegreichen Abschluss dieses Krieges entschlossen und ein neues Europa der Ordnung und des Friedens aufbauen will, bedarf keiner Berufung auf Zauberformeln und Prophezeiungen.

Der neue Diktator für England

Diese Nachricht wurde merkwürdigerweise nicht von Reuter, sondern nur von der Havas und der United Press den Redaktionen

Die vierte Waffe

Wer noch einmal das Abläufen des gigantischen Völkerrings der Jahre 1914 bis 1918 nacherlebt, kann sich gewiss eines Eindruckes nicht erwehren: Trotz der bewundernswerten Leistungen und Erfolge zu Land, Wasser und Luft haftete der damaligen deutschen Kriegsführung eine Schwäche an. Während die vierte Waffe in Deutschland noch kaum entwickelt war, stand den Gegnern, insbesondere England, schon vor Ausbruch des Weltkrieges auf diesem Gebiet ein hochentwickeltes Präzisionsinstrument zur Verfügung.

Gewiss konnte das deutsche Heer, getragen von einer unerhörten Disziplin, von Kampfesmut und Opferfreudigkeit, durchdrungen von dem Wissen, um eine gerechte Sache zu kämpfen, geführt von militärischen Führern, denen auch die Gegner Deutschlands ihre Bewunderung nicht versagen konnten, von Sieg zu Sieg eilen — Siege, die auch noch die späteste Nachwelt würdigen wird. Gewiss waren auch die Heldentaten der deutschen See- und Luftflotte denen des Heeres ebenbürtig. Das alles konnte indessen nicht zu einem Endsiege reichen. Es gibt Nationen, die wenden geschmeidigere Kampfweisen an: Den Gegner langsam psychisch zu zermürben und ihn gleichzeitig physisch zu zerschmettern. In diesen Dingen ist aller Völker Meister England.

Wie sehr die britische Überlegenheit auf diesem Gebiet die Weltgeschehnisse beeinflusste, zeigte sich, als bei Beginn des Krieges der Wettlauf um die Gunst Amerikas

begann. Zwar waren über 8 vH. der Bevölkerung deutsch oder deutscher Abstammung, aber es waren in der Hauptsache tüchtige Handwerker, strbsame Gewerbetreibende oder fleissige kleine Landwirte. Sie waren überall geachtet und angesehen; die hohe Politik aber wurde von dem angelsächsischen Einschlag Amerikas beherrscht. Wenn also gleich nach Ausbruch des Krieges der deutsche Einfluss mehr oder weniger schnell ausgeschaltet werden konnte, dann ist das hauptsächlich auf den sofortigen Einsatz der britischen vierten Waffe zurückzuführen.

Ein Militärstaat war das Inselreich nie. Aber es handhabte von Ausbruch des Weltkrieges an eine furchtbare Waffe: Einen meisterhaft geleiteten Nachrichtendienst, der die deutschen Pläne oft schon im Keime kannte, eine fabelhaft ausgearbeitete Postzensur, die den Markt der ganzen Erde und die Stimmung von Feind und Freund kontrollierte und eine raffiniert durchdachte Propaganda, die es erreichte, das Deutsche überall zu diffamieren und schliesslich in das Rückenmark des eigenen Heeres kroch und ihm das Mark aus den Knochen sog.

Die Postzensur

Die Postzensur ist wohl sicherlich nicht viel jünger als das Briefschreiben überhaupt. Allein derartige Zensuren, d. h. das unbedingte Öffnen von Briefen mit der Absicht, aus dem Inhalte zu profitieren, blieb (Schluss auf Seite 16)

verabfolgt. Die fielen auch prompt auf den Schwindel herein und schrien in grosser Aufmachung, dass Hitler den Gauleiter Wilhelm Bohle zum zukünftigen Nazidiktator in England bestimmt habe. Daneben würden in verschiedenen deutschen Schulen bereits Kurse zur Ausbildung der deutschen Gouvernanten für England abgehalten. Auf diese Sensation erwarten wir kein Dementi der Reichsregierung. Wo bliebe sonst die Psychologie. Wenn es noch eines Hinweises bedürft hätte, warum Deutschland auch in diesem Lügenkrieg siegreich bleiben wird — hier wäre er unter dem schallenden Gelächter der übrigen Welt, die an der deutsch-englischen Generalabrechnung nicht beteiligt ist, ungewollt humorvoll gegeben.

A Guerra das Falsidades

(Conclusão da 1.ª pagina.)

Havas contra Havas

Em 21. 1., a agência franceza revelou ao mundo, que Mussolini estaria preocupadissimo por causa da politica alemã no Baltico e nos Balkans, tendo porisso chamado o cunhaador em Berlim para Roma, afim de prestar informações especies. Ora, em 27. 1. a Havas escreve, satisfetissima da silva, e seus freguezes o reproduzem eon o mesmissimo atã de seis dias atrás, que a Italia e a Alemanha assumem a mesma attitude e defendem os mesmos interesses no que tange a politica nos Balkans. Isso diria respeito, em particular, a todos os problemas do petroleo rumaco. E a United Press affirmam em 29. 1., ao ratificar a ultima noticia, que o bureau semi-official francez teria, para variar, blefado de novo os seus leitores.

Ataques a bombas aéreas — á vontade!

Em 10. 1., o Ministerio do Ar britannico communicou, que uma esquadilha ingleza teria atacado a bomba a base aérea na ilha Sylt, destruindo-a. A Alemanha desmentiu a noticia e declarou, que os bretões haviam bombardeado a ilha dinamarqueza Roem que fica na vizinhança. No dia 13. 1., a T.-O. informou de Copenhague, que o governo dinamarquez havia protestado em Londres por causa do bombardeamento da ilha Roem, exigindo uma indemnização. Decorreram duas semanas, sem quaesquer reacções victoriosas provocadas pelo „ataque a Sylt". Eis, porém, que se manifesta inesperadamente a revista ingleza „Action", com um sarcasmo verdadeiramente offensivo que ella faz jorrar sobre as noticias da imprensa referentes aos mais recentes actos de heroismo dos seus patricios. No artigo escripto a este proposito lê-se textualmente: „A série de ataques emprehendidos hontem, já tarde da noite, pela arma aérea ingleza („Daily Telegraph"), culminou num raide em que tomaram parte 40 aviões, segundo o „Daily Herald"; 42, segundo o „Daily Express"; 45, segundo o „Daily Mirror"; 50, segundo o „Daily Telegraph"; e mesmo 100, segundo o „Evening Standard". Os ataques á propria ilha começaram ás 6 horas da manhã, ao appareceram varios aparelhos por cima da ilha („Times") e duraram o dia inteiro até ás 19 horas („Daily Mirror"). Os ataques prolongaram-se por 10 horas, conforme o „Daily Herald"; por 16

horas, conforme o „Daily Telegraph". O dique Hindenburg, que tem 15 milhas de comprimento („Daily Herald") e que corta o estreito de 6 3/4 milhas entre Sylt e o continente („Daily Telegraph"), foi atacado pelos bombardeiros da frota aérea britannica. Tres bombas, que foram vistas deflagrar bem de perto („Times"), attingiram o alvo, tombando bem no meio do dique („Daily Express") e das quaes no minimo uma („Daily Telegraph") acertou de facto o dique que foi danificado no respectivo ponto. A destruição do dique pôde ser vista das costas da Dinamarca („Evening Standard"). Foi destruída a via ferrea dupla de grande importancia vital („News Chronicle"), a qual liga, através do dique Hindenburg, com uma linha de trilhos singela, a ilha Sylt com Klanxbuell, no continente („Daily Telegraph"). Entretanto, no dia seguinte viu-se de novo um trem atravessar lentamente o dique Hindenburg („Daily Telegraph"). Todas essas informações — acrescenta a revista ingleza „Action", concluindo — foram coroadas pelo communicado official do Ministerio da Aeronautica britannico, em que se afirma, que não se realizou nenhum ataque aéreo á ilha Sylt.

O feifeiro Hitler

Não queremos terminar este capitulo, que vae ser lido nas vespersas do carnaval, sem uma deliciosa charagada pela qual somos gratos á tia Havas e que esta nos transmite de Copenhague. Um jornalista dinamarquez teria sussurrado aos ouvidos do representante local da refrida agencia, que o povo allemão estaria realmente convencido de que Hitler seria um bruxo e que até julho proximo terá levado a Alemanha á victoria. Seriam phantasticas as idéas que o povo teuto teria dos poderes thaumaturgicos do Führer. „Unsão de opinião que o chanceler Hitler conseguirá transformar a Grã-Bretanha em um bloco de gelo. Outros ha que estão persuadidos de que o Führer tem poderes para mergulhar os ingleses em um profundo sono do qual acordarão no fim de quinze dias para então presenciarem a occupação da Grã-Bretanha pelas tropas germanicas." Na realidade, porém, o povo tedesco pensa de modo bem diferente acerca do seu guia. Não ha nenhuma necessidade de se recorrer a formulas cabalisticas e a prophcias para que o povo allemão torne possível o impossivel, sob o governo de Hitler, e que se tenha decidido a levar esta guerra a um termo victorioso e a construir uma Europa em que domine a ordem e reine a paz.

O dictador para a Inglaterra

Esta noticia não foi fornecida ás redacções, curiosamente, pela Reuter, mas apenas pela Havas e pela United Press. E as redacções cahiram promptamente na esparrela e bradaram espalhafatosamente, que Hitler teria indicado o chefe districtal Wilhelm Bohle para o cargo de dictador nazista na Inglaterra. Além disso, vinham sendo creados cursos em diversas escolas allemãs para a formação de governantes teutas destinadas á Inglaterra. A esta noticia sensacional não esperamos nenhum desmentido por parte do governo do Reich. Que papel estaria então reservado á psychologia? Dispensamo-nos de mostrar aqui aos leitores, porque a Alemanha sahirá victoriosa tambem desta guerra das falsidades, pois a hilaridade que vae por todo o orbe e que atinge todos os povos que não tomam parte neste ajuste de contas geral tento-inglez deixa-o bem patente de u'a maneira involuntariamente humoristica.

Die Seeschifffahrt

Englands grösster kriegswirtschaftlicher Engpass

England ist — mit Ausnahme der Kohle — bei allen kriegswichtigen Rohstoffen und den Hauptnahrungsmitteln weitgehend, grösstenteils sogar hundertprozentig auf die Einfuhr angewiesen. Der Transport über See wird deswegen zu einem Engpass gefährlichster Art für England, wenn es gegen einen Staat Krieg führt, der in der Lage ist, das Inselreich durch Einsatz von U-Booten, Ueberwasserstreitkräften und Flugzeugen seinerseits zu blockieren.

Die bisher zur Erreichung dieses Zieles vollbrachten Leistungen der deutschen Kriegsmarine und Luftwaffe haben England die Gefahr seiner Einfuhrabhängigkeit eindringlich bewusst werden lassen. Im Vordergrund al-

ler kriegswirtschaftlichen Erörterungen steht deshalb heute in Grossbritannien die Frage: Kann die britische Handelsflotte — trotz immer grösser werdender Verluste durch den deutschen Handelskrieg — die Versorgung des Mutterlandes mit Rohstoffen und Nahrungsmitteln weiterhin sicherstellen?

I. Die Grösse der englischen Handelsflotte

England nahm bis zum Ausbruch des Krieges nicht nur den ersten Platz im Welthandel ein, es besass auch die grösste Handelsflotte unter allen seefahrenden Nationen, wie die nachstehende Statistik zeigt:

Die Handelsflotten der wichtigsten seefahrenden Nationen in den Jahren 1914 bis 1938

	Rauminhalt in Bruttoregistertons absolut		Anteil in Prozent		Zahl der Schiffe		Anteil am Welthandel 1937	
	1914	1938	1914	1938	1914	1938	in Proz.	
Welt insgesamt	49 090	67 847	100,0	100,0	30 836	30 990	100,0	
Grossbritannien	19 257	17 781	39,2	26,2	9 240	7 203	13,9	
Britischer Besitz	1 788	3 167	3,6	4,7	2 088	2 476	14,3	
Vereinigte Staaten	3 015	9 486	6,1	14,0	2 564	2 839	12,1	
Japan	1 708	5 007	3,5	7,4	1 103	2 187	4,5	
Norwegen	2 505	4 614	5,5	6,8	2 191	1 965	1,0	
Deutschland	5 459	4 244	11,1	6,3	2 388	2 328	8,7	
Italien	1 668	3 299	3,4	4,8	1 160	1 293	2,4	
Frankreich	2 319	2 904	4,7	4,3	1 576	1 307	5,1	
Niederlande	1 496	2 855	3,0	4,2	806	1 482	2,8	
Griechenland	837	1 889	1,7	2,8	485	638	0,5	
Schweden	1 118	1 567	2,3	2,3	1 466	1 246	2,0	
Sowjetrussland	1 054	1 281	2,1	1,9	1 254	693	1,1	
Dänemark	820	1 130	1,7	1,7	822	695	1,3	

Wenn England auch heute noch über die grösste Handelsflotte der Welt verfügt, so ist

seine Stellung in der Weltschifffahrt heute bei weitem nicht mehr so beherrschend wie 1914.

Die britische Handelsflotte

	Grossbritannien		Britisches Weltreich insgesamt	
	1914	1938	1914	1938
Anzahl der Schiffe davon	9 240	7 203	11 328	9 679
Segelschiffe	653	360	1 205	618
Dampfschiffe	8 587	5 871	10 123	7 613
Motorschiffe	—	972	—	1 448
Brutto-Register-Tonnen davon	19 256 766	17 780 859	21 045 049	20 947 820
Segelschiffe	364 677	105 455	521 343	228 730
Dampfschiffe	18 892 089	13 621 157	20 523 706	16 259 160
Motorschiffe	—	4 054 247	—	4 459 930

Erstens ist die englische Handelsflotte (ohne die der britischen Besitzungen) 1938 um rund 1 1/2 Millionen t kleiner, als sie bei Ausbruch des Weltkrieges war. Zweitens sind in dem Flottenbestand des Jahres 1938 von 7203 Schiffen mit 17,78 Millionen BRT. auch alle diejenigen Fahrzeuge enthalten, die sich nicht allgemein für den Seetransport von Handelsgütern eignen, wie z. B. die reinen Personendampfer und vor allem die Tanker. Während beispielsweise die Tanker vor dem Weltkriege kaum eine Rolle spielten, besitzt England heute allein 435 Tankerschiffe mit insgesamt 9,92 Millionen BRT. Weiter sind in der oben angegebenen Gesamtzahl noch 1526 Fischdampfer mit zusammen 400 000 BRT. enthalten. Rechnet man diese Spezialschiffe ab, weil sie im allgemeinen für den Transport über See nicht geeignet sind, so verbleibt eine reine Ozeantonnage der englischen Handelsflotte von insgesamt 10,74 Millionen BRT.

In einer eingehenden Untersuchung kommt deshalb der Hamburger „Wirtschaftsdienst“ zu folgendem Schluss: „1914 betrug die für den Gütertransport verfügbare britische Handelsflotte etwa 17,4 Millionen BRT. 1939 sind es aber höchstens 12—13 Millionen BRT.“ Die Transportkapazität der britischen Handelsflotte hat sich also gegenüber 1914 ganz beträchtlich vermindert.

An dieser Feststellung ändert auch grundsätzlich die Tatsache nichts, dass die Leistungsfähigkeit der heutigen Schiffe teilweise grösser ist als vor dem Weltkriege. Es ist dies einmal eine Folge der höheren Reisegeschwindigkeit und zum anderen das Ergebnis der veränderten Zusammensetzung der Tonnage durch die grössere Zahl der Motorschiffe und der höheren Anteile der ölbefeuerten und der Turbinenschiffe bei den Dampfschiffen.

II. Handelstonnageverluste im Weltkriege und 1939

Die absolute Zahl der Entwicklung und der prozentuale Anteil der englischen Kriegsver-

luste während des Weltkrieges geht aus der nachstehenden Statistik hervor:

Kriegsverluste von Handelstonnage in 1000 BRT.	von August 1914 bis November 1918:				
	1914	1915	1916	1917	1918
Welt ohne Mittelmächte	319	1 312	2 305	6 078	2 528
Grossbritannien	253	885	1 232	3 660	1 632
Grossbritannien in vH. der Weltverluste	78,3	67,4	53,4	60,2	64,9

Während der vier Weltkriegejahre verlor England insgesamt 7 662 000 BRT., was ca. 37,4 vH. seiner Handelstonnage im Jahre 1914 entspricht. Die absolute Verlustziffer nahm von Jahr zu Jahr zu. 1917 erreichte sie mit 3 660 000 BRT. ihren Höhepunkt. In diesem einen Jahre wurde fast genau soviel Tonnage versenkt wie in den übrigen drei Jahren zusammen.

Im Gegensatz zum Verlauf der absoluten Verlustzifferkurve gelang es England, seinen Anteil an den Gesamtverlusten herabzudrücken. Vom Höhepunkt 1914 mit 78,3 vH. sank der Anteil Grossbritanniens an den Weltverlusten auf 53,4 vH. im Jahre 1916, um dann auf 60,2 vH. 1917 und 64,9 vH. 1918 wieder anzusteigen.

Die gewaltigen Schiffsverluste Englands im Jahre 1917 brachte das Weltreich in die schwierigste Krise. „Sieben lange Monate — von Februar bis einschliesslich August — stand die Situation für uns auf des Messers Schneide“, schreibt Lord Jellicoe in seinem Buche „Der U-Bootkrieg“. Wenn Deutschland trotzdem ein endgültiger Erfolg versagt blieb, so lag das an dem zu späten totalen Einsatz der U-Bootwaffe, bedingt durch das Auseinanderklaffen von Politik und Kriegsführung im damaligen Reich. Ein derartiger Fehler wird sich in diesem Kriege nicht wiederholen.

Das kommt deutlich in den bisherigen Erfolgskurven unseres Handelskrieges zum Ausdruck. In den ersten vierzehn Tagen Handelskrieg gegen die englische Flotte wurden

nach amtlichen Meldungen des Auslandes 30 Schiffe mit insgesamt 190 000 BRT. — 1,2 vH. des gesamten britischen Flottenbestandes versenkt. Ende Oktober 1939 betrug nach einer Bekanntmachung des Oberkommandos der Wehrmacht die Zahl der dem deutschen Abwehrkampf zum Opfer gefallenen Schiffe 115 mit rund 475 000 BRT. In dieser Ziffer sind allerdings die Verluste der auf England fahrenden neutralen Handelsschifffahrt mit enthalten. Vom Oberkommando der Wehrmacht liegt eine Aufspaltung nach feindlichen und neutralen Schiffen nicht vor. Nach russischen Schätzungen soll der Anteil der Engländer an der genannten Verlustzahl 59 vH. sein. Für die Richtigkeit dieser Schätzung spricht, dass im Durchschnitt der vier Weltkriegejahre der Anteil Grossbritanniens an den Weltverlusten 61 vH. betrug.

Nach den neuesten deutschen Meldungen wurden von der auf England fahrenden feindlichen und neutralen Schifffahrt in der Zeit vom Kriegsbeginn bis zum 29. November 1939 durch U-Boote oder Minen versenkt:

a) Nach bereits bestätigten Meldungen: 162 Schiffe mit 639 869 BRT. davon 52 neutrale Schiffe mit 185 218 BRT.

b) Nach sonstigen Meldungen weitere 32 Schiffe mit 96 079 BRT. davon 16 neutrale Schiffe mit 39 079 BRT.

Damit sind die Gesamtverluste von Kriegsbeginn bis zum 29. November 1939 auf 194 Schiffe mit 735 768 BRT. gestiegen.

Die rein englischen Verluste betragen also nach der obigen Verlautbarung in den ersten drei Kriegsmonaten 116 Schiffe mit insgesamt 511 199 BRT. Der englische Anteil an den Gesamtverlusten ist mit 69 vH. im Vergleich zu den Ende Oktober veröffentlichten Angaben von 59 vH. nicht unwesentlich gestiegen. In dieser Tatsache kommt auch zum Ausdruck, dass die neutrale Schifffahrt mehr und mehr „die Todesfahrt nach England“ zu scheuen beginnt und immer weniger geneigt ist, dieses ausserordentliche Risiko zu laufen.

III. Die Hilfestellung der neutralen Schifffahrt

Der deutsche U-Bootkrieg und die Minengefahr in den englischen Gewässern haben das Risiko der Handelsschifffahrt auf England vor allem seit etwa einem Monat so gross werden lassen, dass die Hoffnung Englands auf ein ungeschmäleretes Zurverfügungstehen neutraler Dampfer ernstlich gefährdet ist. Was das für die Versorgung des Inselreiches bedeutet, wird klar, wenn man sich



Niedergeschlagenheit

befällt zuweilen selbst bedeutende Menschen und schwächt die Arbeitsfähigkeit.

Wenn Sie mit „Nerven“ zu tun haben, denken Sie an

Bromural

Dieses ausgezeichnete Nervenberuhigungsmittel gibt Ihren erschöpften Nerven die natürliche Spannkraft wieder und versetzt Sie in die Lage, das verlorene seelische Gleichgewicht wiederzugewinnen.

Bromural ist unschädlich. Keine Gewöhnung. Seit 30 Jahren in der ganzen Welt bewährt. Kaufen Sie sich noch heute eine Röhre zu 10 oder 20 Tabletten in Ihrer Apotheke.

KNOLL A.-G., Ludwigshafen a. Rh. (Deutschland).

Englands Schiffsverkehr im Aussenhandel 1937

In Häfen des Vereinigten Königreichs	Zahl der Schiffe	Eingegangen		Abgefertigt		
		1000 NRT.	Proz.	Zahl der Schiffe	1000 NRT.	Proz.
Englische Schiffe beladen und beladen	37 434	50 148	53,3	37 641	50 543	53,5
Fremde Schiffe beladen und beladen	24 926	39 289	55,8	30 993	35 984	58,6
in Ballast	36 947	43 952	46,7	36 900	43 970	46,7
in Ballast	28 033	31 130	44,2	23 778	25 407	41,4

Diejenigen neutralen Staaten, deren Anteil am englischen Schiffsverkehr relativ besonders hoch war, sind (1937): Norwegen mit 5,8 vH., die Niederlande mit 5,6 vH., Schweden mit 3,6 vH., Dänemark mit 3,4 vH., Belgien mit 1,8 vH., Finnland mit 1,7 vH., Griechenland mit 1,6 vH., Sowjetrussland mit 1,0 vH., und Japan mit 0,6 vH. Diese Länder waren vor allem im Transport von Nahrungsmitteln (Niederlande, Dänemark, Griechenland), von Holz (Schweden) und von anderen Massengütern tätig. — In stärkerem Umfange war noch Frankreich mit 6,3 vH. am englischen

Verteilung nach Flaggen

	Zahl der Schiffe	Eingegangen		Abgefertigt		
		1000 NRT.	Proz.	Zahl der Schiffe	1000 NRT.	Proz.
England	37 434	59 148	53,3	37 641	50 543	53,5
Deutschland	3 780	7 743	8,2	3 790	7 765	8,2
Frankreich	3 754	5 897	6,3	3 716	5 900	6,2
Belgien	2 364	1 685	1,8	2 357	1 685	1,8
Niederlande	7 579	5 269	5,6	7 548	5 259	5,6
Dänemark	4 900	3 161	3,4	4 880	3 143	3,3
Norwegen	4 589	5 483	5,8	4 594	5 491	5,8
Schweden	4 245	3 372	3,6	4 301	3 433	3,6
Finnland	1 508	1 575	1,7	1 510	1 577	1,7
Griechenland	642	1 519	1,6	639	1 517	1,6
Vereinigte Staaten	565	3 333	3,5	557	3 305	3,5
Japan	102	556	0,5	104	563	0,6
Sowjetrussland	499	905	1,0	507	919	1,0

Auf Grund der in den letzten Wochen für die neutralen Schiffe so beträchtlich gestiegenen Gefahr der Handelsschifffahrt auf England ist anzunehmen, dass die Neutralen ihre Schiffe diesem Risiko nicht mehr aussetzen werden, wenigstens nicht annähernd in dem bisherigen Umfang. Dafür sprechen mehrere Gründe.

Erstens haben die Neutralen die bittere Erfahrung des Weltkrieges nicht vergessen, dass einige von ihnen eines grösseren Teiles ihrer Handelsflotte verlustig gingen als die kriegführenden Mächte selbst. Während z. B. Frankreich 48,1 vH. und Grossbritannien 37,4 vH. ihres Handelstonnagebestandes von 1914 einbüsst, verloren Norwegen 60 vH., Griechenland 48,5 vH., Dänemark 31,7 vH., Schweden 20,2 vH., und die Niederlande 14,1 vH.

IV. Die britischen Seehäfen

Die Ein- und Ausfuhr Englands vollzieht sich im wesentlichen über eine relativ geringe Anzahl britischer Häfen. Wertmässig entfallen auf die sieben grössten Häfen mehr als 80 vH. der Einfuhr und sogar mehr als

Zweitens werden die Neutralen diesmal stärker zur Verteidigung ihrer absoluten Neutralität stehen als im Weltkriege.

Drittens dürfte sich bei längerer Kriegsdauer die Nachfrage nach Schiffsraum ausserhalb der europäischen Gewässer stark steigern, da die Kriegsverluste der Engländer und Franzosen die Neutralen zwingen werden, ihre zwischen fremden Staaten tätigen Handelsschiffe zurückzuziehen und für eigene Zwecke einzusetzen. Hier liegt eine Chance für die neutrale Schifffahrt, ihre zum Stilllegen gezwungene Tonnage rentabel zu verwenden, ohne sie der andauernden Gefahr des Totalverlustes ausgesetzt zu wissen.

Viertens wird durch den Ausfall der Flotten der kriegführenden Staaten der Transportbedarf der Neutralen zur Abwicklung des Verkehrs untereinander zunehmen.

90 vH. der Ausfuhr. Allein über London und Liverpool gehen rund 3/5 der Einfuhr und mehr als 2/3 der Ausfuhr, wie aus der nachstehenden Statistik im einzelnen zu ersehen ist:

Aussenhandel und Schiffsverkehr der englischen Häfen

1937	Aussenhandel		Schiffsverkehr			
	Einfuhr in Mill.	Ausfuhr Lst.	Zahl der Schiffe	Mill. NRT.	Zahl der Schiffe	Mill. NRT.
London	420,52	140,57	14 832	22,57	13 443	20,39
Liverpool	194,25	155,27	7 273	14,55	7 016	13,03
Hull	69,04	28,63	4 066	5,41	3 472	4,66
Manchester	56,40	15,03	2 185	3,64	1 873	2,94
Southampton	34,56	30,95	2 750	11,88	2 798	11,74
Bristol	34,11	1,47	1 282	2,69	1 043	2,18
Glasgow	29,56	32,79	1 991	4,74	2 055	4,88
Harwich	24,46	3,54	2 123	2,75	2 102	2,73
Newcastle	16,46	13,02	3 860	4,68	4 740	6,13
Grimsby	14,75	5,42	3 003	1,67	3 456	1,98
Leith	13,99	4,01	1 352	1,27	1 381	1,29
Dover	8,08	4,27	3 859	3,88	3 841	3,86
Cardiff	7,24	9,51	3 265	3,76	4 325	6,17
Grangemouth	7,64	1,81	1 124	1,03	703	0,68
Goole	7,01	9,13	—	—	—	—
Newport	2,93	5,36	1 312	1,23	1 599	2,05
Middlesbrough	4,95	7,26	1 393	2,31	1 253	2,36
Plymouth	2,68	0,15	1 250	5,55	1 184	5,45
Swansea	9,10	17,16	1 996	2,57	2 782	3,26

In der Massierung des englischen Aussenhandels in einer kleinen Zahl grösster Häfen liegt vom kriegswirtschaftlichen Standpunkt eine bedenkliche Schwäche. Der Grad der Gefährdung der Häfen selbst als auch des ihnen zuströmenden Schiffsverkehrs ist naturgemäss viel höher, als es bei einer grösseren

Zahl kleinerer Häfen der Fall wäre. Die in Kriegszeiten in diesem Sinne erwünschte Umlagerung lässt sich — wenn überhaupt — nur langsam durchführen, da die dafür notwendigen technischen Voraussetzungen (Umschlagseinrichtungen, Verkehrsanlagen) nur in längeren Zeiträumen zu schaffen sind.

V. Das neue Schiffsverkehrsministerium

Die vorstehenden Ausführungen haben gezeigt, dass die Seeschifffahrt Englands gefährlichster kriegswirtschaftlicher Engpass ist. Auf Grund der Weltkriegserfahrungen und der schon in den ersten Kriegswochen erlittenen Tonnageverluste durch die deutsche Gegenblockade haben sich die Engländer gezwungen gesehen, zur Lösung des kriegswirtschaftlichen Transportproblems schon Mitte Oktober 1939 ein spezielles Schiffsverkehrsministerium zu errichten. Die wichtigsten Aufgaben des neuen Ministeriums sind: Verteilung des knappen Schiffsraumes nach der Dringlichkeit auf die einzelnen Bedarfsträger, Koordination der Forderungen der verschiedenen kriegswirtschaftlichen Behörden, Vergrösserung des Schiffsraumes durch Neubauten, Charterungen usw., Kontrolle der Innehaltung der staatlichen Marinefrachtraten und schliesslich Sicherung der Schifflinien durch Überwachen des Funktionierens des Konvoi-Systems.

Die Zusammenfassung einer grösseren Anzahl von Handelsschiffen zur selben Zeit an selben Orte erfordert die schwierige Abstimmung der Verladere, der Exporteure, der Speditoren und der Hafen-Umschlagseinrichtungen aufeinander. Diese Umstellung fast des ganzen Schiffsverkehrs- und Güterumschlagsapparates auf das Konvoi-System ist natürlich nicht ohne erhebliche Reibungsverluste, ohne viel zusätzliche Zeit und zusätzliches Geld möglich. Unter Zugrundelegung der Weltkriegserfahrungen ist berechnet worden, dass durch die Zusammenstellung von Geleitzügen die Transportleistung einer Handelsflotte um rund ein Drittel ihrer sonstigen Leistung vermindert. Danach verringert sich also die für den Gütertransport zur Verfügung stehende britische Handelsflotte von 12 bis 13 Millionen BRT. auf 8—8 1/4 Millionen BRT.

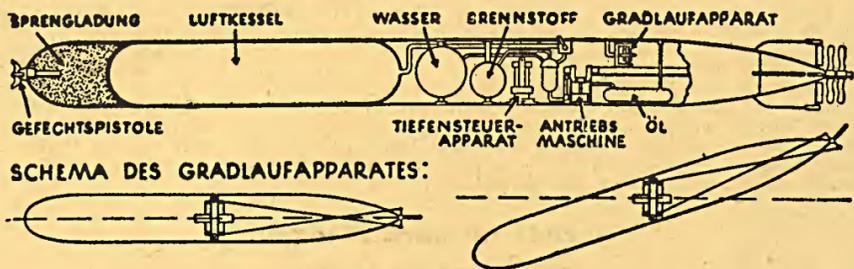
Welche dieser Aufgaben dem Schiffsverkehrsminister die meisten Sorgen und die grössten Schwierigkeiten machen wird, kann nur die Zukunft lehren. Zu einem grossen Problem allerersten Ranges dürfte sich die Durchführung des Konvoi-Systems entwickeln. Es birgt u. a. die überaus schwierige Aufgabe in sich, die zur Sicherung aufgestellten Kriegsschiffverbände mit den Dispositionen der Reedereien in Einklang bringen. Alle Schiffe, die auf derselben Route fahren, müssen zeitlich und örtlich so zusammengefasst werden, dass ihnen begleitende Kriegsschiffe zum Schutz beigegeben werden können.

Ob der neue Schiffsverkehrsminister Mittel und Wege finden wird, bzw. kann, um diesen Tonnageverlust, der noch durch die Einziehung von Schiffen für militärische Zwecke, durch die Umlegung und Verlängerung der Reiserouten usw. erhöht wird, auszugleichen, erscheint mehr als zweifelhaft. Selbst wenn es gelingen sollte, sind damit ja noch immer nicht die Verluste ersetzt, die der deutsche U-Bootkrieg tagtäglich der britischen Handelsflotte zufügt und die von Woche zu Woche grösser werden.

(Aus der „Deutschen Wirtschafts-Zeitung“, Organ der Industrie- und Handelskammern in der Reichswirtschaftskammer, Berlin, Nr. 1 bis 4, 1. 1940).

Der Torpedo —

die gefährlichste Waffe der modernen Seekriegsführung



Wir geben hier eine schematische Darstellung eines Torpedos in der Seitenansicht. Der Torpedo ist, wie die beiden anderen Kampfmittel der neuzeitlichen Seekriegsführung, Mine und Wasserbombe, ein Unterwassergeschoss, das über und unter Wasser abgeschossen werden kann. Er bewegt sich dann nach dem Abschuss aus eigener Kraft vorwärts, wobei man ihn genau auf eine vorher eingestellte Tiefe steuern kann. Wie die anderen Unterwasserwaffen enthält auch das Innere des Torpedos eine mehrere Hundert Kilogramm schwere Sprengladung, die beim Auftreffen auf einen Schiffsrumpf gezündet wird. Im allgemeinen sind die Torpedos bis sieben Meter lang und haben ein Kaliber von 53 Zentimetern. Die maschinelle Anlage, die auf unserer Zeichnung der Uebersichtlichkeit wegen etwas auseinandergezogen ist, ermöglicht einen Einsatz auch auf grosse Entfernungen. Der grosse Luftkessel verleiht dem Torpedo seine Schwimmfähigkeit. Nach der Antriebsmaschine ist der Gradlaufapparat sein wichtigster Teil. Seine Wirkung veranschaulichen die beiden unteren Zeichnungen: Ein Kreislauf, in schnellster Drehung versetzt, hat das Bestreben, die Richtung seiner Drehungsachse in der einmal gegebenen Schusslinie beim Torpedoschuss beizubehalten. Gerät der Torpedo aus seiner Bahn, so überträgt der richtunghaltende Kreislauf die Abweichung auf das Seitenruder und bewirkt so automatisch ein Zurückkehren in die alte Laufbahn des Kurses.

O Judeu como Cidadão
Jacob Klatzkin occupa-se dos seus irmãos de raça

Os judeus desempenham um papel duplo desde que vivem entre povos estranhos, isto é, em Estados não fundados por eles e em cidades que não devem a elles sua existencia. Externamente, em relação ao povo hospedeiro, elles se conduzem com extrema lealdade, a ponto de se chegar a acreditar, que sem elles nem sequer seria possível uma vida estatal. O judaísmo conseguiu lograr os povos através dos seculos. Immiscuiram-se os judeus, durante seculos e seculos, emhusteiros que são, na administração publica, decompondo culturas não-judaicas com o exotismo es-

piritual e psychico dos seus sentimentos, do seu pensamento e de sua vida. Sendo incompetente como constructor e improductivo como creador, o judeu só consegue ser o portador de pensamentos e idéas que vão inteiramente de encontro aos interesses dos povos hospedeiros. Eis uma realidade que se patenteia, a cada passo, precisamente nos nossos dias. E contudo, existe gente aos milhares e milhares que continua a ver o judeu tal qual como este quer ser visto. Acoima-se de „antisemitismo barbaro“ todo esclarecimento e toda prova sóbria neste particular. E prossegue-se a

afirmar, que um homem culto não poderia acreditar que constituísse um perigo para a collectividade um individuo que se destinava apenas pelas suas concepções religiosas. Um dos livros mais recentes do judeu Jacob Klatzkin, „Problemas do Judaísmo“, vae nos provar, se o esclarecimento sobre a essencia do judaísmo deve ser apresentado, de facto, como anti-cultural, e a noção sóbria como mentira. Klatzkin é um dos poucos entre os judeus, que tem a coragem de expôr também externamente seus companheiros de raça taes quaes elles são na realidade, graças ao que elle atrahiu o odio das mais amplas camadas do povo judaico. Klatzkin prova com as seguintes palavras, se o judeu pôde ser um bom cidadão do Estado em que se acha domiciliado: „Somos absolutamente estranhos na nossa natureza; somos um povo estranho em vosso meio e queremos continuar a sel-o. Abre-se entre vós e nós um abismo intransponível; estranho nos é vosso Deus e vossa herança; estranho nos são vossas tradições, hábitos e costumes, bem como vossas reliquias religiosas e nacionaes, vosso domingo e vossos dias feriados...“

Ora, isso não significa um Estado dentro de outro? — Entretanto, Klatzkin torna-se ainda mais explicito: „Em toda parte somos um povo estranho no seio da nação do respectivo paiz e queremos persistir inflexivelmente no nosso exotismo... Os judeus não conseguem ou não querem misturar-se com a nação que os hospeda. E mesmo que tomem attitudes de genuinos alemães, francezes, etc., continuarão a ser judeus, isto é, gente de outro tipo... Perdemos o nosso Estado, não, porém, nossa constituição estatal. Logramos salvar esta por assim dizer como Estado portátil que nos possibilitou também na diáspora uma especie de autonomia nacional... Só o codigo judaico domina e permite nossa vida em todas as suas manifestações. Para nós só era competente a justiça judaica. Não appellamos para a justiça do paiz e não reconhecemos seus codigos. Se as suas leis nos eram impostas, consideravamos-as como pesadas obrigações e esforcavamos-nos constantemente por afastal-as ou burlal-as...“

„Declaramo-nos um povo acima de todas as fronteiras geographicas, uma unidade acima de toda pluralidade dos paizes do nosso domicilio, em summa, um povo dentro do povo. Estamos firmemente resolvidos a defender e fortalecer nossa maneira de ser diferente do ponto de vista nacional, portanto nosso exotismo nacional em meio aos povos hospedeiros!“

Existe ainda uma série de paizes em que o judeu é, até á presente data, mais ou menos o porta-voz da opinião publica. A imprensa judaica e judaizada exalta-se, em toda e qualquer oportunidade, em protestos e exclamações patrioticas; e os oradores do povo de eleição portam-se não raramente como se o judaísmo quizesse ajudar o povo hospedeiro mesmo contra a vontade deste. Escreve-se e fala-se, com uma exuberancia sem par, da Patria e dos perigos que a ameaçam. Lê-se e ouve-se essa moxinifada e chega-se a ser tentado a render graças a Deus por ter abençoado o paiz, hriudando-o com tão excellentes cidadãos. Ouça-se esta confissão do judeu Klatzkin:

„Não consiste porventura em prestar testemunho falso, se elles (os judeus) asseguram, reciosos, aos povos hospedeiros: Somos bons patriotas alemães e francezes? Se o seu patriotismo judaico não fôr uma dissimulação então o é o seu cionismo. Porque nos insurgimos, quando se diz de nós, que o nosso patriotismo alemão, francez, etc. não possui a força da totalidade e exclusividade, nem o grau de entusiasmo inherente ao patriotismo dos alemães genuinos, dos francezes genuinos, etc.? Os paizes do nosso exilio são para nós paizes de domicilio não sagrados e não Patrias abençoadas... Devemos acrescentar a isso, que um ju-

deu fiel ao seu povo só pôde ser um patriota judaico e não de outra especie...“ Deve-se também ter em devido apreço notadamente o que Klatzkin escreve sobre o sangue do soldado judaico: „É qual o papel dos herões judaicos em guerras estranhas? Que é que o judaísmo tem a ver com suas condecorações estranhas?... O povo judaico não tem nenhuma razão para distinguil-os também com crachás judaicos. Elles não são herões judaicos, herões nossos... O heroísmo da guerra não é peculiar ao judeu... Também Jacob tinha medo de ser morto...“

„Não está em nosso poder, evitar que a espada estremeça em nossa mão... Assim, as guerras dos povos do paiz do nosso domicilio não são novas guerras, nem tampouco seus inimigos, nossos inimigos. Nossos avoengos cobriam-se de luto ante a victoria do povo seu hospedeiro, quando esta redundava em infortunio para o judaísmo de outro paiz...“

No exilio, não consideramos nenhum paiz como sendo nossa Patria!“

E como ter-se-á dado — somos inclinados a perguntar — que o judaísmo conseguiu ludibriar os povos seus hospedeiros durante quasi dous mil annos? — Eis a resposta: Porisso que oppunha á honestidade e á piedade sempre u'a mascara colorida e a perfidia e visto que para fóra não queria ser considerado um povo dentro de muitos outros povos, apresentando-se, porém, como comunidade religiosa! A proposito, o judeu Klatzkin escreve o seguinte: „Os povos hospedeiros ignoravam o segredo que consistia em que nossa constituição governamental representava uma vida organizada nacionalmente. Acreditavam, que ella fosse uma igreja, tal como as confissões christãs. Julgavam conceder-nos liberdade de credo, outorgavam-nos, entretanto, contra seus proprios intuitos, privilegios de segregação nacional... Ora, a religião judaica não é uma ideologia, mas sim uma doutrina juridica...“

Da exposição de Klatzkin resalta, pois, claramente:

- 1) que os judeus são e querem continuar a ser, conscientemente, estranhos no meio dos outros povos, só se interessando pela sorte do paiz hospedeiro, desde que a cousa toque directamente na pelle dos judeus;
- 2) que constituem em cada um dos Estados do seu domicilio, em virtude da religião judaica, um Estado proprio seu, com uma constituição e uma legislação sui-generis;
- 3) que não reconhecem fronteiras geographicas, e
- 4) que porisso não têm nenhum interesse em se empenhar, com seus bens e seu sangue, em prol dos interesses estataes do povo seu hospedeiro.

O judeu não é um cidadão leal — e nem o pôde ser. Elle é um elemento estranho, desagregador. Ninguém o confirmou mais expressivamente que o rabbi Levin, ao dizer, no anno de 1856:

„Ninguém é tão perigoso ao throno e ao Estado como os judeus. São apavoradoras as aptidões que possuem para despertar paixões entre os christãos; mesmo em minoria são perigosos para o Estado!“

E. Wendlandt.

Irradiações especiaes
para o Brasil em Língua Portuguesa
das 18.50 às 23.00 horas pelas emissoras
DZC — 10290 Kiloc — 29.15 metros e
DJP — 11855 Kiloc — 25.31 metros
Transmissão do Noticiario de ultima hora
todos os dias ás 20 e ás 22 horas (hora local)

Finnland wirtschaftlich gesehen

Finnland hat bei einer Fläche von rund 383.000 qkm, die derjenigen des ehemaligen polnischen Staates ungefähr entspricht, nur 3,8 Millionen Einwohner und ist damit, von Norwegen abgesehen, das dünnstbesiedelte Land Europas. Die Bevölkerung treibt hauptsächlich Ackerbau und Viehzucht. Von 1,7 Millionen Erwerbspersonen sind nicht weniger als 1,1 Millionen in der Land- und Forstwirtschaft tätig. Die landwirtschaftliche Nutzfläche umfasst 3.427.000 ha, wovon 2.554.000 ha Ackerland und 863.000 ha Wiesen und Weiden sind. Die Waldfläche beträgt 25,3 Millionen ha und umfasst 74 vH. der Gesamtfläche des Landes. Mit diesem ausserordentlich hohen Prozentsatz stellt Finnland so ziemlich an der Spitze aller Länder.

Entsprechend dem Holzreichtum des Landes stützt sich die Industrie, in der 380.000 Personen beschäftigt sind, in der Hauptsache auf die Holz- und Papierindustrie. Im Jahre 1937 wurden in Finnland 1.475.000 t Zellstoff und 716.000 t Holzstoff gewonnen und 606.000 t Papier und 151.000 t Pappe hergestellt. Die Grosseisenindustrie ist nur wenig entwickelt. Ihre Jahreserzeugung beläuft sich auf 13.000 t Roheisen und 42.000 t Rohstahl (1936). Die Zementherstellung betrug im gleichen Jahre 333.000 t. An Kupfererzen wurden 1936 rund 370.000 t mit einem Kupferinhalt von 13.700 t gewonnen. Eine offenbar aussichtsreiche Zukunft haben die Nickelvorkommen Finnlands. Die Erzeugung von elektrischem Strom stellte sich 1936 auf 2192 Millionen Kilowattstunden, wobei von den vorhandenen 1,8 Millionen PS Wasserkraften ca. 380.000 PS ausgebaut sind. An Baumwollspindeln sind 313.000 Stück vorhanden. Der Baumwolljahresverbrauch beträgt rund 60.000 Ballen. Die Motorisierung ist noch nicht weit

vorgeschritten. 1938 zählte man 26.000 Personenkraftwagen und 16.000 Lastkraftwagen insgesamt also nur 42.000 Automobile. Die Handelsflotte besteht aus über einer halben Millionen Netto-Registertonnen. Der Aussenhandelsumsatz bezifferte sich im Jahre 1938 auf 17 Milliarden Finnmark, wovon 8,6 Milliarden auf die Ausfuhr entfielen. Als Ausfuhrgegenstände spielen vor allem Holz, Zellulose und Papier eine grosse Rolle. Wichtig sind ferner verschiedene landwirtschaftliche Erzeugnisse.

Letzte Modelle in:
Damenblusen
Seiden-Jersey:
einfarbig: weiss, rosa, blau, beige, marine
36\$ 42\$ 45\$
Fantasie kariert **32\$000**
Ungarische Blusen: **35\$ 38\$ 48\$**
CASA LEMCKE
SAO PAULO — Rua Libero Badaró 303
— SANTOS — Rua João Pessoa 45-47 —

Die baltischen Völker

Die drei nordischen Länder Estland, Lettland und Litauen werden gemeinsam das Baltikum genannt. Dieser Name hat seinen Ursprung von dem Baltischen Meer, an das die Länder grenzen, also von der Ostsee, die seit dem 11. Jahrhundert so genannt wurde. Die Ostsee bekam diesen Namen nach der Insel Baltia, die von dem römischen Schriftsteller Plinius vor fast 2000 Jahren bereits erwähnt wurde, und worunter eine Bernsteininsel im nördlichen Meer verstanden war. Welche Insel es gewesen ist, lässt sich heute nicht mehr feststellen. Die Bezeichnung Baltikum wurde vom 11. Jahrhundert an zunächst für einen schmalen Küstenstreifen gewählt, aber sie wurde bald auf einen immer breiteren Landstrich ausgedehnt, und heute stösst das baltische Land bis zu 300 Kilometer von der Küste ins Binnenland vor. Es ist ein eigenartiges Land, das in seiner nördlichen Stille und Einsamkeit noch die Merkmale der Ursprünglichkeit in weiten Gebieten an sich trägt. Endlose Wälder und Moore dehnen sich aus, zahllose kleine Flüsse fließen zum Meer, Hügel steigen empor, von denen die Landschaft überblickt werden kann, und in jahrhundertelanger Arbeit sind fruchtbare Aecker und Felder entstanden, auf denen der Roggen und der Flachs gedeiht. Den Herden stehen weitgedehnte Weiden zur Verfügung, wo die Rinder und Pferde sich tummeln. Auch gibt es noch seltenes Wild in den Wäldern; neben dem Elch haust noch der Wolf, der Bär und der Luchs.

In Estland, dem kleinsten und nördlichsten der drei Länder, das mit seinen 70 ihm vorgelagerten Inseln und seinen mehr als 1000 Seen 50.000 qkm umfasst und einviertel Millionen Bewohner zählt, beträgt das Ackerland nur etwa ein Fünftel der gesamten Fläche, und zwei Fünftel sind Wiesen und Weideland, während der Rest noch Wald- und Seengebiet ist.

Lettland, das südwärts sich anschliesst und als grösstes baltisches Land 66.000 qkm misst, mit 2 Millionen Einwohnern, hat bereits mehr als ein Viertel seiner Gesamtfläche in Ackerland verwandelt, über ein Viertel ist Weideland, ein weiteres Viertel wird noch von Wäldern bedeckt und der Rest ist unwegsam. In Lettland sind aber dennoch nur 60 Prozent der Bevölkerung in ländlichen Berufen tätig (in Estland 85), wogegen die übrigen sich in den kleinen Städten niedergelassen haben. Dort sind sie als Handwerker und Händler und an der Küste als Schiffer tätig. Litauen, der südlichste Baltenstaat, der 53.000 qkm misst und 2,2 Millionen Einwohner zählt, ist schon zur Hälfte fruchtbares Ackerland, zu einem vierten Teil noch Weideland und im übrigen von Mooren und Wäldern durchzogen. Hier in Litauen leben wieder 80 Prozent der Bewohner auf dem Lande.

Der gewaltigste Unterschied zwischen den drei Ländern besteht in dem Geburtenüberschuss, den sie aufweisen. Estland hat einen Geburtenüberschuss von nur 3 auf 1000 Einwohner, d. h. er liegt unter dem Durchschnitt Westeuropas, der 4 bis 5 beträgt. Das hat seinen Grund in der grossen Kinder- und auch Erwachsenensterblichkeit, die dem Umstände zuschreiben sind, dass in den einsamen, weit abgelegenen Gebieten mit ihrem feuchten und kühlen Klima noch keine genügenden gesundheitlichen Massnahmen getroffen sind. In Lettland, das etwas bessere Lebensbedingungen aufweist, beträgt die Geburtenziffer wenigstens schon 7 auf 1000, und in Litauen, wo das Klima am günstigsten ist, 13. Bei dem tiefen Geburtenstand der beiden ersten Länder spielen auch westeuropäische Zivilisationsinflüsse, die nach dem Osten vordringen sind, eine erhebliche Rolle.

Die Bevölkerung der drei Länder teilt sich in eine wahre Vielheit von Volksstämmen auf. Die drei Hauptvölker sind die Esten, Letten und Litauer, denen sich viele kleine Volksgruppen anschliessen. Das nördliche Estland wird bewohnt von 1,1 Millionen Esten, von 70.000 Russen, (bisher 30.000 Deutschen) 8000 Schweden, 8000 Letten und 6000 Juden. In Lettland leben eineinhalb Millionen Letten, 200.000 Russen, 100.000 Juden, (bisher 80.000 Deutsche), 50.000 Polen, 40.000 Weissrussen, 20.000 Litauer und 10.000 Esten. Und in Litauen gibt es neben 1,8 Millionen Litauern noch 170.000 Juden, 70.000 Polen, (30.000 Deutsche), 15.000 Letten und 5000 Weissrussen. Das Baltikum bietet also ein buntes Völkergemisch dar, wie es auf so engem Raum eine grosse Seltenheit ist.

Weiter fällt bei den baltischen Staaten

Der Unterschied in dem Grad der Volksbildung

auf. In Estland ist nur noch etwa der fünfte Teil der Bevölkerung des Lesens und Schreibens unkundig, und es bestehen hier bereits 1500 Volksschulen und 100 höhere Schulen. Nicht weniger als 100 Tageszeitungen und Zeitschriften erscheinen, darunter auch verschiedene deutsche. Der deutsche Kultureinfluss war so jahrhundertlang in Estland ganz gewaltig, weil von Deutschland aus die Ansiedler im Gefolge des deutschen Ritterordens sich dort niederliessen und Bildungsstätten gründeten. Die alte Universität Dorpat, die deutschen Ursprungs ist, ist dafür ein besonderes Beispiel. In Lettland hat das Bildungswesen eine ähnliche Höhe erreicht. Es gibt hier 2000 Volksschulen und 150 höhere Schulen. Dazu kommt eine Universität in Riga, die von 7000 Studenten besucht wird. Mehr als 200 Zeitungen und Zeitschriften erscheinen. Unter den Bildungsanstalten besitzt die nichtlettische Bevölke-

rung allein über 500 Elementarschulen und höhere Schulen. Auf die Deutschen entfallen bzw. entfielen davon allein über 100. Nach dem Kriege wurde in Riga auch ein deutsches Herder-Institut errichtet, das den Charakter einer privaten Hochschule annahm. Auch in Lettland war schon früh der deutsche Einfluss führend. Litauen dagegen hat auf dem Gebiete der modernen Bildung, so sehr man in neuerer Zeit Gewicht darauf legte, noch nicht einen solchen kulturellen Grad aufzuweisen wie die beiden anderen Länder. Hier ist die Zahl der Schulen zwar auch schon gross, denn es gibt weit über 2000 Volksschulen und 130 höhere Schulen, aber das Unterrichtswesen hat noch keinen ausgesprochen modernen Charakter (wodurch es vor bestimmten Einflüssen Westeuropas bewahrt geblieben ist), und der Unterrichtsstoff beschränkt sich auf wenige Gebiete. Die Universität in Kowno ist erst 1922 gegründet worden und wird von 3000 bis 4000 Studenten besucht. An Zeitungen erscheinen insgesamt etwa 50 wovon die Litauer allerdings selbst nur die Hälfte herausgeben, während die übrigen sich auf die nichtlitauische Bevölkerung verteilen. Die nach der Abtrennung des Memellandes noch in Litauen verbliebenen wenigen Deutschen besitzen ihrerseits verschiedene Volks- und höhere Schulen. Inzwischen ist ja auch diese Frage durch die Rückwanderung aller Deutschen im baltischen Raum geregelt.

Ein weiterer Unterschied endlich tritt in dem konfessionellen Stand der drei baltischen Staaten sehr stark hervor. Die estländische Bevölkerung ist zu vier Fünfteln protestantisch (Esten, Deutsche, Schweden, Letten), während die übrigen (Russen) orthodox sind. In Lettland überwiegt ebenfalls das protestantische Bekenntnis mit 60 vH., bei Letten, Deutschen und Esten, während die katholische Kirche etwas über 20 vH. (Polen und Litauer) umfasst, die Orthodoxen 10 vH. (Russen, Weissrussen), die jüdische 5 und verschiedene Kleinkirchen noch 5 vH. In Litauen sind 85 vH. katholisch (Litauer, Polen und Deutsche), über 7 vH. jüdisch, 4 vH. protestantisch (Letten, Deutsche) und 3 vH. orthodox (Weissrussen).

Der rassenmäßige Unterschied

zwischen den im Baltikum wohnenden Völkern bedarf einer besonderen Erklärung. Zuerst sind die Deutschen, die in das Baltikum kamen, Balten oder Deutschbalten genannt worden. Der Name des Landes übertrug sich also auf seine hervorragendsten Kolonisatoren. Dann fand der Name auf jene Völker Anwendung, die vom Südosten her nach dem Baltikum vordrangen und ursprünglich eine

eigenartige, dem indogermanischen Sprachstamm angehörende Sprache gemeinsam gesprochen hatten, die sich gänzlich von den slawischen Sprachen unterschied und die den Namen „Baltische Ursprache“ erhielt. Dazu gehörten als Hauptstämme die Altpreussen, die Letten und die Litauer. Die Altpreussen waren schon 1000 Jahre vor Christus nach der Ostsee gekommen, während die Letten und Litauer erst im Laufe der Völkerwanderung, als die Slawen sich nach Europa drängten etwa im 5. Jahrhundert nach Christus, aus der Gegend des oberen Dajepj und der Beresina kamen. Infolge der langen Trennung der Altpreussen von den Letten und Litauern war bereits im dritten vorchristlichen Jahrhundert die alte Ursprache in zwei Dialekte zerfallen, in das Altpreussische und das lettisch-litauische. Diese zwei Dialekte wurden auch dann nicht wieder miteinander verschmolzen, als die Völker sich wieder näher kamen. Die Altpreussen gingen zum Teil so innige Verbindung mit den Deutschen ein, dass sie deren Sprache nach und nach annahmen, und zum Teil verschmolzen sie sich mit den Letten-Litauern. Die Folge davon war, dass es seit dem 17. Jahrhundert nur noch eine einzige baltische Sprache gab: das lettisch-litauische. Diese alte Mundart hat sich dann in allerneuester Zeit, seitdem die Letten und Litauer zu eigenen Staatsvölkern heranwuchsen, wiederum in zwei Sprachen, in das Lettische und Litauische, aufgeteilt, wobei natürlich die innigste Verwandtschaft bestehen geblieben ist.

Als echte „Baltische Völker“ in dem hier genannten sprachlichen Sinne kommen also nur die Letten und Litauer in Betracht. Die Letten nahmen in ihren Lebens- und Kulturbereich auch die kleinen Stämme der Kuren, Liven, Salen und Semgalen, die mit ihnen verwandt waren, auf so dass sie heute mit diesen Stämmen zusammen das lettische Volk ausmachen. Wie schon erwähnt, erhielten die Letten ihre Kultur von den Deutschen, die auch später, als der deutsche Ritterorden sein Ende nahm, weiter die Oberschicht bildeten und die Erbauer der Unterrichtsstätten waren. Die Deutschen bewohnten fast ausnahmslos die Städte (auch heute sind die Restdeutschen nur in den grösseren Städten anzutreffen), während die Letten sich zumeist in den kleineren Landstädten ansiedelten, die überaus zahlreich sind, weil sie das Dorfleben auf dem flachen Lande nicht lieben und hier nur auf grossen Höfen oder auf Gruppenhöfen anzutreffen sind. Seit der Mitte des vorigen Jahrhunderts erwachte in den Letten das Nationalgefühl, und sie pflegten von da an ihre lettische Sprache mit besonderem Eifer. Nach dem Weltkrieg bildete sich aus den ehemals russischen Gebieten Kurland, Livland und Lettgallen der heutige lettische Staat.

Die Litauer waren ehemals ein grosses und mächtiges Volk. Sie unterwarfen sich, als sie nach dem Baltikum kamen, eine Zeitlang russische Gebiete, woraus ein litauisch-russi-

sches Reich entstand, dem dann das selbstständige litauische Reich, das von der Ostsee bis zum Schwarzen Meer reichte, folgte. Dann kam, als von Deutschland und Polen aus die Kultivierung Litauens stattgefunden hatte, das Grossreich Litauen-Polen zustande, worauf später die Polonisierung Litauens einsetzte. 1795 kam Litauen an Russland. Mitte des vorigen Jahrhunderts erwachte auch in den Litauern das Nationalgefühl, und auch sie pflegten ihre Sprache, die die altertümlichsten Elemente des Urbaltischen bis auf den heutigen Tag enthält, von da an sehr. Nach dem Weltkrieg konnte sich dann das selbstständige Litauen bilden. Es ist zu beachten, dass in dem angrenzenden Polen, das jetzt zu Russland gekommen ist, ebenfalls noch rund 300.000 Litauer lebten, von denen jetzt ein Teil durch die Rückgliederung des Wilnaer Gebiets an Litauen wieder zum Mutterland gekommen ist, und in den Vereinigten Staaten von Nordamerika noch etwa 800.000.

Das nördlichste Volk im Baltikum nun, die Esten, sind nach dem jetzt Gesagten streng von den Letten und Litauern zu unterscheiden. Sie gelten in dem genannten sprachlichen Sinne nicht mehr als „Baltisches Volk“, sondern nur als im baltischen Raum wohnend. Der Name Esten rührt von einer Bezeichnung her, die ursprünglich der römische Geschichtsschreiber Tacitus für die Letten, Litauer, Altpreussen, Kuren, Semgalen und Salen gebrauchte, und die er als Aesti bezeichnete. Die Deutschen aber, die die Kolonisierung des Baltikums vornahmen, übertrugen diese Bezeichnung nicht auf die von Tacitus genannten Völker, sondern nur auf den am nördlichsten wohnenden, für sich lebenden Stamm, eben die heutigen Esten. Aus dem lateinischen Aesti wurde das deutsche Esten. Diese waren ihrer Herkunft nach der westliche Zweig der sogenannten Finno-Ugrier, die ihrerseits in der Vorzeit im Südosten gesessen hatten und aus den zwei Stämmen der Finnen und Ugrier sich zu einem neuen Volk gebildet hatten. Die Ugrier sind ausgestorben, während die Finnen ebenfalls nordwärts gewandert sind, in das heutige Finnland. Aus demselben finnisch-ugrischen Stamm sind auch die Ungarn hervorgegangen, so dass die Esten heute die einzigen engeren Stammesverwandten der Ungarn sind. Auch hier in Estland haben die Deutschen lange Zeit die Oberschicht gebildet, und von 1721 bis 1880 gab es sogar eine deutsche Selbstverwaltung, währenddessen die Städte Dorpat und Reval besondere Mittelpunkte der Bildung wurden. Eine Zeitlang gehörte Estland zu Dänemark, dann zum deutschen Ordensland, darauf zu Schweden, dann zu Russland bis zum Weltkrieg, und 1918 entstand der selbstständige estländische Staat.

Vielgestaltig ist das Bild des Baltikums. Die Landschaft redet ihre eigene Sprache, und die Völker zeigen, so klein sie sind, ein an Schicksalen reiches Leben. Dr. J. A.

Deutsche Minderheitenpolitik vorbildlich

Die Rücksiedlung der in den baltischen Ländern wohnenden Volksdeutschen, das deutsch-italienische Abkommen über die Umsiedlung der Südtiroler, dann aber vor allem die verschiedenen kleineren schon im Gange befindlichen Umsiedlungsaktionen beispielsweise zwischen Rumänien und der Türkei und neuerdings auch zwischen Jugoslawien und Italien, all diese Vorgänge haben dazu geführt, dass besonders in den südosteuropäischen Staaten, die ja alle über mehr oder weniger grosse Teile fremder Volksgruppen verfügen, trotz Krieg und Kriegsgeschrei die Erörterung volkspolitischer Fragen wieder sehr stark in den Vordergrund getreten ist. Hier sei nur daran erinnert, dass beispielsweise die rumänische Regierung erst in den letzten Wochen ihr Verhältnis zu der ukrainischen und in allerjüngster Zeit auch zu der russischen Volksgruppe innerhalb ihrer Landesgrenzen vollkommen neu geregelt hat. Ueberall zeigt sich deutlich das Bestreben, etwaige Spannungen, die sich aus dem Volksgruppenproblem ergeben könnten, zu beseitigen. Bei dieser allgemeinen Erörterung der Minderheitenprobleme ist es nun für uns Deutsche von besonderem Interesse, feststellen zu können, dass man immer wieder beobachten kann, dass die deutsche Minderheitenpolitik gerade auch im Auslande vielfach als in jeder Beziehung vorbildlich angesehen wird, und zwar sowohl die aktive als auch die passive Minderheitenpolitik Deutschlands, das heisst die Einstellung und Behandlung der in den Grenzen des Grossdeutschen Reiches lebenden fremden Volksgruppen als auch die Haltung und Einstellung der in fremden Staaten lebenden Volksdeutschen.

So stellten erst vor wenigen Tagen verschiedene jugoslawische Zeitungen fest, dass die Neuregelung der Frage der Organisation der in der Ostmark, und zwar in Kärnten, siedelnden Slowenen durch eine Verfügung der zuständigen Stellen in der befriedigendsten Weise gelöst worden ist. So wurden die bisher unter verschiedenen Namen und auch mit verschiedenen Satzungen bestehenden slowenischen Kulturvereine zu einem Slowenischen Kulturverband einheitlich

zusammengefasst. Die diesem Verband angeschlossenen slowenischen Kulturvereine werden nunmehr einheitlich ausgerichtet, wobei auch die Satzungen vereinheitlicht werden. Für die einzelnen Vereine wurde als Zielsetzung die Stärkung und Förderung der slowenischen Gemeinschaft festgesetzt, ferner die Vertiefung des Gemeinschaftslebens des Volkes in den Dörfern und in den einzelnen Berufsständen sowie ferner die Vermittlung einer fachlichen Berufsausbildung und Fürsorge für das persönliche Wohlergehen der Angehörigen der slowenischen Volksgruppe. Zur Erreichung dieser Ziele können die im Slowenischen Kulturverband zusammengefassten Vereine Vorträge, Versammlungen, Lehrgänge, Redeabende, Sprachkurse, Theaterabende, Gemeinschaftsausflüge und Leseabende einrichten und hierbei die slowenische Sprache, aber auch slowenische Sitten und Gebräuche pflegen, um so die völkische Eigenart der slowenischen Volksgruppe zu erhalten und zu vertiefen. Diese grundsätzliche Regelung der Lebensmöglichkeiten der slowenischen Volksgruppe in Kärnten darf in der Tat als vorbildlich angesehen werden, und sie wird auch erfreulicherweise nicht nur von den Kärntner Slowenen selbst, sondern auch von ihren jugoslawischen Stammesgenossen jenseits der Grenze so beurteilt und angesehen. Man kann gewiss sein, dass sich aus dieser positiven Einstellung auch im grossen Rahmen das gegenseitige Verständnis zwischen dem deutschen und dem jugoslawischen Volk weiter günstig entwickeln wird.

Dass aber, wie eingangs erwähnt, nicht nur die aktive deutsche Minderheitenpolitik, das heisst die Einstellung den fremden Volksgruppen gegenüber, eine positive und vorbildliche ist, sondern dass auch die Volksdeutschen im Auslande in ihrer geraden und offenen Haltung vorbildlich zu wirken imstande sind, das zeigt am deutlichsten eine Debatte, die in diesen Tagen in der rumänischen Öffentlichkeit über dieses Problem geführt wurde. Hatte da der als deutschfeindlich bekannte rumänische Politiker und Gelehrte, Professor Jorga, in seinem Blatte Zweifel geäussert über die Ehrlichkeit und

Loyalität der in Rumänien lebenden fremden Volksgruppen, wobei er die Haltung gewisser Minderheitenkreise gegenüber den weltpolitischen Ereignissen kritisieren zu müssen glaubte. Auf diese Kritik hin veröffentlicht nun das in Hermannstadt in Siebenbürgen erscheinende „Siebenbürgisch-Deutsche Tageblatt“ unter der Ueberschrift „Offen und ehrlich“ einen Aufsatz von grundsätzlicher Bedeutung. In diesem Aufsatz des offiziellen Organs der deutschen Volksgruppe in Rumänien wird mit in der Tat echt deutscher Offenheit und Ehrlichkeit die prinzipielle Einstellung der im Auslande lebenden Volksdeutschen zu den beiden grossen und entscheidenden Faktoren Staat und Volk klar dargelegt:

„Es ist zweifellos notwendig,“ so heisst es in dem Aufsatz des genannten Blattes, „dass jeder Staatsbürger die Neutralität unseres Landes respektiert. Demgemäss haben auch wir Volksdeutsche die mit dieser Neutralität verbundenen staatspolitischen Gebote stets eingehalten. Wir haben schliesslich immer wieder auch unsere unbeeidbare Treue zu König und Vaterland betont. Die ganze Wahrhaftigkeit und Ehrlichkeit dieses Eintretens für die Interessen unseres Staates und die Politik seiner Regierung tritt aber erst dadurch in das rechte Licht, wenn wir auch im übrigen unsere Gefühle und Ueberzeugungen nicht verbergen. Schon zugunsten der Ehrlichkeit und Sauberkeit ist es notwendig, Gefühle nicht verleugnen zu wollen, die selbstverständlich sind und die uns niemand übelnehmen kann, wenn er nur gerecht ist. Demgemäss haben wir immer klar und deutlich ausgesprochen, dass in den geschichtlichen Tagen der Gegenwart unsere Pflichterfüllung und Treue unserem Lande Rumänien gehört, dass aber hinsichtlich der in der übrigen Welt sich abspielenden Ereignisse unsere deutschen Herzen für das deutsche Volk schlagen. Es bedeutet nicht den geringsten Widerspruch zur Neutralitätspolitik Rumäniens, wenn die hier lebende deutsche Volksgruppe zum Ausdruck bringt, dass sie ihrer Eigenart gemäss selbstverständlich deutsch denkt und deutsch empfindet. Wenn wir unsere Sympathien für deutsches Wesen

und Volkstum verleugnen würden, so würde man uns dies entweder nicht glauben oder man würde uns verachten. Denn die Pflicht zu staatsbürgerlicher Treue kann doch niemals die Verleugnung des nationalen Bekenntnisses in sich schliessen. Wenn wir aber als Deutsche das grosse deutsche Volk um seine Zukunft ringen sehen, so ist für uns das Schicksal des Gesamtdeutschums zugleich auch das Schicksal unserer gemeinsamen deutschen Kultur und damit unserer selbst. Dafür aber soll uns niemand das Verständnis versagen, der selber national empfindet."

Holz-mangel in England

Bei Beginn des Krieges haben massgebende Stellen in London die Erklärung abgegeben, dass die Rohstoffversorgung Grossbritanniens in jeder Beziehung gewährleistet sei. Wenige Wochen später sahen sie sich jedoch gezwungen, eine Anordnung zu erlassen, wonach die Holzhändler nicht mehr als 15 vH. ihrer Bestände an zivile Käufer veräussern dürfen. Aus englischen Pressemeldungen ist überdies zu ersehen, dass diese Einschränkung keineswegs als ausreichend angesehen wird und dass mit der Einführung eines Bewilligungsverfahrens für den Holzbezug durch Zivilpersonen zu rechnen ist.

Damit wird indirekt zugegeben, dass in England schon jetzt ein akuter Holz-mangel besteht und dass die Aussichten hinsichtlich der weiteren Holzversorgung keineswegs als erfreulich angesehen werden. Die Gegenmassnahmen, die Deutschland gegenüber der britischen Blockade ergriffen hat, haben — darüber kann kein Zweifel bestehen — in punkto britischer Holzversorgung zu einem raschen und durchschlagenden Ergebnis geführt. Um nun aber die Tragweite dieser in wenigen Wochen herbeigeführten Wendung richtig abzuschätzen, muss man sich die Tatsache vor Augen halten, dass Grossbritannien neben Irland der holzärmste Staat Europas überhaupt ist.

Es hat wohl einmal eine Zeit gegeben — vor über 100 Jahren —, da Grossbritannien noch über einen verhältnismässig ausgedehnten Waldbestand verfügte. Er ist jedoch in der Zeit des Aufblühens der Eisenindustrie in Holzkohle umgewandelt worden und als solche in die Hochöfen gewandert. Das Ergebnis ist, dass es derzeit in Grossbritannien nur mehr 1,2 Millionen ha Wald gibt, gegen 12,9 Millionen ha in Deutschland. Dementsprechend ist auch die heimische Holzherzeugung in Grossbritannien ausserordentlich gering. Sie wurde für das abgelaufene Jahr mit nur 1,4 Millionen cbm errechnet gegen 49,9 Millionen cbm in Deutschland. Das bedeutet, dass der Holz-anfall in Grossbritannien nicht bloss absolut, sondern auch pro Hektar Waldfläche ungewöhnlich niedrig ist. Auf der anderen Seite benötigt aber die englische Wirtschaft Jahr für Jahr eine Holzmenge, deren Ausmass auf durchschnittlich 24 Millionen cbm veranschlagt werden darf. Es müssen daher jedes Jahr rund 23 Millionen cbm Holz aus dem Ausland eingeführt werden. Dies hat zur Folge, dass England unter allen Holzimportländern der Erde weitaus an der ersten Stelle steht.

Damit ist aber auch bereits ausgesprochen, dass kein Land in seiner Holzversorgung derart empfindlich gegenüber Störungen und Eingriffen von aussen her ist wie gerade Grossbritannien.

Welches sind nun die wichtigsten Holzlieferanten Englands und wie verteilt sich die Einfuhr auf diese Staaten? (Tabelle 1.)

Tabelle 1: Englands Lieferanten von Nadel-schnittholz

	1938	1937
Schweden	337.204	419.470
Finnland	419.160	532.903
Russland	351.116	454.588
Lettland	68.010	68.466
Polen	123.843	201.389
Tschechoslowakei	852	5.755
Jugoslawien	7.799	36.249
Rumänien	6.577	51.277
Oesterreich	91	335
Norwegen	13.454	18.524
Estland	16.052	31.522
Litauen	15.578	23.275
Kanada	454.913	474.487
USA	34.021	55.871
Gesamteinfuhr	1.848.670	2.374.111

Vergleichsweise sei hierzu bemerkt, dass Deutschland infolge seines hohen Grades von Selbstversorgung aus den eben angeführten

In diesen ebenso mannhaften wie ehrlichen und klaren Worten ist in der Tat alles eingeschlossen, was über die grundsätzliche Haltung einer in einem fremden Staate lebenden Volksgruppe gesagt werden kann. Sie zeigen aber auch die aufrechte und untadelige Haltung der im Auslande lebenden Volksdeutschen, die niemals daran denken, dem Staate, in dem sie leben, das zu verweigern, was ihm gebührt, die sich aber auch stets mit ihrem Muttervolke, mit dem sie blutsmässig verbunden sind, unlösbar verknüpfen fühlen.

Ländern im Jahre 1938 nur 465.059 cbm und im Jahre 1937 479.193 cbm Holz bezogen hat. Davon stammten aus Kanada nur 1548, bzw. 1081 cbm und aus USA 5353 bzw. 9910 cbm. Alles andere wurde aus dem Raum rund um die Ostsee bezogen. Mit anderen Worten: Die deutsche Holzversorgung aus dem Ausland ist auch jetzt im Kriege unbedingt gesichert.

Grundverschieden hiervon ist dagegen die Lage Englands. Ungefähr drei Viertel der britischen Bezüge an Nadel-schnittholz, die — nebenbei bemerkt — im Rahmen des Holzimports die weitaus wichtigste Rolle spielen, wurden von Norwegen sowie von den Ueberschussländern gedeckt, die an die Ostsee angrenzen. Nur 20 vH. der Holzeinfuhr stammten aus dem Empire, das ist aus Kanada. Seitdem nun das Holz zur Kontorhande geworden ist, sind die nordischen Zufuhren nach England fast ganz unterbunden. Die Ostsee ist für die englischen Schiffe und für Frachten nach England gesperrt. Russland hat seine Holzladungen, die eben auf dem Wege nach England waren, noch in der ersten Kriegswoche zurückgehalten.

Die Folge davon ist, dass Grossbritannien derzeit mit seiner Zufuhr von Nadel-schnittholz sozusagen in der Luft hängt.

Nun gibt es zwar einen Ausweg aus der Klemme, das ist die Verlagerung der Holzbezüge nach Kanada und USA. Kanada ist wohl das grösste Holzland der Erde; aber selbst dann, wenn es auf seine übrigen Kunden vollkommen Verzicht leisten und wenn auch USA seinen gesamten Holzexport ausschliesslich nach England dirigieren würde, wäre ein voller Ersatz des Ausfalles der Holzlieferungen aus Nordeuropa noch nicht gesichert. Einer hundertprozentigen Verfrachtung des gesamten nordamerikanischen Holzüberschusses nach Grossbritannien stehen zudem drei schwer zu nehmende Hindernisse im Wege: 1. der weite und gefährliche Weg von der Ostküste Amerikas nach England, 2. der durch den langen Weg stark erhöhte Bedarf an Schiffsraum, dessen Befriedigung in keiner Weise gesichert ist, 3. die Ueberlegung, dass weder Kanada und noch viel weniger die USA ihre angestammten Kunden plötzlich fallen lassen werden, bloss weil die Engländer die Wirkungen des U-Boot-Krieges nicht genügend hoch eingeschätzt haben.

Unter solchen Umständen sind nun weitere Einschränkungen im englischen Holzverbrauch einfach unvermeidlich, zumal die Vorräte keineswegs besonders gross zu sein scheinen. Die „Times“ hatten wenige Tage vor Kriegsbeginn auf diesen Punkt recht offenhertzig hingewiesen und dabei zu bedenken gegeben, dass der Bau der vielen Militärbaracken und Luftschutzräume die Nachfrage nach Schnittholz noch wesentlich gesteigert hat.

Nach den Darlegungen dieses Blattes haben die britischen Holzreserven in der ersten Jahreshälfte 1939 eher abgenommen statt zugenommen. Kein Wunder, wenn angesichts dieser Versorgungslage das Organ der City ohne Umschweife zugibt, dass die Holzversorgung Grossbritanniens als „äusserst beunruhigend“ angesehen werden müsse.

Nicht besser daran sind die Engländer hinsichtlich der Zufuhr von Grubenholz. Von den 23 Millionen cbm Holz, die England durchschnittlich pro Jahr aus dem Ausland einführt, entfielen im Jahre 1938 nicht weniger als 4 Millionen cbm auf die Stempel, das sind die Hölzer, die zur Stützung der Stollen in den Kohlenbergwerken verwendet werden und die in der weiter oben wiedergegebenen Tabelle selbstverständlich nicht enthalten sind.

Die Versorgung mit Stempeln hat nun schon während des Weltkrieges den Engländern viele Sorgen bereitet, obgleich damals der russische Grosslieferant noch zu den Bundesgenossen zählte. In der Zeit von 1913 bis 1918 ist infolge der Tätigkeit der deut-

schen U-Boote die Einfuhr von 4,9 auf 1 Millionen t zurückgegangen. Dies blieb naturgemäss nicht ohne Folgen. Die Zahl der Bergwerksunfälle und der niedergehenden Stollen nahm infolge des mangelhaften Ersatzes abgenutzter Holzstützen rasch zu. Die aus englischem Holz hergestellten Stempel haben sich zudem als nicht genügend widerstandsfähig und daher als minderwertig erwiesen.

Wenngleich nun zu der Knappheit an Stempeln auch noch andere Mängel hinzukamen, die während des Weltkrieges die englische Kohlenförderung beeinträchtigten, so lässt sich doch mit einem erheblichen Grad von Berechtigung eine Parallelität zwischen Kohlenförderung und Grubenholzeinfuhr feststellen. (Tabelle 2.)

Tabelle 2: Kohlenförderung und Grubenholzeinfuhr

Förderung (Mill. t)	1913	1914	1915	1916	1918
292	270	257	260	231	

Grubenholzeinfuhr

(Mill. cbm) 4,9 3,5 3,1 2,9 1,0

In der Nachkriegszeit war man begreiflicherweise bemüht, Versäumtes nachzuholen. Die Einfuhr von Stempeln ging wieder rasch in die Höhe, so dass sie in den Jahren 1936 bis 1938 die Ziffern von 4,08, beziehungsweise 5,16 und 4 Millionen cbm erreichte. Gleichzeitig wurde das heimische Holz, dessen Bruchigkeit man in den Jahren des Weltkrieges zur Genüge kennengelernt hatte, von der Verwendung in den Kohlengruben wieder vollkommen ausgeschaltet.

Lieferländer waren dabei genau so wie in der Zeit vor 1914 wieder die Staaten Nordeuropas. Aus einer fachlichen Zusammenstellung geht hervor, dass die englische Grubenholzeinfuhr in den letzten drei Jahren zu et-

was über einem Drittel von Finnland, zu 25 vH. von Russland, zu 14 vH. von Lettland, zu 5,5 vH. von Schweden und zu je 2,5 vH. von Polen und Estland bestritten wurde.

Genau so wie bei der Zufuhr von Nadel-schnittholz stammten also auch beim Grubenholz mehr als 80 vH. der Importe aus jenen Gebieten, die nimmehr für die Anlieferung nach England nicht mehr in Betracht kommen.

In den für die Lenkung der englischen Wirtschaft im Kriege verantwortlichen Kreisen hätte man sich nun über die Gefahren, die durch die geographische Einseitigkeit der Grubenholzbezüge bedingt sind, wohl im klaren sein müssen. Um so mehr überrascht es, wenn man jetzt erfährt, dass für die Anlage von Holzreserven auch bei den Bergwerken nicht genügend Sorge getragen wurde. Im Laufe der letzten Monate vor Kriegsausbruch ist die Einfuhr von Stempeln wohl gesteigert worden; aber mit dieser Ansammlung von Vorräten ist offensichtlich spät begonnen worden. Verlässlichen Meldungen zufolge müssen nämlich die englischen Bergwerksverwaltungen wegen der Stilllegung der Holzeinfuhr bereits jetzt ihre Reserven an Stempeln angreifen. Dabei sollen diese Reserven nur für vier Monate reichen. Vielleicht handelt es sich hierbei nur um eine Zweckmeldung, die den Gegner irre machen soll.

Aber auch bei einer weit besseren Versorgungslage kann kein Zweifel darüber bestehen, dass die Knappheit an Grubenholz und die aufs äusserste gefährdeten Zufuhren als einer der schwächsten Punkte im englischen Bergbau und damit in der englischen Wirtschaft überhaupt angesehen werden müssen.

Blut und Peitsche im Sudan England und der Aufstand des Madhi

Die Araber sind eine stolze und herrische Rasse und ertragen nicht — schon im Hinblick auf ihre kulturellen Werke —, dass die Weissen sie auf die gleiche Stufe mit den Negern stellen und sie ebenso als Objekt ihrer Kolonisationsmethoden betrachten. Die Araber haben immer die Tatsache als eine Ungerechtigkeit betrachtet, dass die Europäer ihnen in der technischen Entwicklung überlegen sind und aus dieser Ueberlegenheit ihre politische Vorherrschaft ableiteten. Immer von neuem versuchten sie, die drückenden Fesseln abzustreifen, indem sie ihr eigenes Leben einsetzten. Schon während der osmanischen Türkenherrschaft erhoben sich die Araber in Syrien und Palästina, in Mesopotamien, in Aegypten Lybien und Marokko, aber die Freiheitssehnsucht dieser muselmanischen Völker erreichte erst ihren Höhepunkt, als die „Ungläubigen“ die „Glaubigen“ — d. h. in diesem Falle die Engländer und Franzosen —, ihre entscheidende Rolle in Südafrika zu spielen begannen. Jetzt wurde der Widerstand nicht nur vom nationalen Bewusstsein bestimmt, sondern mehr noch durch den religiösen Fanatismus. Die Empörungen gegen die britische Zwangsherrschaft sollten darum viel heftiger sein, als die Aufstände gegen die Regierung in Konstantinopel, welche ja selbst mohammedanisch war.

Aegypten war bereits britisches Protektorat und der Sudan, südlich anschliessend, eine britische Kolonie. Da kommt plötzlich die Nachricht nach London, dass der „Madhi“ den „Heiligen Krieg“ erklärt habe. Den Krieg zur Ausrottung alles dessen, was britisch war. Anfangs lachte man über diese Meldung in London, aber gar bald überzeugte man sich von dem Ernst der Angelegenheit. Der Derwisch Mahomet aus einer Schiffbauersfamilie in Dongola wurde selbst von den Sudanesen als der „Madhi“ bezeichnet, der rechtmässige Nachfolger des Propheten, und war tatsächlich ein Mann, der über die nötigen Eigenschaften verfügte, um die „Glaubigen“ zum letzten Freiheitskampf aufzurufen. Er tat auch alles, um diesen Ruf zu rechtfertigen. Seine Predigten erweckten bei den Sudanbewohnern eine geradezu fanatische Trunkenheit und machte sie zur Ertragung unsagbarer Opfer fähig. Seine Betätigung und sein Einfluss rührten ausserdem noch von seiner ausserordentlichen körperlichen Widerstandsfähigkeit her. Die Engländer glaubten, dass der arabische Nationalismus mit Mahomet, dem „Madhi“ sterben würde, dennoch mussten sie feststellen, dass hier Kräfte am Werk waren, die nicht nur von der Existenz eines einzelnen Menschen abhängen.

Der Nachfolger des Madhis, der Kalif Abdullahi, ein leidenschaftlicher Kämpfer, eine kühne unerschrockene Persönlichkeit, war für die Engländer noch weit gefährlicher als der Madhi selbst es je in seinen besten Zeiten war. Abdullahi zwang die Briten schliesslich sogar für eine gewisse Zeit, den Sudan zu verlassen. Sieben Jahre lang war dieses Gebiet unter einer Eingeborenenregierung unabhängig. Dann allerdings kam Lord Kitchener nach Aegypten und die Lage änderte sich. Dieser Lord Kitchener machte aus den ägyptischen Truppen ein Musterheer, stattete sie mit allen technischen Hilfsmitteln seiner Zeit bis zum Ueberfluss aus, und da er ein fähiger Soldat und überzeugt von der welt-

umfassenden Mission Gross-Britanniens war, hatte er nichts dagegen einzuwenden, wenn seine Maschinengewehrschützen die begeisterten Lanzenreiter des Kalifen Abdullahi in Omdurman wie reifen Weizen dahinnähmten. 27.000 Madhisten wurden damals ermordet und der Heilige Krieg wurde im eigenen Blut seiner gläubigen Kämpfer erstickt. Es ist wahr, dass die Briten Gefangene machten, aber aus zeitgemässen Berichten geht klar hervor, dass alle nach grausamer Auspeitschung gehenkt wurden. Es gab keine Gnade für die Männer, die keine andere Schuld auf sich geladen hatten, als die Rechte ihres Vaterlandes verteidigt zu haben. Hören wir eine Schilderung aus jenen Tagen: „Heute wurde eine grosse Zahl von Madhisten hingerichtet. Onkel Dick erzählt, dass die Soldaten die Eingeborenen durchpeitschten und sie dann ums Leben brachten. So unglücklich es scheinen mag, diese Barbaren trieben ihnen zugespitzte Holzkeile in den Körper. Ich hoffe, dass diese entmenschten Burschen jetzt die gleiche Todesstrafe erleiden, sagte ich ent-rüstet über diese Schmach. Welch' dumme Gedanke, erwiderte lachend mein Onkel, wir sollen diese Leute nicht so hart verurteilen. Die Erzählungen über die Qualen, welche unsere Landsleute zu erdulden hatten, haben unsere Soldaten in Wut gebracht und das heisse Klima erhöht in gleicher Weise die blutdürstigen Instinkte und die Streitsucht.“ Die Schreiberin dieser Zeilen, die derartig zynische Meinungen ihres Onkels, eines „Kolonialpioniers“, übermittelte, fährt fort: „Die Grausamkeiten unserer Mitbürger nahmen von Tag zu Tag, von Woche zu Woche zu. Viele Franca fand man mit gespaltenem Schädel auf, ebenso die Leichen junger Mädchen, deren Zustand darauf schliessen liess, dass an ihnen Schändungen begangen waren. Lord Kitchener sollte auf strengere Disziplin achten... Ein beim Plündern erwischter Soldat durfte allerdings nicht mehr als 25 Schläge erhalten, aber solch' ein Subjekt vergisst bald eine derartig geringe Ahndung, während ihm eine geradezu teuflische Gelegenheit verschafft wird Ausschweifungen zu begehen, die eine Tracht Prügel wohl wert sind.“

Es besteht kein Grund, diesen Bericht einer etwas empfindlichen Engländerin anzuzweifeln. Im Gegenteil, auch Wissenschaftler, wie der britische Geschichtsforscher James Bryce, erklären freimütig, dass in den britischen Kolonien Schändungen und Hinrichtungen vorgenommen wurden, dass man Pflanzungen in Brand steckte, Lebensmittel vernichtete und ganze Familien aussottete — kurz, dass alle Schrecken und brutale Verbrechen ausgeübt wurden, die den Mitmenschen zugefügt werden können. Das Erlängen und Erschiessen waren allgemein, aber bildeten eine elementare Strafart im Vergleich zu den furchterlichen Auspeitschungen, bei denen oft bis hundert Schläge verabfolgt wurden, das Fleisch und die Muskeln von den Knochen rissen. Trotz aller Unterdrückungen ist die Freiheitssehnsucht unter den Sudanbewohnern nicht gestorben. Selbst heute hat der Kampf dieser Menschen um ihre nationale Befreiung noch nicht aufgehört. Sultan Abdullahi kam bei einem neuen Aufstand ums Leben inmitten seiner treuen Kämpfer, doch der Willen zur Erlangung von Freiheit und Unabhängigkeit dauert bis in unsere Tage fort.

Zu den
Mahlzeiten...



Ganz gleich ob zum Frühstück oder zum Abendbrot. Trinken Sie zu Ihren Mahlzeiten das vorzügliche

Malzbier da Brahma

MALZBIER DA BRAHMA ist Ihrem Organismus dienlich, jederzeit, zu jeder Stunde.

THEODOR WILLE & CIA. LTDA.

IMPORT - EXPORT - VERTRETUNGEN
LARGO DO OUVIDOR 2
SÃO PAULO

- Baumaterial
- Salz — „BRILHANTE“ und „THEWICO“
- Glatter Draht und Stacheldraht — „THEWICO“
- Sämtliche Düngemittel — besonders „RHENANIA-PHOSPHAT“
- Maschinen für sämtlichen Bedarf
- Hydraulische Widder — „JORDÃO“
- Waagen aller Art — „THEWICO“
- Eisenbahnersatzteile — „RUHRSTAHL“
- Lokomotiv-Drehscheiben usw. — „VOEGELE“
- Lokomotiven, Strassenwalzen usw. „HENSCHEL“
- Turbinen und Maschinen für Papierfabrikation — „VOITH“
- Feuerlösch-Geräte — „FLADER“, „METZ“, „WINTRICH“ usw.
- Landwirtschaftliche Maschinen und Traktoren „CASE“
- Schmieröle und Fette — „GARGOYLE-MOBILOEL“
- Drahtlose Stationen — „LORENZ“
- Gefrieranlagen — „FREUNDLICH“
- Nähmaschinen „PFAFF“
- Flugzeuge aller Typen
- Kräne — „ARDEL“
- Schiffe jeder Art — „HOWALDT“
- Schiffsmotore — „DIESEL“ — „DWK“
- Autoreifen und Schläuche „CONTINENTAL“
- Mühlen für Reis und Mandioka — „STRECKEL & SCHRADER“

Generalagenten der

Hamburg - Südamerikanischen Dampfschiffahrts-Gesellschaft

und der

Cia. Internacional de Seguros

Uhren • Reparaturen
Deutsche Uhrmacherei

OTTO

Rua São Bento Nr. 484
4. Stock, Saal 25

Farben - Lacke - Pinsel

und alle übrigen Bedarfsartikel
für Hausanstrich und Dekoration

Emilio Müller, R. José Bonifacio 114

Es war eine rauschende Ballnacht

Roman von Géza von Cziffra

(5. Fortsetzung.)

Um sie herum gab es einen kleinen Aufruhr. Einige Gäste standen neugierig auf. Auch Kruglikow, der eine Sekunde wie versteinert dagesessen hatte, sprang jetzt auf. Mit zitternden Lippen stammelte er: „Sie haben mich geohrfeigt!“

Tschaikowsky blieb ruhig sitzen. „Es scheint so“, sagte er gelassen.

„Entschuldigen Sie sich!“ brüllte Kruglikow. „Wofür?“ Tschaikowsky stand jetzt ebenfalls auf und warf einen Geldschein auf den Tisch. Nastassja, die ihren Tanz noch nicht beendet hatte, blickte unruhig in den Saal hinunter, um zu sehen, was los war. Sie erschrak, als sie die beiden Männer in ihrer unverkennbar feindlichen Haltung sah. Nur mit Mühe konnte sie weitertanzen.

Kruglikow wurde angesichts der steinernen Ruhe Tschaikowskys immer wütender. Seine Stimme überschlug sich: „Dafür werden Sie mir Genugtuung geben!“

„Den Spass können Sie haben“, sagte Tschaikowsky. Mit einer herrischen Geste forderte er die Umstehenden auf, ihm Platz zu machen. Sie wichen zurück, und er verließ, ohne sich noch einmal umzublicken, das Lokal. In diesem Augenblick verstummte die Musik, der Tanz war zu Ende. Nastassja lief sofort von der Bühne herunter und auf die Gruppe um Kruglikow zu. „Was ist los?“ rief sie aufgeregt.

Kruglikow wandte sich zu ihr. Seine Stimme kreischte: „Ich schiesse ihn nieder!“ tobte er.

„Um Christi willen...!“ rief Nastassja und rüttelte ihn am Arm. „Warum denn?“

Kruglikow nahm ihre Hand und legte sie auf seine Brust. Mit etwas verzerrtem Lächeln, aber pathetisch sagte er: „Weil er

Sie beleidigt hat, mein Engelchen. Er hat Ihre Ehre in den Kot gezogen.“

Nastassja sah ihn erstaunt an. Sie zog ihre Hand fort und widersprach energisch: „Peter? Das glaube ich nicht!“

Wenn meine Kugel ihn niedergestreckt hat, werden Sie es schon glauben!“ versicherte Kruglikow feierlich.

Unsicher blickte Nastassja ihn an. Sein Ton hatte doch Eindruck auf sie gemacht...

vöser wurde der Kritiker. Eine schöne Sache hatte er sich da eingebrockt! Er verwünschte sich im stillen, dass er sich von seiner Wut und Eifersucht so weit hatte hincissen lassen. Noch dazu, wo er jetzt endgültig zu wissen glaubte, dass er von Tschaikowsky überhaupt nichts zu fürchten hatte bei Nastassja. Aber der hlosse Anblick dieses Menschen, seine — wie er es nannte — unnahbare und hochfahrende Art trieb ihm schon die Galle ins Blut. Könnte er es ohne Ge-

serst wichtig!“

Pjotr verbeugte sich leicht und ging mit der Karte in Murakins Arbeitszimmer.

Katharina, die eben aus ihrem Zimmer herunterkam, hörte Kruglikows letzte Worte. Sie blieb am Fuss der Truppe stehen und blickte zu ihm hinüber. Sie erkannte sein Gesicht sofort wieder. Das war doch jener Mensch, der sie gestern abend im Foyer des Konzertsalles so unverschämmt angestarrt hatte? Was den wohl hierherführte?

Als Kruglikow sie sah, erschrak er leicht. Er hatte gar nicht daran gedacht, dass er ihr begegnen könnte. In seiner Verwirrung machte er eine tiefe Verbeugung. Dann ging er auf sie zu. Als er vor ihr stand, verbeugte er sich noch einmal. Er hatte sich wieder gefasst und stellte sich vor, indem er seinen vollen Namen nannte und hinzufügte, dass er Musikkritiker der „Moskauer Nachrichten“ sei.

Katharina blickte ihn leicht beunruhigt an. Also das war Kruglikow...! Sie kannte natürlich seinen Namen durch seine Musikkritiken in den „Moskauer Nachrichten“, viel mehr aber wusste sie von ihm durch Hunsinger, der ihr erzählt hatte, mit welchem Hass dieser Mann Tschaikowsky verfolgte... Etwas abwesend sagte sie: „Ich freue mich, Philipp Porphyrowitsch.“

Kruglikow lächelte tückisch und erwiderte mit leicht erhobenem Zeigefinger: „Porphyr Philippowitsch, wenn es gestattet ist... Es heisst ja auch nicht Ilja Petrowitsch Tschaikowsky, sondern Peter Iljitsch —“

Katharina zuckte leicht zusammen. Jetzt war sie wirklich beunruhigt. Sie wusste sofort, dass dieser Satz eine wohlüberlegte Spitze gegen sie war. Kalt sagte sie: „Sie wollen mich sprechen?“

Mit offenem Hohn sagte Kruglikow: „Nein — Ihren Herrn Gemahl... wenn es gestattet ist.“

Die Tür zum Arbeitszimmer öffnete sich, Pjotr erschien und meldete: „Der gnädige Herr lässt bitten.“

Schweigend sahen Kruglikow und Katharina sich an. In den klaren blauen Augen der Frau lag ein so eisiger Ausdruck der Verachtung, dass Kruglikow nervös mit den Lidern zuckte und den Blick abwandte. Mit einer ironisch tiefen Verbeugung ging er ins Zimmer.

Confeitaria

Aeltestes und vornehmstes Haus



Biennense

Nachm. und abends gutes Konzert

Tel. 4-9230 - RUA BARÃO DE ITAPETINGA 239 - S. Paulo

VI.

Kruglikow dachte natürlich gar nicht daran, irgendwen niederschliessen oder, besser gesagt, sich in die Gefahr zu begeben, von irgend jemand niedergeschossen zu werden. Wenn schon geschossen werden musste, so wollte er das lieber einem anderen überlassen, der, wie er sich während einer langen angstvollen Nacht überlegt hatte, berufener dazu war. Und dieser andere war Michael Iwanowitsch Murakin.

So hatte sich Herr Kruglikow zu der langen Schlittenfahrt nach Schloss Murakin begeben müssen. Es war ihm durchaus nicht wohl bei dem Gedanken an die Begegnung mit dem Gatten Katharinas, und je mehr sich der Schlitten seinem Ziele näherte, desto ner-

fähr für sich selbst tun — er würde ihn sicherlich niederschliessen, wie er gedroht hatte. Noch jetzt brannte ihm die Ohrfeige im Gesicht. Nun, er war ja im Begriff, dafür Rache zu nehmen.

Trotzdem konnte er es nicht verhindern, dass seine Hand vor Nervosität zitterte, als er in der prächtigen Halle des Murakinschen Schlosses dem Diener Pjotr seine Karte überreichte. Er musste sich erst räuspern, ehe er mit belegter Stimme sagte: „Melden Sie mich dem Herrn — Porphyr Philippowitsch Kruglikow.“ Er ärgerte sich über sich selbst, dass es ihm nicht gelang, seine Unruhe besser zu verbergen. Um seine Würde wiederzugewinnen, fügte er hinzu: „Ich komme in einer äusserst wichtigen Angelegenheit — äus-

SOCIEDADE TECHNICA
BREMENSIS
LTD.A.
STAMMHAUS:
São Paulo - Rua Florencio de Abreu N° 139

Maschinen u. Werkzeuge

fuer Metall-, Blech- und Holzbearbeitung, Elektr. Schweißmaschinen, Pumpen "Wais" Feuerlöcher, "Malmex" Schleifmaschinen "MSO", "Alpine" Stühle, Elektrowerkzeuge "Fein", Landwirtschaftliche Maschinen.

Graphische Maschinen u. Materialien

Jeder Art. Maschinen fuer Papierverarbeitung und Kartonagenindustrie, Druckerei-Materialien, "Inter-type" Setzmaschinen, Vertrieb der Erzeugnisse der Schriftglosserei "Funtymod", Moderne Reparaturwerkstätten, Messerschleiferei, Walzenglosserei.

Elektro Materialien

Großes Lager aller Installationsartikel, Drehele, Kabel, Motoren, Dynamos, Schaltapparate, Elektrische Haushaltsartikel, Beleuchtungsgeräte, Lampen, Strahlengeräte und Bohrermaschinen "Progress".

Feld- u. Eisenbahnmaterial

Alleinverkauf der Erzeugnisse der Orenstein & Koppel A. G. Dieselmotorlokomotiven, Strassenwalzen, Bagger, Großer Stock von Feldbahnmaterial und Schienen, Diesel-Fahrgestelle fuer Lastwagen und Omnibusse "Buessing-NAG".

Cliché Fabrik

Autotypen, Stichzeichnungen, Mehrfarbclichés in hoehster Vollendung, Entwürfe, Zeichnungen, Retuschen, Photolithen, Großes Atelier Südamerikas.

**Abteilung Auto-Union
DKW - WANDERER - HORCH**

Automobile
DKW Motorräder
Ausstellungsraeume und Reparaturwerkstaette
São Paulo - rua Ypiranga, 114-118

Filialhaeuser:

RIO DE JANEIRO - CURITYBA - RECIFE

**DEUTSCHE
AUTOMOBILE**

Willi Hosang / São Paulo
Caixa postal 3168 / Telephon: 4-3825 und 4-2451

**Vor
Annahme falschen Geldes
schützt der bargeldlose Zahlungsverkehr
Eröffnen Sie ein Konto beim
Banco Allemão
Transatlantico**

RUA 15 NOVEMBRO 268
und zahlen Sie Ihre Rechnungen
per Scheck!

Zu jeder gewünschten Zeit erhalten Sie von uns einen Auszug ihrer Rechnung, um Ihnen die Kontrolle über Ihre Zahlungen zu erleichtern.

Erwin Schmied

Dentist
Hingezogen nach
Largo Santa Epigenia 1
3. Etod, App. 32
(Eingang von der Brücke)

Sprechstunden
von 8.30—18.30 Uhr, Sonn-
abends: bis 12 Uhr mittags

Dr. Erich Müller-Carioba

Frauenheilkunde und Geburtshilfe
Röntgenstrahlen — Diathermie
Ultravioletstrahlen

Kons.: R. Aurora 1018 von 2-4.30
Uhr. Tel. 4-6898. Wohnung: Rua
Groenlandia Nr. 72. Tel. 2-1481

Dr. G. H. Nick

Facharzt
für innere Krankheiten.

Sprechstunden täglich v. 14-17 Uhr
Rua Libero Badaró 73, Tel. 2-3371
Privatwohnung: Telefon 5-2263

Deutsche Apotheke

Ludwig Schwedes
Rua Libero Badaró 45-A
São Paulo / Tel. 2-4468

KRANK?

Dann lassen Sie sich
homöopathisch

behandeln. — In dem
Dispensario Homöopathico São Paulo
Praça João Mendes 130

stehen Ihnen von 9—18,30 Uhr die besten homöopathischen Aerzte São Paulos

unentgeltlich

zur Verfügung. Denken Sie daran, dass jede leichte Erkrankung in eine schwere Krankheit ausarten kann. Die Homöopathie heilt auch in schwersten Fällen auf eine milde Weise und mit recht geringen Spesen.

(Leben der homöopathischen Apotheke Dr. Willmar Schwabe Ltda.)

Dr. Max Rudolph

Allgemeine Chirurgie, Frauenheilkunde u. Geburtshilfe
Röntgen-Beirahlungen

Consult.: Praça Ramos de Azevedo 16, II., Tel. 4-2576
Wohnung: Rua Hollanda 5, Tel. 8-1337

Sprechstunden von 3—5, Sonnabends von 11—1 Uhr

Dr. Mario de Fiori

Spezialarzt für allgem. Chirurgie — Röntgenapparat
Sprechst.: 2—5 Uhr nachm., Sonnabends: 10—12 Uhr
Rua Barão de Itapetininga 139 - II. andar - Tel. 4-0038

mer Murakins. Pjotr schloss die Tür hinter ihm und verschwand dann nach hinten. Als Katharina allein war, überkam sie ein leichter Schwächeanfall. Sie taumelte und klammerte sich am Treppengeländer an. Aber schon nach wenigen Augenblicken machte sie sich wieder in der Gewalt. Sie blickte zur Tür des Arbeitszimmers. Was mochte dahinter vorgehen? Dass dieses widerwärtige Reptil irgend etwas im Schilde führte, wusste sie jetzt ganz sieher. Unwillkürlich machte sie einige zögernde Schritte auf die Tür zu, als wolle sie lauschen. Aber dann drehte sie sich um und ging in den Musiksalon. Nervös trat sie zum Flügel und suchte in den Noten herum. Sie durchblätterte einige Hefte, warf sie aber ungeduldig wieder beiseite. Schließlich hielt sie ein Blatt in der Hand ... Tschaikowskys „Chanson triste“ ... Sie starrte darauf nieder. Gedankenverloren stellte sie es auf den Notenhalter, öffnete den Flügel und begann zu spielen. Aber schon nach den ersten Takten brach sie entsetzt ab und sprang, den Stuhl heftig zurückstossend, auf. Ruhelos ging sie im Zimmer umher.

Murakin hatte sich durch Kruglikows Eintritt durchaus nicht stören lassen, seinem Sekretör noch verschiedene Anweisungen zu erteilen. Erst als der junge Mann das Zimmer verlassen hatte, wandte er sich, ohne jedoch vom Schreibtisch aufzustehen, zu Kruglikow, der noch immer in der Nähe der Tür stand, sich jetzt aber davor verbeugte und völlig überflüssigerweise sagte: „Habe ich die Ehre, Herrn Michael Iwanowitsch Murakin —“

Murakin warf einen Blick auf die Visitenkarte Kruglikows, die vor ihm auf dem Schreibtisch lag, und sagte: „Sie haben die Ehre, Porphyri Philippowitsch ... Womit kaun ich dienen?“

Kruglikows Verlegenheit wuchs, zugleich aber war er wütend, dass er sich derart einschüchtern liess. Ein Benehmen hatten diese grossen Herren —! Diese Erkenntnis verhalf ihm jedoch durchaus nicht zu einem selbstbewussten Auftreten. Hilflos blickte er um sich und stotterte: „E ... ich ... e ...“

Ruhig forderte Murakin ihn auf: „Bitte, nehmen Sie Platz, und sprechen Sie!“

Kruglikow liess sich vorsichtig, die Rockschüsse sorgsam zurückschlagend, auf den breiten Sessel neben dem Schreibtisch nieder und sagte: „Jawohl, sprechen. Natürlich ... Indessen — das ist nicht so einfach ...“ Er fuhr sich über die Stirn, überlegte krampfhaft und räusperte sich.

Ungerührt sass Murakin da und blickte ihm schweigend an.

Nach einem nochmaligen Räuspern fuhr er endlich fort: „Darf ich mir die Frage gestatten, ob Sie einen gewissen Peter Iljitsch Tschaikowsky kennen?“

Murakin hob flüchtig die Augenbrauen. — „Den Musiker? ... Nein — persönlich nicht.“

Kriecherisch versicherte Kruglikow: „Nun,

er ist es auch nicht wert, dass eine Persönlichkeit wie Sie ihn Ihrer Bekanntschaft würdigt.“ Er machte eine wegwerfende Handbewegung: „Wer ist schon dieser Tschaikowsky!“ Jetzt war er in seinem Fahrwasser. Mit einem unangenehmen Lächeln setzte er hinzu: „... Freilich, dass gerade Sie ihn nicht kennen, entbehrt nicht eines besonderen Reizes.“ Durch die Veränderung, die plötzlich in Murakins Gesicht vorging, aus dem Konzept gebracht, stammelte er: „Mithin ... e ... was ich sagen wollte —“ Er verstummte jäh.

Murakin beugte sich vor und wiederholte, ihm nicht aus den Augen lassend, scharf: „Sie wollten sagen —?“

Mit dem Mut der Verzweiflung stiess Kruglikow hervor: „Ich soll mich mit diesem Tschaikowsky schiessen!“

Murakin lehnte sich langsam wieder in seinen Stuhl zurück: „Und warum erzählen Sie das mir?“

Kruglikow zog sein Taschentuch und wischte sich den Schweiß von der Stirn. Aengstlich

brüllte er: „Reden Sie! In drei Worten — oder ich lasse Sie hinauswerfen!“

Kruglikow starrte ihn an. Eigentlich war er fast erleichtert bei diesem unerwarteten Ausbruch, der wenigstens etwas Menschliches hatte. Die steinerne Ruhe Murakins war ihm viel unheimlicher gewesen. Anfangs noch zögernd, dann rasch erklärte er: „Tschaikowsky ist ... e ... in der Ballnacht mit Ihrer Frau Gemahlin ... sozusagen ... e ... verschwunden ... Und deshalb soll ich mein Leben aufs Spiel setzen? Nein!“ Er schwieg erleichtert. Nun war alles gesagt.

Auch Murakin sagte eine Weile nichts. Er war jetzt wieder vollkommen beherrscht, sein Gesicht undurchdringlich. Er blickte auf Kruglikow herunter und fragte ruhig: „Noch etwas?“

Kruglikow stand schnell auf. Eine Sekunde stand er Auge in Auge mit Murakin. Zum erstenmal in seinem Leben überkam ihn so etwas wie eine Ahnung seiner eigenen Erbärmlichkeit. Mit leicht zitternder Stimme sag-

gesprachen, was sie die ganze Zeit bewegte ... Und sie wusste, ihre Stimme war brüchig gewesen von unterdrückter Erregung.

„Nichts“, sagte Murakin vom Kamin her, ohne sich umzudrehen und ohne zu fragen, woher sie wusste, dass jemand bei ihm gewesen war.

„Nichts —“, wiederholte Katharina tonlos.

Jetzt wandte Murakin den Kopf zu ihr „Was sollte er wollen?“

Mühsam, in wachsender Angst, erwiderte sie: „Ich weiss nicht ... ich frage nur ...“

Murakin blickte sie schweigend an, dann ging er langsam auf sie zu und blieb vor ihr stehen. Leise Furcht malte sich in ihrem Gesicht, und sie wich unwillkürlich einen Schritt vor ihm zurück. In seine Augen trat sekundenlang ein Ausdruck tierischer Qual, so gleich aber senkten sich die schweren Lider: „Warum fürchtest du dich vor mir?“ fragte er leise.

„Ich fürchte mich immer ein wenig vor dir, Michael“, sagte Katharina nach einer kleinen Pause.

Sehr nah vor ihrem Gesicht, sie bohrend ansehend, forschte er weiter: „Seit wann?“

Ein kleines trauriges Lächeln vertiefte Katharinas Mund. Jetzt wich sie nicht vor Murakin zurück, sie blickte ihn offen an, als sie leise antwortete: „Ach ... seit dem ersten Tag. Du warst manchmal so fern ... und so fremd ...“

„Fremd?“ Murakin zog die Brauen zusammen. Wieder war dieser seltsame Ausdruck in seinen Augen.

Ein Frösteln überlief Katharina. Aber sie sprach weiter, sie musste es ihm einmal sagen: „Ja. Ich wollte so oft mit dir sprechen ... dir alles sagen, was mich quälte ... aber ich hatte nie den Mut.“

Dampf erwiderte Murakin: „Weil du mich nicht liebst!“ Und plötzlich wurde sein Gesicht wieder hart. Er wandte die Augen von ihr ab ... sein Blick streifte den Flügel. Er ging darauf zu, sah auf das Notenblatt ... Und schülerhaft, aber deutlich erkennbar schlug er die Melodie des „Chanson triste“ an ...

Dann ging er, ohne sich noch einmal umzublicken, hinaus.

Katharina stand wie versteinert. Sie wagte sich nicht zu rühren.

Pjotr kam herein, um Holz im Kamin nachzuliegen. Verwundert blickte er auf Katharina. Sein Hantieren weckte sie aus ihrer Betäubung. Sie sprach einige Worte mit ihm und erfuhr, dass ihr Mann in die Stadt gefahren war — ein neuer Grund zur Bestürzung für sie. Sie war überzeugt, dass diese Fahrt mit dem Besuch Kruglikows in irgendeinem Zusammenhang stand. Aber in welchem? Konnte Peter eine Gefahr drohen? Sie grübelte angestrengt, während sie rastlos wie ein Verurteilter im Zimmer auf und ab ging.

Glykow hatte sich in den letzten zwei Wochen mit wahrer Inbrunst damit beschäftigt, Tschaikowskys Leben von Grund auf umzukrempeln. Es war Peter schon geradezu lästig, mit welcher Fürsorge der Verleger ihn umgab. Er hatte ihn zum Schneider und Hendenmacher geschleppt, hatte eine Woh-

Bücher Zeitschriften Zeitungen
in allen Sprachen, aus allen Gebieten
liefert
Conrad Behre, Ueberseeische Buchhandlung
Hamburg 1 Dorndorf 12
Kataloge jederzeit kostenlos und unverbindlich. — 25 Prozent
Preisnachlass bei Lieferungen ins Ausland. — Bank: Deutsche
Bank, Filiale Hamburg.

suchte er nach Worten: „Weil — weil ich mich nicht kompetent fühle, auf ihn zu schiessen ...“

In Murakins Augen blitzte es spöttisch auf bei diesen Worten, aber er schwieg. Kruglikow senkte den Blick. Man sah, dass er mit sich kämpfte. Dann sagte er plötzlich: „Das sollten Sie tun, Herr Murakin!“

„Ich? ... Warum ich?“ Murakins Hände, die schwer auf dem Schreibtisch lagen, ballten sich, so dass die Knöchel weiss hervortraten.

Ohne ihn anzusehen, erwiderte Kruglikow rasch: „Weil ich nicht einsehe, dass ich mich für eine Frau schiessen soll, die einem anderen gehört.“ Er hatte nichts als den Wunsch, diese Unterredung so schnell wie möglich zu beenden. Warum peinigte der Kerl ihn so? Fragte and fragte — und dabei wusste er doch bestimmt schon alles! Aber er ersparte einem nichts ...

Nein, Michael Murakin ersparte ihm nichts. Mit unheimlich drohender Ruhe fragte er jetzt: „Wer ist diese Frau?“

Das Rattenähnliche in Kruglikows Gesicht wurde deutlicher, seine Augen flitzten umher, als sässe er in der Falle. Aber es gab keinen Ausweg. Er musste es aussprechen: „Ihre hochverehrte Frau Gemahlin.“ Er warf einen blitzschnellen Blick auf Murakin, der reglos, wie aus Stein sass. Kruglikow war in diesem Moment durchaus bereit, den letzten Rest von Würde fallen zu lassen und einfach aus dem Zimmer zu rennen.

Aber als ahne Murakin diese Absicht, stand er auf und forderte scharf: „Erklären Sie diesen Satz!“

Kruglikow tastete wieder nach seinem Taschentuch. Er stotterte: „Erklären ... natürlich ... nur ... ich dachte — Sie wüssten —“

Murakins Gesicht verzerrte sich. Auch er verlor jetzt die Beherrschung. Und plötzlich

te er: „Ich bitte ... mich verabschieden zu dürfen.“

Murakin rührte sich nicht.

Wie ein geprügelter Hund schlich Kruglikow zur Tür. Am liebsten wäre er rückwärts hinausgegangen. Er hatte das peinigende Gefühl, als ob im nächsten Augenblick eine gewaltige Faust nach ihm greifen würde. Als er die Tür hinter sich zugemacht hatte, atmete er erleichtert auf. Fast flüchtend durchquerte er die Halle. Seine Schritte riefen den Diener herbei, der ihm in den Pelz hinein half und die Mütze reichte.

Gerade hatte Pjotr die Haustür hinter ihm geschlossen, trat Murakin aus seinem Zimmer. Er ging auf den Diener zu und fragte ihn, wo Katharina sich aufhalte.

„Im Musiksalon, gnädiger Herr.“

Murakin nickte. Dann sagte er: „Lass eine Troika anspannen, Pjotr. Ich fahre in einer halben Stunde in die Stadt.“ Er drehte sich um und ging in den Musiksalon.

Katharina stand am Fenster, als er herein kam. Sie fuhr bei dem Geräusch der sich öffnenden Tür herum und starrte den Eintretenden verstört an. Sie hatte eine fürchterliche Viertelstunde hinter sich und war sehr bleich und nervös. Sie suchte sich zu fassen und hlickte forschend in das Gesicht ihres Mannes. Es war unbeweglich. Nichts verriet, dass irgend etwas geschehen war.

„Wünschst du etwas?“ fragte sie ihn leise.

Er schüttelte den Kopf und ging zum Kamin. Aber er setzte sich nicht, sondern blieb, Katharina den Rücken zuehend, stehen und blickte in die Flammen.

Katharina versuchte zu sprechen, irgend etwas. Nur um das lastende Schweigen zu unterbrechen, das sie so peinigte.

Brasilianische Sprache
Literatur und Geschichte unterrichtet für Anfänger und Fortgeschrittene in deutsch und portugiesisch billig im Hause der Schüler ein junger Lehrer. Professor.
Rua Couto de Magalhães 432
Persönlich zu sprechen nur von 9-10 u. 13-14 Uhr

Saure Bonbons
VERA-FRUIT
FRUCHTGEFÜLLTE SAUERLINGE
EIN SÖNKSEN-PRODUKT

TECHNISCHE ABTEILUNG:
Krupp-Stühle zur Herstellung von Federn, Matrizen jeder Art, Drehstähle, WIDIA-Metall, Qualitäts-Schneidwerkzeuge, Bohrer, Schneidseilen, Präser, Gewindebohrer usw., Messwerkzeuge jeder Art, Schleblehren, Zirkel, Tourenzähler, Gewindemesser, Mikrometer, Dampf-Armaturen wie Kondensstöpfe, Stahlbürsten, Dampfpackungen, KLINGERIT Dichtungsplatten, Zylinderschmier-Apparate, Tropföler, Manometer, Ventile, Wasserstandgläser, Transmissionsgeräte, Lederriemen, Gummiriemen der bekannten Marken BULLDOG und O PODEROSO, Riemenverbinder, Lagermetalle, Riemenwachs, Holz- und Stahlriemen-Scheiben, Ringeschmier-Lager, Kugellager, Gleaserel-Artikel wie Schmelztiegel, Graphit, Stahlbürsten usw., Mechanische Werkstätten-Werkzeuge und Zubehörteile, Schmirgelscheiben Marke ALEGRITE, Schmirgel-Leinen und -Papier in Blättern und Rollen, Schweissapparate mit sämtl. Zubehör, Metallsägeblätter für Hand- und Maschinenbetrieb, Staufferbüchsen, Stahldraht-Seile, Drehbankfutter, usw., Galvanoplastik-Artikel wie Nickelanoden, Filzscheiben, usw., Holzindustrie-Zubehör, Kreis- und Gattersäge-Blätter, Marke HUNDEKOPF, Schmirgelpapier, Marke RUBINITE, Bohrer usw.

Eisenwaren-Abteilung: Klein-Eisenwaren und Werkzeuge aller Art, Feilen Marke „TOTENKOPF“ und „KRIEGER“, Bau- und Möbelbeschläge, Haus- und Küchengeräte, sanitäre Artikel, Fittings, Röhren, Bleche, Drähte, Schädlingsbekämpfungsmittel, Arsenik, Bleiarzentat Marke „BROMBERG“, Öl- und Trockenfarben, Zinkweiß, Leinöl usw. — **Elektrische Abteilung:** Drehstrommotoren und Dynamos in jeder Grösse, Isolierte Drähte und Kabel jeder Art für Hoch- und Niederspannung, Zählapparate, Voltmeter und Amperemeter, tragbar und für Schalttafeln, Elektrische Heiz- und Kochapparate, Bügeleisen und Lötöfen, Widerstandsdrähte für Heizapparate, Konstantan und Chromnickel, Material für Inneneinrichtungen und Freileitungen, Isolierrohre, Schalter in jeder Ausführung, Klingeln, Lampen, Leuchter, Sicherungen und Sicherungsdrähte aus Eisel und Silber, Isolatoren, Blitzableiter und Blanke Kupferdrähte, Anker-Isoliermaterialien, Presspan und Vulkanfaser in allen Stärken, Lacke, Lötpaste und Isolierband, Material zur Installation von Motoren, Sterndreieck-Schalter, autom. Schalter und handbetätigte Schalter, Diazed-Sicherungen. — **Abteilung landwirtschaftl. Maschinen:** Traktoren „LANZ BULLDOG“, Schleppergeräte, Pflüge, Pferdehacken, Säemaschinen „RUD. SACK“, Mähmaschinen und Heuräucher „KRUPP“, Milchzentrifugen „LANZ“, Amisenlöcher, Pflanzenspritzen, Dreschmaschinen, Windfegen, Futterschneider, Pumpen und sonstige für Landwirtschaft gehörende Geräte und Maschinen, Marken „BROMBERG“, „O PODEROSO“ und „COLONO“. — **Öl-Abteilung:** Öle und Fette „SUNOCO“ der Sun Oil Company, Philadelphia (USA.) Öle für Automobile, Lastwagen und Traktoren, Öle für Dynamos, Motoren und Turbinen, Öle für allgemeine Maschinen-Schmierung, Öle für besondere Zwecke; Bohrlöl, Eismaschinen-Öl usw., Fette in allen Arten. — **Maschinen-Abteilung:** Maschinen für Eisen-, Blech- und Holzverarbeitung, komplette Einrichtungen für jede Industrie. — **Ingenieur-Abteilung:** Fried. Krupp A. G., Gusstahlfabrik, Essen; Fried. Krupp A. G., Friedrich-Alfred-Hütte, Rheinhausen; Fried. Krupp Germania-Werft A. G., Kiel; Elektrot, Transportanlagen G. m. b. H., Leipzig; Drahtseilbahnen, Transportanlagen usw.; Maschinenfabrik Buckau R. Wolf A. G., Magdeburg, Lokomotiven, Dieselmotoren; Bayerische Maschinenfabrik F. J. Schlageter, Regensburg, Gerberet-Maschinen.

BROMBERG & CIA.
SÃO PAULO
AV. TIRADENTES NR. 32
CAIXA POSTAL 756
TELEFON: 4-5151

Physikalische Apparate, Vermessungsinstrumente und Zubehör, feinmechanische Werkstätten

OTTO BENDER
Rua Sta. Ephilgenia 80 - Telefon 4-4705
Zeichenmaterial A. Nestler, Lehr und Gebr. Hoff, Pfronten. - An- und Verkauf von gebrauchten Vermessungsinstrumenten.

Deutsche Färberei und chemische Waschanstalt

„Saxonia“
Annahmestellen: Rua Sen. Feijó 50. Tel. 2-2396
und Fabrik: Rua Barão de Jaguará 980. Tel. 7-4264

Farbstark - durch höchsten Farbgehalt

... das bietet der Copier CASTELL von A.W. Faber. - Der CASTELL gleitet zügig - man schreibt also schnell und ohne Ermüdung. Die hafteste Schriftspur ist schwer radierbar und rechtsgültig.

ERKENNUNGSZEICHEN:
Die goldene Waage auf grünem Stift.

Copier CASTELL

für rasche, klare Schrift, zum schnellen, rechtsgültigen Unterschreiben, für Statistik und Organisation, für Revision und Korrektur und das flotte, zügige Diktat.

A.W. FABER CASTELL *Schreibkultur*

nung besorgt und zusammen mit ihm Möbel ausgesucht. Ganz erschöpft war Peter, als er in seine Wohnung übersiedelte. Wenn es nach Glykow gegangen wäre, so würde diese Wohnung eine Anhäufung üppiger Polstermöbel und Teppiche, seidener Vorhänge, unzähliger Nippes und Oelgemälde in vergoldeten Prunkrahmen sein. Dagegen aber hatte Peter sich hartnäckig und mit Erfolg gestraubt, und Glykow musste seufzend nachgeben. „Luft brauche ich zum Arbeiten“, hatte Peter gesagt. „Ich würde ersticken in solch einer Mottenkiste! ... Ein guter Flügel — das ist die Hauptsache!“

Natürlich wurde sein Wunsch erfüllt, und Peter konnte es kaum erwarten, dass das

Gegen Mittag dieses Tages erschien Nastassja bei Tschaikowsky. Sie hatte nach dem gestrigen Vorfall im „Jar“ vor Angst um Peter die ganze Nacht kein Auge zugehen. Erst am Morgen war sie vor Uebermüdung eingeschlafen und, da niemand sie störte, erst gegen zwölf Uhr aufgewacht, Schimpfend und in Eile zog sie sich an und rannte zu Peter. Sie machte sich bittere Selbstvorwürfe. Hoffentlich war nicht schon irgend etwas Schreckliches geschehen! ... Sie atmete auf, als sie Peter ruhig am Fenster sitzen und lesen sah. Atemlos stürzte sie auf ihn zu: „Du darfst dich nicht mit ihm schiessen!“

Tschaikowsky machte eine abwehrende Handbewegung. „Das verstehst du nicht, Nastja.“

ja. Er hat dich eine Rose genannt, und ich habe gesagt, du seiest ein hässlicher kleiner Kaktus. Darauf hat er mir eine geknallt.“

Nastassja fuhr auf: „Das ist nicht wahr — du hast ihm eine geknallt!“

„Die Folgen sind dieselben“, entgegnete Tschaikowsky achselzuckend.

Nastassja trocknete sich die Tränen. Bitend und etwas verlegen sagte sie: „Peter — wenn du auch was Schlechtes über mich gesagt hast ... ich verzeihe dir! Und wenn ich dir verzeihen habe, dann brauchst du dich doch nicht mehr zu schlagen! Was geht das den Kruglikow an —“

Mit einem merkwürdigen Lächeln antwortete Tschaikowsky: „Ja, kleine Nastja, das

Peter. Sicher war das der Sekundant Kruglikows ...

„Geh“ solange nach nebenan ins Schlafzimmer, Nastassja!“ sagte Tschaikowsky zu ihr. Und nachdem sie verschwunden war, zu Stepan, der noch immer wartend in der Tür stand: „Er soll hereinkommen.“

Gleich darauf trat Murakin ins Zimmer. Tschaikowsky war es, obgleich er innerlich unbewegt blieb, als empfange er einen dumpfen Schlag. Er war unfähig, sich zu rühren, und blieb in seinem Sessel sitzen. Katharinas Gatte — bei ihm! Das konnte nur eins bedeuten ... Gefahr für Katja. Und schon hatte er sich auch wieder völlig gefasst und war bereit, mit Murakin die Klünge zu kreuzen. All diese blitzschnellen Ueberlegungen gipfelten in dem einen Gedanken: Ich muss Katja schützen!

Ohne Gruss oder Verbeugung trat Murakin auf ihn zu und stellte sich vor: „Mein Name ist Michael Iwanowitsch Murakin.“

Jetzt erst stand Peter auf. Er liess mit Absicht eine ganz kleine Pause verstreichen, ehe er leicht erstaunt fragte: „Was führt Sie zu mir?“

„Sie wissen es.“

Ohne mit der Wimper zu zucken, erwiderte Tschaikowsky: „Ich verstehe Sie nicht ...“ Er deutete auf einen Sessel: „Wollen Sie nicht Platz nehmen?“

Murakin schüttelte den Kopf. „Danke.“ Dann fügte er schnell hinzu: „Sie haben morgen ein Duell mit Kruglikow —“

Ebenso schnell antwortete Peter mit einem kurzen Ja.

„Darf ich den Anlass des Duells erfahren?“

Tschaikowsky blickte ihn forschend an. Vorsichtig fragte er: „Was berechtigt Sie zu dieser Frage?“

In Murakins Augen blitzte es auf. Er hatte sich die Unterhaltung wesentlich anders vorgestellt. Dieser Mann war ihm gewachsen, er liess sich nicht einschüchtern. Wenn in Murakin nicht eine Hölle von Zorn und Erbitterung gebrannt hätte, wenn es hier nicht um das gegangen wäre, was ihm Lebenszentrum war — er hätte so etwas wie Hochachtung vor Tschaikowsky empfunden. Denn im Grunde achtet der Despot ja nur jene Menschen, die gleichfalls stark sind. Die Schwachen, die sich kriecherisch vor ihm beugen, rufen das Böse in ihm wach — und darum letzten Endes verachtet er sie mehr als wegen ihrer Schwäche.

Murakin beobachtete Tschaikowsky sehr scharf, als er jetzt langsam erwiderte: „Mich berechtigt zu dieser Frage die Tatsache, dass Herr Kruglikow es vorgezogen hat, seinen Schuss mir zu überlassen!“

Jetzt war Tschaikowsky nahe daran, die Fassung zu verlieren. Er trat hinter den Sessel, in dem er vorher gesessen hatte, und packte mit beiden Händen die Lehne. Eine Sekunde fand er keine Erwidrung. Fast hörbar atmete er ein. Dann fragte er durch die Zähne: „Ihnen? — Und warum?“

Absolute
Echtheit
der Farben

Widerstandsfähige Gewebe
CASAS PERNAMBUCANAS

CORES MARCA INDUSTRIAL BRASILEIRA FIXAS REGIST

neue Instrument aufgestellt war. Beinahe andächtig sass er dann davor und lauschte dem edlen Klang des herrlichen Bechstein. Nun war er nicht mehr auf das elende Leihklavier angewiesen ... Dankbare Freude erfüllte ihn. Und Glykow genierte sich durchaus nicht, die Bezeugungen dieser Freude gerührt und etwas gönnerhaft entgegenzunehmen. Wahrhaft selig war Stepan, den Glykow natürlich auch neu ausstaffiert hatte. In der ersten Zeit wagte er überhaupt nur auf Zehenspitzen über die neuen Teppiche zu gehen ...

Aengstlich und verzweifelt rief sie: „Und wenn er dich totschiess —?“

„Keine Angst“, lächelte Tschaikowsky, „Kruglikow hat noch nie ins Schwarze getroffen.“

Sie setzte sich auf die Lehne seines Sessels und legte den Arm um seinen Nacken. „Aber du kannst dabei ein Auge verlieren ... oder ein Ohr!“ Plötzlich schluchzte sie laut auf: „Und das ... meinertwegen ...“

Tschaikowsky schaute sie verwundert an: „Deinetwegen —?“

Sie hatte seinen Blick nicht gesehen. Vorwurfsvoll schluchzte sie: „Kruglikow hat gesagt, du hättest meine Ehre in den Kot gezogen ... Aber ich kann es gar nicht glauben. Hast du es wirklich?“

Tschaikowsky hatte ihr verblüfft zugehört. Jetzt lachte er: „Aber natürlich, kleine Nast-

frag' ich mich auch: Was geht es den Kruglikow an?“

Er wurde ernst und nachdenklich. Wie gut, dass Kruglikow Nastassja diese Erzählung aufgetischt hatte! Natürlich hatte er es getan, um in ihren Augen als Verteidiger ihrer Ehre zu glänzen und um Tschaikowsky herabzusetzen. Aber das war ja völlig gleichgültig. Wichtig war nur, dass auf diese Weise Katharinas Name nicht in die Sache hineingezogen wurde ...

Seine Gedanken wurden durch Stepan unterbrochen, der den Kopf zur Tür hereinsteckte: „Gnädiger Herr — es ist jemand dranssen, der Sie sprechen will ... Ein Herr —“ Er betonte das letzte Wort respektvoll.

Nastassja stand schnell von der Sessellehne auf und sah mit erschrockenen Augen auf

„Sublime“
die beste Tafelbutter

Theodor Bergander
Al. Barão Limeira 117, Telefon 4-0620

Dralle Birkenwasser
enthält natürlichen Birkenensaft

Dienst am Kunden!

Jedem Wunsch nach Möglichkeit gerecht zu werden, ist Grundidee unserer Organisation und unseres geschulten Personals.

Banco Germanico

da America do Sul
São Paulo

R. Alvares Penteado 121 (Ecke Rua Quitanda)
Rio de Janeiro, Rua da Alfandega 5
Santos, Rua 15 de Novembro 114

Anzüge macht gut und billig Henrique Dietsch

Av. C. João 345 - App. 2 - Tel. 4-3196

„Zum Hirschen“ Hotel und Restaurant

Rua Victoria 186 - Tel. 4-4561
São Paulo Inh.: Emil Russig

VIGOR-MILCH

Die beste Milch in São Paulo

S. A.
Fabrica de Productos Alimenticios "VIGOR"

Rua Joaquim Carlos 178
Tel.: 9-2161, 9-2162, 9-2163

Alöfller Registrierung aller Ausländer - Pässe - Identitätskarten - Aus- und Rückreise-Visums - Überlegungen werden schnell und billig besorgt
Rua Formosa 433, sobr. (bei der Post)



CONDOR FLUGDIENST

PASSAGIERE
POST
FRACHT

Telegr. AERONAUTA

Succursol S. PAULO: r. Alvares Penteado, 8
Agentur SANTOS: r. 15 de Novembro, 19

Dres. Lehfeld und Coelho
Dr. Walter Hoop
Rechtsanwälte
São Paulo, Rua Libero Badaró Nr. 443,
Telef.: 2-0804 - 2. Stock, Zim. 11-16 - Postfach 444

Deutsche! Wartet nicht bis zum letzten Moment, um euren Aufenthalt im Lande nach dem neuesten Dekret zu legalisieren und die vorgeschriebene Registrierung vorzunehmen. Dies besorgt billig und absolut zuverlässig:
„A Informadora“ Predio Pirapitinguy, R. João Brícola 10, 9. St., São 932/33.
Dort werden ebenfalls Aus- und Rückreise-Visums besorgt.

Deutsche Apotheke
In Jardim America

Anfertigung ärztlicher Rezepte, pharmazeutische Spezialitäten - Schnelle Lieferung ins Haus.
RUA AUGUSTA 2843
Tel. 8-2182

Hugo Lichtenthäler

Rua Aurora Nr. 135

Bestes deutsches Möbelhaus
Grosse Auswahl in kompl. Zimmern u. Einzelmöbeln. Auch TAUSCH und KAUF von gebrauchten Möbelstücken

Pension

vermietet Zimmer für 1 bis 3 Personen. Beste Lage für Reisende.
Rua Aurora Nr. 75.

Unter Mittagstisch

Rs. 2\$000
Rua da Mooca 1669

Deutsche Schuhmacherei
Rua Sta. Ephigenie 225
Ausführung aller ins Fachschlagenden Arbeiten
Hermann Radelsberger
(früher Heinrich Lutz)

João Knapp
Klempner, Installation.
Regist. Rep. de Aguas und Esq. - Rua Mons. Paffa-
Iaqua 6. Telefon 7-2211.

Josef Hülz
Ertklassige Schneiderei. - Mäßige Preise. - Rua Dom José de Barros 266, sobr., São Paulo, Telefon 4-4725

Jorge Dammann
Deutsche Damen- u. Herrenschneiderei. Große Auswahl in nat. u. ausländ. Stoffen. R. Uiranga 193, Tel. 4-2320

Die besten Schuhe bekommen Sie nur im bekannten

Casa Brasil

Damenschuhe bis zur Nr. 40

Abfaj Louis XV., japanische Form 40\$000, 45\$000 Das Haus, welches bestens bedient und reelle Preise hat.

Rua Santa Ephigenia 285 nahe der Rua Aurora

Murakin antwortete nicht. Man sah ihm an, wie schwer es ihm wurde, Tschakowsky nicht einfach ins Gesicht zu schlagen. Seine Augen verengten sich zu schmalen Schlitzern, sein Gesicht wurde böse. Fast schreiend sagte er: „Ich habe zu fragen! Nicht Sie!“

Peter hatte die Verwandlung, die in Murakins Gesicht vorging, so fasziniert beobachtet, als sehe er den Maskenkünstler eines ausgezeichneten Schauspielers vor. Erst als ihm bewusst wurde, dass Katharina - seine Katja! - diesem Menschen ausgeliefert war, überließ er sich dem Kälte. Aber ruhig sagte er: „Ich habe keine Ahnung, was Ihnen dieser Kruglikow vorgeschwatzt hat ... aber Sie können die Wahrheit hören.“ Ohne Wimperzucken sprach er diese Worte aus.

Jetzt war es Murakin, der beinahe die Fassung verlor. Er wandte den Kopf von Peter ab, und es sah aus, als zuckte er, wie in Erwartung eines Schlagens, ganz leicht zusammen.

Schnell und eintönig sprach Tschakowsky; wie auswendig gelernt kamen die Worte von seinen Lippen. „Er hat eine Dame beleidigt, die ich achte und liebe ... Falls er es vorziehen sollte, morgen Sie als Ersatzmann zu stellen, so werde ich auf meinen Schuss verzichten und mir alles Weitere vorbehalten.“

Bei den letzten Worten hatte Murakin das Gesicht wieder zu ihm gewandt und ihn aufmerksam angeblickt. Mit höhnischer Anerkennung nickte er, als Peter schwieg. „Gut gesprochen!“ Dann fragte er langsam und drohend: „Und wer ist diese Dame, die Sie achten und lieben?“

Tschakowsky wurde totenblass. So fest biss er die Zähne aufeinander, dass die Kinnbacken hervortraten. Jetzt war er gefangen - er wusste, es gab kein Entrinnen mehr.

Ein grausames Lächeln verzog Murakins Lippen. Langsam beugte er das Gesicht ganz nah zu Tschakowsky. Leise und zwingend sagte er: „Nun -?“

Peter bewegte lautlos die Lippen. Dann sagte er heiser: „Meine Verlobte -“

Murakin runzelte leicht erstaunt die Brauen. Er begriff nicht. Noch nicht. Aber irgendwie ahnte er bereits, dass etwas gänzlich Unerwartetes sich vorbereitete. Leicht irritiert fragte er: „Ihr Name?“

Tschakowsky blickte ihn an. Mit glötlichem Entschluss und daher unnötig laut und hart stieß er hervor: „Nastassja Petrowna Jarowa.“

Im nächsten Augenblick öffnete sich die Tür des Schlafzimmers.

Nastassja hatte natürlich gehorcht. Die Vorgänge im Nebenzimmer interessierten sie viel zu sehr, als dass sie der Versuchung hätte widerstehen können. Die ersten Sätze der Unterredung konnte sie vor lauter Aufregung nicht verstehen, dann aber hatte sie jedes Wort gehört. Nur - den Sinn des Ganzen konnte sie selbstverständlich nicht durchschauen ... Das, was hinter den Worten lag, verschloss sich ihrem Verständnis. Sie hörte nur, dass Peter eine Dame verteidigen wollte, die Kruglikow beleidigt hatte. Schon am Abend zuvor, im „Jar“, war sie überzeugt gewesen, dass Kruglikow gelogen, ihr den Vorfall aus Prahlerei falsch dargestellt hatte, denn warum hätte Peter ihm sonst eine Ohrfeige geben sollen? Da sie Murakin nicht kannte, wusste sie natürlich nicht, welche Rolle er in dieser Angelegenheit spielte, und nahm an, Kruglikow habe ihn zu Tschakowsky geschickt.

Murakin trat einen Schritt zurück. Erstaunt und mit leisem Misstrauen blickte er auf Tschakowsky und Nastassja. Er runzelte die Stirn - im Augenblick konnte er für diese Szene keine Erklärung finden. Irgendwie erschien sie ihm unklar, gestellt. Wie auf ein Stichwort war dieses Mädchen aus dem Nebenzimmer herausgeschossen. Dabei hatte er nicht einmal den Eindruck, dass sie selbst spielte. Unecht schien ihm nur Tschakowskys Haltung. Immer sicherer wurde er seiner Sache, dass hier irgend etwas nicht stimmte.

Strahlend vor Glück hing Nastassja an Tschakowskys Hals. So leise sie aber auch flüsterte: „Oh, Peter ... ich habe es ja immer gewusst -“, Murakin hatte sie doch verstanden. Böse lächelte er.

Plötzlich löste Nastassja sich von Tschakowsky und wandte sich zu Murakin. Energisch sagte sie: „Ich erlaube nicht, dass er sich meinestwegen schiesst.“

Murakin blickte sie aufmerksam an. Mit übertriebener Verwunderung fragte er: „Sie wissen es?“ „Natürlich!“ erwiderte Nastassja ausbrechend. „Kruglikow hat es mir selber erzählt. Er - Murakin drehte sich, sie unterbrechend, zu Tschakowsky: „Also diese - Dame ist Ihre Verlobte ... Wie war doch der Name?“

Tschakowsky hatte das absichtliche kleine Zögern vor dem Wort „Dame“ gehört. Zornig befand er es jetzt, als er erwiderte: „Jawohl, diese Dame ist meine Verlobte: Nastassja Petrowna Jarowa!“

Nastassja, die nichts begriffen hatte, sagte ungeduldig, dass man sie unterbrochen hatte: „Ja - und Kruglikow ist bloss eifersüchtig auf Peter ... weil er in mich verliebt ist!“

Mit gewissem Stolz schaute sie zu Murakin auf, der mit ironischer Höflichkeit entgegnete: „Das kann ich durchaus verstehen.“ Er sah bei diesen Worten zu Tschakowsky hinüber. Offener Hohn stand in seinen Augen. Gepeinigert wandte Tschakowsky den Blick ab.

Nastassja trat jetzt ganz dicht zu Murakin und bettelte affektiert kindlich: „Sie werden nicht erlauben, dass Peter sich mit ihm schiesst, nicht wahr, Herr - Herr -“

Er nannte seinen Namen: „Murakin ...“ Dann fügte er ohne Uebergang wie im Plauderton hinzu: „Ihr - Verlobter studierte einst mit meiner Frau ...“ Er machte eine kleine Pause, ehe er den Namen nannte: „Katharina Alexandrowna ... zusammen in Petersburg ...“ Sich zu Peter wendend, schloss er: „Wenn Sie sich dessen noch entsinnen.“

Ruhig entgegnete Tschakowsky: „O ja. Sie hatte eine herrliche Stimme.“

„Sie singt noch hier und da“, sagte Murakin langsam. „Und am liebsten Ihre Lieder ...“ Als Tschakowsky nicht antwortete, drehte er sich wieder zu Nastassja zurück. „Sie erlauben, Nastassja Petrowna, dass ich Ihnen zur Verlobung gratuliere ... Soviel ich weiss, war sie ja bisher geheim.“

Nastassja war viel zu glücklich, als dass ihr der abgründig ironische Ton dieser Gratulation aufgefallen wäre. Schnell und unerschuldig sagte sie: „Ja ... es kam alles so plötzlich.“

„Das meinte ich eben.“ Murakin nickte lächelnd. „Auch meine Frau wird es freuen, davon zu hören.“ Die letzten Worte richtete er wieder an Tschakowsky, der reglos da stand und an der kurzen Verbeugung, mit der Murakin sich verabschiedete, nicht erwiderte.

Verwundert blickte Nastassja ihn an. Sie erschrak vor dem glühenden Hass, mit dem Tschakowsky Murakin nachsah.

Schüchtern berührte sie seinen Arm. „Peter! Was hast du denn?“

Wie erwaehend sah er sie an. „Nichts, Nastassja ...“, murmelte er.

Er schüttelte den Kopf und lächelte mühsam.

Nastassja beruhigte sich schnell. Sie war viel zu glücklich, so plötzlich Peters Braut geworden zu sein, als dass sie lange an etwas anderes denken konnte. Wieder fiel sie ihm um den Hals und küsste ihn. In überströmender Freude rief sie aus: „Peter - ich bin ja so glücklich!“ Tschakowsky rührte sich nicht.

Stepan kam ins Zimmer. Er blieb wie angewurzelt stehen, als er die beiden sah. Vor Erstaunen liess er das Tablett fallen, das er in Händen hielt.

Ersehreckt von dem Gepolter liess Nastassja Tschakowsky los und fuhr herum. Als sie Stepan erblickte, rannte sie auf ihn zu: „Stepan - wir heiraten!“

Stepan riss die Augen auf. „Wir?“

Vergnügt lachte sie: „Du Dummkopf! Peter Iljitsch und ich.“

Stepan starrte sie mit offenem Mund an, dann platzte er heraus: „Nein!“

Nastassja hlickte sich zu Tschakowsky um. „Hast du gehört, Peter - er will's nicht!“

Mit einem schiefen Lächeln fragte er: „Nein?“

Stepan hatte sich inzwischen einigermaßen gefasst. Aufmerksam sah er seinen Herrn an und ging einige Schritte auf ihn zu: „Gnädiger Herr -“

Nastassja fuhr dazwischen: „Wirst es schon glauben müssen, wenn ich erst hier regiere!“ Sie blickte sich mit wichtiger Miene im Zimmer um, fuhr plötzlich mit dem Zeigefinger über die Kommode und hielt ihn Stepan hin: „Aber das sage ich dir jetzt schon: In Zukunft wird anständig Staub gewischt!“

Sie machte eine wirbelnde Pirouette, lief atemlos auf Tschakowsky zu und umarmte und küsste ihn. Dann fiel ihr etwas ein: „Jetzt will ich aber schnell nach Haus! ... Na, wenn das mein Vater hört - der säuft sich unter die Kommode.“

Plötzliche Stille wie nach einem Wirbelsturm herrschte im Zimmer, als sie gegangen war.

Stepan hatte die Augen nicht von Tschakowsky gelassen. Sein einfacher Instinkt sagte ihm, dass mit dieser unerwarteten Verlobung nicht alles stimmte. Leise und besorgt fragte er: „Gnädiger Herr - ist das wahr? Sie heiraten?“

Tschakowsky blickte ihn stumm an und machte eine unbestimmte, resignierte Bewegung. Unmenschliches Leid sah aus seinen Augen, sein Gesicht war auf einmal elend und verfallen.

Stepan hob unwillkürlich die Hand, als wolle er ihm tröstend über das Haar fahren, wie er es oft getan hatte, wenn Peter als Kind mit einem Kummer zu ihm gelaufen kam.

„Petja -“, murmelte er zärtlich. Tschakowsky schrak zusammen. Heftig drehte er sich um und ging in sein Schlafzimmer hinüber.

Stepan blickte auf die geschlossene Tür. Er lauschte. Aber es rührte sich nichts.

Katharina sah ihren Mann erst beim Abendessen wieder. Sie hatte die Stunden bis zu seiner Rückkehr in unerträglicher Spannung verbracht. Zu nervös, um sich längere Zeit mit einem Buch oder einer Handarbeit zu beschäftigen, wanderte sie ruhelos im Haus umher, tauchte bald in diesem, bald in jenem

Zimmer auf. Nur an der Tür des Musiksalons ging sie ängstlich vorüber. Verwundert tuschelten die Diener und Mägde über ihr seltsames Wesen. Es war ihnen natürlich nicht verorgen geblieben, dass etwas zwischen Murakin und seiner Frau vorging.

Sie wussten, dass dieses Etwas im Zusammenhang mit jenem Ball stand, zu dem Katharina Alexandrowna damals allein gefahren war. In der Küche wurden allerlei Mutmassungen angestellt, und Murakins Diener Pjotr äusserte vertraulich zu Katharinas Zofe, er habe sich gleich gewundert, dass die gnädige Frau so allein, ohne den Herrn, zum Ball gefahren sei. Er kam aber schlecht an bei Lisaweta. Sie fuhr ihm über den Mund: Katharina Alexandrowna sei nicht allein dort gewesen, der Herr Professor habe sie begleitet. Nun gut, gut, brummte Pjotr; aber er blieb dabei, dass „dort“ etwas geschehen sei. Und hierin konnte Lisaweta ihm nicht widersprechen. Sie musste ihm auch beipflichten, als er sagte, dass Katharina Alexandrowna heute den ganzen Nachmittag wie ein Gespenst im Hause herumgegangen sei ... Rein zum Föhren sei es gewesen, fügte er hinzu und bekreuzigte sich. Er konnte das interessante Gespräch nicht fortsetzen, da er mit einer Platte in den Speisesaal musste.

Schweigend sassen Murakin und Katharina einander an dem unverhältnismässig grossen Tisch gegenüber, als Pjotr mit der Platte hereinkam. Er warf einen Blick auf Murakins bleiches, finsternes Gesicht und servierte lautlos und ängstlich.

Unnatürliche Stille herrschte im Raum, selbst nachdem der Diener hinausgegangen war.

Katharina ertrug die Spannung nicht länger. „Du warst in der Stadt?“ fragte sie. Sie versuchte, gleichgültig zu sprechen, konnte aber ein leises Zittern der Stimme nicht unterdrücken.

Murakins Lippen verzogen sich in einem numerklichen Lächeln. „Ja“, sagte er ruhig und schwieg wieder.

„Und?“ Katharina warf einen kurzen Blick voll nervöser Angst zu ihm hinüber. Aber schon hantierte sie wieder mit Messer und Gabel.

Murakin brach ein Stück Brot auseinander, während er in ganz nebensächlichem Ton sagte: „Ich habe Tschakowsky kennengelernt.“

Katharina hielt einen Augenblick im Hantieren inne. Sie hemühte sich, ihren Mann nicht anzublicken, als sie leise erwiderte: „Ach?“

Murakin kostete mit dämonischer Gelasstheit die Szene aus. „Er hat eine hübsche Wohnung“, berichtete er und blickte Katharina erwartungsvoll an.

„Du warst bei ihm?“ fragte sie mühsam. Er nickte. „Ich war bei ihm. Eine hübsche Wohnung ... und eine hübsche Braut.“

Katharina verlor einen Augenblick die Beherrschung. Sie starrte ihn an: „Was ... sagst du ...?“

„Sie heiraten ... ja“, fuhr Murakin fort. „Ich glaube, es ist eine Tänzerin aus einem Kabarett ... irgendeine Nastassja Philippowna.“

„Nastassja Philippowna?“

In ärgerlichem Ton berichtigte Murakin sich: „Was sage ich - Philippowna ... Das ist ja eine Figur aus Dostojewskis „Idiot“ ... Also irgendeine Nastassja ... Ich habe den Namen vergessen.“

(Fortsetzung folgt.)

Motoren
Licht- und Pumpengruppen
Eisenbearbeitungsmaschinen
Erzaufbereitungsanlagen „Humboldt“
Diesel-Lastkraftwagen „Magirus“

Sociedade de Motores
DEUTZ OTTO LEGITIMO
Ltda.

RIO DE JANEIRO
S. Paulo - Recife - Porto Alegre

Hotel „Lutecia“

Inhaber: Jakob Christ

Modern eingerichtete und vollständig separate Appartements mit Saal, Schlafzimmer, Bad und Telefon.

Rio de Janeiro, Rua das Baranjetas Nr. 486
Telefon: 25-3822

BAR UND RESTAURANT CIDADE HEIDELBERG

GUTE BRASILIAN. UND DEUTSCHE KÜCHE
Sonntags geschlossen
Feiertags geöffnet bis 3 Uhr nachmittag
Rua Miguel Couto 65 (früher Ourives), RIO
Tel. 23-0658

Bar und Restaurant **Fischerklause** Rua Th. Ottoni 126
RIO - Tel. 43-5178
Deutsche Küche — Brahma-Chopp
Inhaber: **Fritz Schade**

Merztetzel Rio de Janeiro

Haut- und Geschlechtskrankheiten
Dr. Paul Cardozo-Legène
in Deutschland ausgebildeter und approbierter Arzt

Rua Alcindo Guanabara 15, 4. Stock
Telephon 22-0912
Sprechstunden: 9-12 und 3-6
Samstag: 9-11 und 12-3 Uhr

Dr. Fridel-Schöppe

Säuglings- und Kinderarzt. Moderne Behandlung der Ernährungsstörungen (Wachstumshindernisse, Blutarmut, Tuberkulose und Hautkrankheiten, Ultraviolet-Strahlen).

Consultorio: Rua Miguel Couto Nr. 5
von 2-5 Uhr. Tel. 22-0713. — Wohnung:
Tel. 22-9930

Dr. Archimedes Peçanha

Adjunto do serviço do Dr. Paulo Brandão no H. S. F. de Assis

Ohren-, Nasen- und Halsleiden

Consultorio:
Rua Quitanda 5 — Tel. 22-5550

MIRAMAR-PAQUETÁ

(Barca-Seite links) Telephon 206

Hotel / Bar / Restaurant

Luftige Zimmer / Vorzügliche Wiener Küche
Mässige Preise / Grosser Garten für Picnics usw.

Einziges deutsches Hotel am Platze

Unsere Vertretung in Rio de Janeiro:
Rua dos Andradas Nr. 84 = App. 23 = Tel. 23-4977



Urotropin

in dieser Packung mit

dem Namenszug *Schering*

Ist bei den entzündlichen Erkrankungen von
Blase, Niere und Gallenblase

ein von den Ärzten der ganzen Welt seit Jahren mit
bestem Erfolg verordnetes Heilmittel.

Achten Sie beim Kauf von Urotropin auf die hier abgebildete Packung mit dem Namenszug „Schering“, und weisen Sie Substitute zurück. Fordern Sie stets die Originalpackung:

Urotropina Schering

ROHREN ZU 20 TABLETTEN

Eine scharfe Waffe Eine Seemine im heutigen Krieg

An der englischen Küste sind schwere Schiffsverluste durch Minen aufgetreten. Ganze Seegebiete haben sich für bestimmte Zeit als unbefahrbar erwiesen, weil dort Minen entdeckt wurden. Wirklich ist die Seemine das einzige Kampfmittel, das ganze Meeresgebiete auf längere Dauer sperren kann, ohne dass sich dort ständig Kriegsschiffe aufhalten müssen. Es ist verständlich, dass dieser Gedanke der Sperrung von Seegebieten schon frühzeitig die technischen Erfinder beschäftigt hat. Die Seeminen sind vor rund 150 Jahren erfunden worden. Im Nordamerikanischen Bürgerkrieg vor 75 Jahren wurden sie zum ersten Male in grösserem Umfang verwendet und spielten dann 1904 im Russisch-Japanischen Krieg in Ostasien eine erhebliche Rolle. Aber die technische Entwicklung der Seemine zu einem scharfen Kampfmittel ist erst während des Weltkrieges richtig erfolgt.

Was ist eigentlich eine Seemine? Sie besteht aus einem kugelförmigen Behälter, der in einer bestimmten Tiefe unter Wasser verankert ist. Er enthält eine wirksame Sprengladung und eine Zündvorrichtung. Wenn eine Mine sich von ihrer Verankerung löst, dann soll sich nach den internationalen Regeln die Zündung entschärfen, so dass eine treibende Mine keine Gefahr für die Schifffahrt bildet. Trotzdem haben die Engländer im Weltkriege verschiedentlich besonders konstruierte „Treibminen“ verwendet, die von den Meeresströmungen fortgetragen wurden. Wenn in dem jetzigen Seekrieg verschiedentlich von Schiffsuntergängen durch Treibminen gesprochen worden ist, so können es keine deutschen gewesen sein, denn die deutschen Minen werden, entsprechend der internationalen Übereinkunft, selbsttätig entschärft, falls sie sich von ihrer Verankerung lösen. Dagegen hat sich bei englischen Minen, die an den Küsten neutraler Staaten angetrieben waren, mehrfach erwiesen, dass sie nicht entschärft waren.

Im Weltkriege haben die verankerten Minen das Feld des Seeminenkrieges beherrscht. Dabei handelte es sich zum kleineren Teil um „Beobachtungsminen“, zumeist aber um „Kontaktminen“. Die Beobachtungsminen wur-

den vor den Küsten ausgelegt. Sie sind durch elektrische Kabel mit Beobachtungsstellen an Land verbunden, so dass sie von dort bei der Annäherung eines feindlichen Schiffes gezündet werden können. Die Kontaktminen, die im Weltkriege hauptsächlich ausgelegt wurden, detonieren selbsttätig, wobei im allgemeinen für die Zündung der Stoss ausgenutzt wird, den die Mine erhält, wenn sie von einem Schiff berührt wird. Die Minentechnik der verschiedenen Länder sind natürlich bemüht gewesen, die Zündvorrichtungen der Minen so zu verfeinern, dass die Treffergebnisse möglichst erhöht werden. So entwickelten die Amerikaner im Weltkriege eine sogenannte „Antennenmine“, bei

näherung des Gegners oder sie werden offensichtlich in die feindlichen Gewässer getragen. Für das Legen der Minensperren, die im Weltkrieg insgesamt Hunderttausende von Minen umfasst haben, wurden Kriegsschiffe der verschiedensten Klassen verwendet. Es gab besondere Minenleger, aber auch Kreuzer und Hilfskreuzer, durch Zerstörer und dann auch durch U-Boote wurden Minen geworfen. Von 1914 bis 1918 hatten die Minenverluste einen sehr hohen Anteil an den Kriegsschiffsverlusten aller kriegführenden Länder. Bei den Schlachtschiffen und Kreuzern war ein Viertel der Verluste den Minen zuzuschreiben, bei den U-Booten noch etwas mehr, bei den Zerstörern und Minensuchbooten mehr als die Hälfte aller Verluste. An Handelsschiffen gingen während des Weltkrieges weit mehr als eine Million Tonnen durch Minen unter.

Waffe erwiesen.

Die Engländer versuchen in ihrer Agitation in törichter Weise, die Verwendung von Seeminen als „grausam“ oder „rechtswändig“ hinzustellen, um damit neue Massnahmen ihres Hungerkrieges gegen deutsche Frauen und Kinder und gegen die Neutralen zu begründen. In Wahrheit haben die Engländer sofort bei Kriegsbeginn eigene Minensperren gelegt und Minenwarngelände erklärt. Auch Deutschland hat an die internationale Schifffahrt Minenwarngelände für bestimmte Gebiete ausgegeben, in denen Minensperren das Eindringen feindlicher Kriegsschiffe in die deutschen Gewässer verhindern. Diese deutschen Minenfelder versperrten keinen internationalen Schifffahrtsweg. Die englische Minensperre am Südausgang der Nordsee dagegen richtet sich scharf gegen die neutrale Schifffahrt, die zur leichteren Kontrolle auf einen von England bezeichneten angeblich minenfreien Weg dicht unter der englischen Küste gezwungen wird. Dieser erzwungene Kurs der neutralen Handelsschiffe führt dicht vor den englischen Kriegshäfen Chatham, Sharness, Harwich und Dover vorbei, also durch ein unmittelbares Kriegsgebiet. Ausserdem hat die englische Admiralität auch ausserhalb der Minenwarngelände ohne besondere Ankündigung Minen ausgelegt, um die Operationen deutscher Seestreitkräfte zu verhindern. Die englische Regierung stellt auf dem Standpunkt, dass nach dem Haager Abkommen eine vorherige Ankündigung von Minensperren, die militärischen Operationen dienen, nicht zu erfolgen braucht. Es ist selbstverständlich, dass Deutschland das gleiche Recht hat. Wenn also etwa vor britischen Kriegshäfen Schiffe auf deutsche Minen laufen, so besteht für England kein Grund zur Entrüstung.

Dagegen ist es ein englischer Bruch des Völkerrechts, wenn die Londoner Admiralität die neutrale Schifffahrt zwingt, sich in das militärisch umkämpfte Vorfeld englischer Kriegshäfen zu begeben, wo die englische Marine die Sicherheit der Schifffahrt nicht garantieren kann. Die englische Aufregung über die Minenverluste hat nur den einen Zweck, neue englische Rechtsbrüche mit Scheingründen zu versehen und gleichzeitig von den ständigen Misserfolgen der englischen Seekriegführung abzulenken.

MOVADO

162 PREMIERS PRIX

Die zuverlässige Schweizer Uhr vom Fachgeschäft

MEISTER & Co.

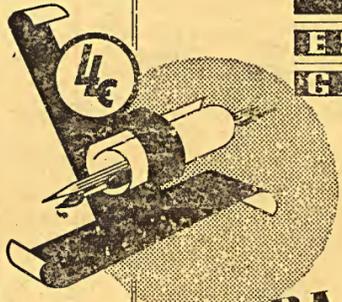
Av. Rio Branco 172-A Rio de Janeiro

der durch ein Drahtseil an einer unter Wasser schwimmenden Boje die Reichweite der Mine gegen vorbeifahrende Schiffe erweitert werden sollte. Die Engländer warfen in Flandern „Grundminen“, die auf dem Meeresgrund blieben und mit Hilfe der Ablenkung einer Kompassnadel durch die Eisenmasse eines darüberfahrenden Schiffes „magnetisch“ gezündet wurden. Als sehr fähige Minentechniker erwiesen sich damals auch die Russen. Wir brauchen nicht besonders zu betonen, dass das deutsche Minenwesen sich im Weltkriege als sehr hoch entwickelt erwiesen und den Gegnern schwere Verluste beigebracht hat.

Die Minensperren dienen entweder dem Schutz der eigenen Gewässer vor der An-

Natürlich wuchs mit der Vervollkommenung der Minen auch die Abwehr. Im Weltkrieg wurden die Minensuchgeräte immer mehr verbessert. Auch die einzelnen Schiffe erhielten gewisse Schutzvorrichtungen zur Abweisung von Minen. Viele Hundert Minensuchfahrzeuge und Minenräumboote waren auf beiden Seiten im Weltkrieg eingesetzt. Allein die Verluste an Minensuchbooten betragen in England während des Weltkrieges über 200 Fahrzeuge. Der Weltkrieg hat aber der technischen Fortentwicklung der Seeminen auch angesichts der gesteigerten Abwehr noch kein Ende bereitet. In dem Seekrieg, den England und Frankreich 1939 gegen Deutschland vom Zaun gebrochen haben, hat sich die Seemine bereits wieder als eine scharfe

DESINHOS
LICHES
ESTEREOS
GALVANOS



PHOTOGRAVURA VIENNENSE
LUIZ LATT & CIA.
RUA LAVRADIO 162 1.º 2.º • TELEPHONE 22-1128 • END-TEL. "IATCO"
RIO DE JANEIRO

BEI DURCHFALL
Brechdurchfaellen, ferner bei Vergiftungen durch verdorbene Nahrungsmittel sowie bei starker Gasbildung im Darm

Ultracarbon Merck



DIE NÄHMASCHINE
FÜR JEDEN HAUSHALT

Agenten an allen Plätzen
THEODOR WILLE & CIA. LTDA.
AVENIDA RIO BRANCO 79/81 RIO DE JANEIRO



Moderne deutsche Kronleuchter
»Kaira« Leuchten
Tisch- und Stehlampen

Bohnermaschinen - Staubsauger
„PROGRESS“ und „MONOPOL“

Brofröster - Bügeleisen
Radio-Empfänger - Eisschränke

E. Willner & Cia.
RIO DE JANEIRO Rua da Quitanda 60

Rio-Besucher
besucht
DANUBIO AZUL
Avenida Mem de Sá 34
Telefon 22-1354
Prima Küche
Täglich Konzert
Im ersten Stock Tanz

Ein gut bedienter Kunde
wird stets ein Freund meines Hauses sein!

Garantierte Reparaturen - Kompl. Modifikationen - Schärfste Syntonisierungen mit Präzisionsapparaten - Verbesserungen an modernen Geräten auf grössere Stabilität, höhere Empfindlichkeit, Tropensicherheit - Antennen

Officina de Radio, Max Becker
Ex-Chefe Técnico da Radio-Officina TELEFUNKEN
Rua Miguel Couto 47, 1.º - Entrada Óptica Tyroleza
RIO DE JANEIRO - Tel. 45-7710

BAR UND RESTAURANT VICTORIA
Rua 1º de Março 33. - Tel. 23-4347. - Besitzerin: Ww. Willy Hardt - Mittag- und Abendessen - Prima Küche - Brahma-Chopp
VERKEHRSLOKAL DES KYFFHÄUSERBUNDES

Preiswert **Kölnisch Wasser** Erfrischend
das beliebte Qualitätsprodukt der
Deutschen Apotheke - Rio de Janeiro
Rua da Alfandega 74 - Tel. 23-4771

Deutsches Heim, Rio de Janeiro
Rua 7 de Setembro 140 - 1. Stock
Tel. 42-3601
Mittag- und Abendessen auch nach der Karte
Stets frischer Schoppen - Reichhaltige Getränke

CASA WESTFALIA R. ASSEMBLÉA 37
Tel. 42-0646 - RIO
Das einzigste deutsche **Feinkostwarenhaus** im Zentrum. - Alle in- und ausländischen Konserven und Weine. - Blumenauer Spezialitäten: - Bar- und Restaurationsbetrieb. Täglich kalte und warme Spezialplatten.
Inhaber: Jens Jensen

Reparaturen sämtlicher Uhren garantiert
Josef Herold
Uhrmacher
Rua da Alfandega, 130



Pension Hamburgo
RIO DE JANEIRO
Altrenommierte Familienpension im Zentrum der Stadt. - Wunderschöne Lage. Grosser Garten. - Mässige Preise.
Rua Cand. Mendes 84 (Gloria) Tel. 42-3098
Inh. N. Neubert

Übersetzungen
Dr. Bruno Zander
Berechtigter Übersetzer
Rua 13 de Maio 37, 1. St.
Tel. 42-4668 - Rio.

Putz empfohlen

Das Wichtigste der Woche
Aus dem Transocean-Dienst (Agencia Memã)

Berlin, 24. — In einer Rede vor 7000 Fährlichen im Berliner Sportpalast wies der Führer anlässlich der Gedenkfeier zum Geburtstag Friedrichs des Grossen auf den Sinn des gegenwärtigen Lebenskampfes des deutschen Volkes hin. Er ermahnte die künftigen Offiziere, dem Beispiel des grossen Soldatenkönigs zu folgen.

Amsterdam, 24. — Deutsche Bombenflugzeuge erschienen über den Shetland-Inseln und warfen auf einige bewaffnete Frachtdampfer, welche ihre Flakabwehr wirkungslos auf die Maschinen richteten, einige Bomben ab.

Amsterdam, 24. — An Englands Küsten fuhren in den Tod: Der britische Fischdampfer „Newhaven“ durch Minenaufschlag, der britische Dampfer „Parkhill“ und der norwegische Dampfer „Miranda“. Die Besatzung dieser Schiffe konnte leider nur zum Teil gerettet werden.

PETER JURISCH
RECHTSANWALT
RIO DE JANEIRO — CAIXA POSTAL 136
EDIFICIO ODEON, SALA 809

Berlin, 24. — Nach einem Bericht der „Warschauer Zeitung“ führen ganze Trupps deutscher „Kammerjäger“ gegenwärtig einen heftigen Kampf gegen den Schmutz und das Ungeziefer im früheren polnischen Gebiet. Fünfzig Waggons chemischer Produkte mussten allein herangeschafft werden, um die Häuser von den Wanzen zu säubern. Die neuernannten deutschen Bürgermeister lassen immer noch Hilferufe an sogenannte fliegende Kolonnen ergehen, die mit der Vertilgung des Ungeziefers vollauf beschäftigt sind. Allein in Götterhafen (früher Gdingen) müssten 5000 Häuser gründlichst gereinigt werden, bevor man sie betreten konnte.

Berlin, 24. — Das deutsche Rote Kreuz hat ein fliegendes Lazarett zur Pflege der kranken Rücksiedler unter den Wolhynien-Deutschen eingerichtet, welches bis zu 400 Personen aufnehmen kann.

Berlin, 24. — Die Turbinenbau-Abteilung der AEG stellt zurzeit drei grosse Generatoren von 115.000 PS für ein mandchurisches Grosskraftwerk in Sungari fertig. Die Arbeiten wurden in diesen Tagen vom Präsidenten der mandchurischen Schwerindustrie, Jakawa, besichtigt.

Berlin, 24. — Die Untersuchungen über das Attentat im Münchener Bürgerbräukeller stehen vor dem Abschluss; der Zeitpunkt für den Prozess gegen den Verbrecher Elser und seine Hintermänner ist noch nicht festgesetzt.

Berlin, 24. — Die deutsche Landwirtschaft verwendet jetzt eine neue Erfindung zur Einlagerung und Frischerhaltung von Grünfütter. Statt der bisher benutzten Silos wird die zur Einlagerung bestimmte Grube mit einem wasserdichten, für die Sonnenstrahlen undurchlässigem Papier ausgeschlagen, der

Klee, das Heu oder andere Futtermittel aufgestapelt, mit dem gleichen Papier zugedeckt und etwa 30 cm hoch mit Erde beworfen. In diesem Behältnis verliert das Grünfütter weder Farbe noch Geruch. Die Herstellung des Spezialpapiers ist billig und wird auch auf die Frischhaltung anderer Futtermittel ausgedehnt.

Mailand, 24. — Mussolinis Zeitung „Popolo d'Italia“ macht Frankreich für den Tod von 104 Personen verantwortlich, die beim Brand des italienischen Fahrgastschiffes „Orazio“ den Tod fanden. Das Blatt sagt: Wenn der Dampfer nicht vier Stunden lang vom französischen Kontrollschiff „Ville d'Arcy“ angehalten und durchsucht worden wäre, hätte es selbst brennend den Hafen von Barcelona erreichen können, wo niemand mehr Schaden erlitten hätte.

Sтамбуl, 24. — Der türkische Handelsminister gab die bevorstehende Unterzeichnung eines Handelsvertrages mit Deutschland bekannt. Die Türkei ist unbedingt auf die Einfuhr gewisser deutscher Maschinenteile angewiesen, die England nicht liefern kann.

Beschlagnahme Europapost aus den USA

Amsterdam, 25. — Im Zusammenhang mit dem nordamerikanischen Protest gegen das Anhalten und die Beschlagnahme der für Europa bestimmten Post durch die Briten veröffentlichten die zuständigen englischen Stellen eine halbamtliche Erklärung mit Zahlenangaben. Danach wird selbst von den Briten zugegeben, dass die Zensurbehörden seit Kriegsbeginn bis zum 12. Januar 1940 auf illegale Weise insgesamt 6000 Briefe und 50.000 Pakete, die von den USA abgeschickt

worden waren, beschlagnahmten. Unter den Briefen hätten sich viele befunden, die Kreditbriefe, Schecks und Hartgeld enthielten. Die erbeuteten Geldsummen betragen 5.279.750 Mark, 426.355 Dollar und 17.800 Pfund. Von der Beschlagnahme wurden nicht nur deutsche Sendungen, sondern auch neutrale betroffen.

Berlin, 25. — Die Reichsregierung hat auf die Veröffentlichung des französischen Gelbbuches mit mehreren, bisher geheimen Dokumenten über die Entwicklung der deutsch-französischen Beziehungen wirkungsvoll aufklärend geantwortet. In ihrer vierten Entgegnung stellt sie den letzten französischen Botschafter in Berlin, Coulondre, an den Pranger, der unter der Maske der Deutschfreundlichkeit mit systematischer Lüge und Verleumdung eine aufrichtige deutsch-französische Verständigung hintertrieb. Er hat der Pariser Regierung zahlreiche unwahre Mitteilungen über angebliche Eroberungsabsichten der deutschen Politik zugespielt und in hervorragendem Masse an der missglückten Einkreisung des Reiches mitgearbeitet.

SCHUPP
DAS DEUTSCHE FACHGESCHAFT
FÜR EDELSTEINE
SCHMUCK
GESCHENKARTIKEL
RUA MIGUEL COUTO 42-44,
ERHNER: RUA dos OURIVES. RIO DE JANEIRO

Berlin, 25. — Eine Mitteilung des halbamtlichen „Deutschen Nachrichtenbüros“ nimmt auf den Vorschlag eines bekannten britischen Schriftstellers in der nordamerikanischen Zeitung „Liberty“ zwecks Bombardierung Berlins mit folgender Antwort Bezug: „Jede über Berlin abgeworfene Bombe wird von den Deutschen mit zehn Bomben auf London beantwortet werden!“

Berlin, 25. Amtlich wird am Donnerstag mitgeteilt: „Der Führer und Oberste Befehlshaber der deutschen Wehrmacht hat angeordnet, dass das Panzerschiff „Deutschland“ den Namen „Lützow“ erhält, da man den ersten Namen für eine grössere Kampfeinheit der deutschen Flotte zu reservieren wünscht. Der schwere Kreuzer „Lützow“ wird ebenfalls einen anderen Namen erhalten.“

Berlin, 25. — Die Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei stellte dem Chef des Generalstabes der deutschen Wehrmacht, Generaloberst Keitel, eine 8.500.000 Bücher umfassende Spende für die Soldaten an der Front zu. Die deutschen Verleger und Buchhändler überreichten weitere 127.000 Bücher. Aus allen diesen Werken werden 27.000 Bücherreihen eingerichtet.

Amsterdam, 25. — In vielen englischen Städten macht sich Kartoffelmangel bemerkbar. Der Ernährungsminister hat den Preis um 5 Schilling pro Tonne heraufgesetzt, um die Produzenten anzuregen, ihre Kartoffeln nach den Städten zu bringen.

Moskau, 25. — Die Zeitung „Prawda“ nimmt unter der Überschrift „Mr. Churchill wird nervös“ zur Rede des Lordadmirals an die neutralen Länder Stellung und schreibt: Diese Äußerungen müssen in erster Linie als die Furcht des britischen Imperialismus gegenüber der Tatsache angesehen werden, dass es ihm nicht möglich ist, den Krieg mit fremdem Blut zu Ende zu führen.

Amsterdam, 25. — Der holländische Außenminister van Kleffens betonte in einer Rede vor der Ersten Kammer der Generalstaaten Hollands Willen zur Aufrechterhaltung der Neutralität. Die Entscheidung über die weitere Zugehörigkeit zur Genfer Liga behalte sich die holländische Regierung noch vor, da sie die Hoffnung auf eine friedliche internationale Zusammenarbeit mittels des Völkerbundes, trotz dessen derzeitiger Parteilichkeit, nicht aufgeben. Auf keinen Fall wolle sich Holland vom „Wahnsinn dieser Tage hinreissen lassen“. — In Berliner politischen Kreisen studiert man diese Rede sehr genau.

Überzählige Brotmarken in Deutschland

Berlin, 26. — Im Reich werden in jedem Monat Brotmarken für Tausende von Kilo Brot und Mehl von den Haushalten wieder zurückgegeben. Diese überzähligen Marken erhält die NS-Volkswohlfahrt zur Verteilung an kinderreiche Familien, und Schwerarbeiter, die mehr Brot verzehren als andere Volksschichten. Allein im Gau Baden konnten bei einer Brotmarkensammlung fast 72.000 Kilo Brot, eine Tagesration für 200.000 Menschen, den im genannten Sinne bedürftigen Volksgenossen zur Verfügung gestellt werden.

Berlin, 26. — Infolge der kalten winterlichen Witterung ist die Gefechtsfähigkeit zwischen dem Westwall und der Maginotlinie seit Wochen gering. Im Tagesbericht der Obersten Heeresleitung sind die häufigsten Begriffe „Spähtruppentätigkeit“ und „vereinzelte Artillerietätigkeit“. — Ein britischer Aufklärer vom Baumuster Bristol-Blenheim wurde beim Einfliegen auf deutsches Gebiet bei Duisburg abgeschossen, wobei seine Besatzung ums Leben kam.

Berlin, 26. — Reichsaussenminister von Ribbentrop hatte die deutschen Gesandten in Rumänien, Bulgarien, Jugoslawien, Ungarn und Griechenland zur gemeinsamen Aussprache über die Südostpolitik in der vergangenen Woche nach Berlin gerufen. Die Reichsvertreter sind am 25. Januar wieder auf ihre Posten zurückgekehrt.

Berlin, 26. — Die deutsche Presse deckt die Methoden der britischen Kriegspropaganda unter besonderer Betonung der vielen Falschmeldungen über „Bedrohung Belgiens und Hollands durch das Reich“ auf und stellt dazu fest, dass Deutschland angesichts seiner hervorragenden Luftwaffe die Küsten Belgiens und Hollands gar nicht benötigen, um nach den britischen Inseln einzufliegen. Dagegen sei England, dessen Flugzeuge ohne Verletzung der holländischen Neutralität kaum ins Reich kommen können, auf dem Sprünge, unter dem Vorwand der Beschützung vor einem deutschen Angriff, sowohl die Niederlande wie Belgien militärisch zu besetzen.

Amsterdam, 26. — Der starke Zuckermangel in England hat den britischen Versorgungsminister veranlasst, den Zuckerverbrauch auf 60 vH. der Vorkriegszeit herabzusetzen.

Durch die Einführung dieser Verkaufseinschränkung sind 60.000 Arbeiter der Zuckerindustrie erwerbslos geworden. Angesichts der ungewöhnlichen Steigerung der Preise wachsen die Lohnkämpfe der Arbeiter und Gewerkschaften von Tag zu Tag stärker an. Die Stimmung gegen die Kriegsspekulanten und Kriegsgewinnler ist in England sehr erregt.

Kopenhagen, 26. — Der Londoner Mitarbeiter der dänischen Zeitung „National Tidende“ vergleicht die Wirtschaftslage Deutschlands mit der der Alliierten und kommt zu der Feststellung, dass Deutschland mit Rohstoffen und Nahrungsmitteln besser versorgt ist als Frankreich und England. Deutschlands strategische Lage sei ausserdem sehr verschieden von derjenigen des Jahres 1914, da heute nur die französische Grenze geschlossen sei und das Reich zu dem gesamten übrigen Europa freien Zutritt habe. Bezüglich der Lebensmittel betont der neutrale Artikelschreiber, dass das alte Reichsgebiet 83 vH. seines Bedarfes, Oesterreich 75 vH. und das Protektorat 100 vH., während England nur 25 vH. an Erzeugnissen hervorbringe, die zur Ernährung der Bevölkerung notwendig sind.

Stockholm, 26. — Der Zeitung „Aftenbladet“ zufolge weilt der russische Kriegskommissar Woroschilow zurzeit an der karelischen Front zur Besichtigung der Truppen. Die Finnländer erwarten einen russischen Grossangriff.

Kopenhagen, 26. — Die skandinavischen Reedereien bezeichnen das britische Gesetz zur Beschlagnahme aller im Privatbesitz befindlichen britischen Schiffe ab 1. Februar als die weitgreifendste Massnahme, die je von einem kriegführenden Land getroffen wurde. Dabei werden gleichzeitig die Auswirkungen auf die neutrale Schifffahrt erwogen und deren Verluste aufgezeigt: Dänemark verlor bis zum 26. Januar d. J. 13 Schiffe von mehr als 800 Tonnen, Schweden 27 Schiffe von mehr als 800 Tonnen und Norwegen 32 Schiffe von mehr als 800 Tonnen; 385 Seeleute der genannten drei Staaten kamen bei diesen Schiffsuntergängen ums Leben.

Sтамбуl, 26. — Nach Mitteilung aus Angora ist General Weygand, der Oberkommandierende der französischen Truppen in Syrien, dort auf dem Luftwege eingetroffen. Er führt mit den türkischen Behörden Besprechungen.

Bukarest, 26. — Die Bukarester Reichsbahnzentrale überreichte im Auftrag Dr. Leys König Carol ein Modell deutscher Eisenbahneinrichtungen als Geschenk.

Newyork, 26. — Der ehemalige britische Marineminister Duff Cooper, der sich schon vor der britischen Kriegserklärung an das Reich auf einer Propagandareise durch die Vereinigten Staaten befindet, erhält nach Mitteilungen der „New York Post“ für jeden Vortrag 750 Dollar.

Washington, 26. — Die USA haben im Monat Dezember Flugzeugfabrikate im Werte von 17,8 Millionen Dollar an Frankreich und vier Millionen Dollar an England geliefert. — Zum Nachfolger des verstorbenen Seniors Borah wurde vom Gouverneur des Staates Idaho der frühere republikanische Senator Thomas ernannt. Dieser erklärte, seine Hauptaufgabe betrachte er in der Aufrechterhaltung der nordamerikanischen Neutralität.

Washington, 26. — Auf eine Anfrage erklärte Präsident Roosevelt am Freitag in der Pressekonferenz, dass jeder amerikanische Staatsbürger, welcher in ausländischen Militärdienst eintritt und einer fremden Macht den Treueid ablegt, automatisch seine Rechte auf die Staatsbürgerschaft der Vereinigten Staaten verliere. Falls er den Treueid nicht ablegte, behielte er die amerikanische Staatsbürgerschaft bei.

Aus dem Geleitzug heraus torpediert

Berlin, 27. — Dem deutschen Wehrmachtsbericht zufolge wurden allein am 25. Januar 20.000 Tonnen feindlichen Schiffsraumes versenkt. Im Atlantik torpedierte ein deutsches U-Boot auf der Höhe von Oporto zwei französische Dampfer aus einem britischen Konvoi heraus.

Berlin, 27. — Auf der Fahrt nach England fuhren in den Tod: Der britische Dampfer „Dido“ (3534 t) durch Minenexplosion; der schwedische Dampfer „Gothia“ (1640 t); der holländische Dampfer „Ottoland“ (2200 t); der schwedische Dampfer „Sonja“ (1820 t); der britische Hochseeschlepper „Merisiss“; der unter der Flagge Panamas fahrende Tankdampfer „Libby“ erlitt durch Minenaufschlag Schiffbruch; vermisst wird der schwedische Frachter „Sylvia“ (2300 t). Die unter dem Schutz britischer Kriegsschiffe fahrenden, von einem deutschen U-Boot torpedierten französischen Frachtdampfer „Alsacien“ und „Tourny“ umfassten je rund 4000 Tonnen.

Berlin, 27. — Der Sonderberichterstatte des „Deutschen Nachrichtenbüros“ beschreibt einen eigenartigen Vorfall, der sich auf dem Niemandsland an der Westfront ereignete. Die Franzosen verwenden dort nämlich Kühe, um die deutschen Minenfelder zu rekognoszieren. Sie treiben diese auf die deutschen Linien zu und auf dem Wege, den sie nehmen, entdecken sie die Anlage der Minenfelder. Drei dieser Tiere kamen bis auf 200 Meter an die vordersten deutschen Linien heran, und eine deutsche Patrouille beschloss, sich ein „Roastbeef“ zu verschaffen. Als die deutschen Soldaten näherkamen, bemerkten sie die Franzosen, und nun zog eine Patrouille aus, um diese zusätzliche Mahlzeit nicht in die Hand der Deutschen fallen zu lassen. Die deutsche Artillerie setzte einige Granaten zwischen die Franzosen und die Kühe, wodurch es den deutschen Soldaten erleichtert wurde, die französischen Kühe einzufangen.

„Wir wollen Mosley“

Amsterdam, 28. — Der britische Lordadmiral Winston Churchill hielt in der Freihandelskammer in Manchester eine politische Rede, die von dem Leiter der Versammlung mit der Bitte an die Teilnehmer eröffnet wurde, Ruhe zu bewahren und Mr. Churchill nicht zu stören. Trotzdem wurde der Erste Lord der Admiralität mehrfach durch die Rufe unterbrochen: „Wir wollen den Frieden — wir wollen Mosley“ (britischer Faschistenführer). Die Rede selbst stellte ein Gemisch von Hilfeschierei und Optimismus dar und gipfelte in der merkwürdigen Feststellung, dass das gegenwärtige Deutschland viel schwächer sei als das von 1914. Die deutsche Presse meint zu dieser Behauptung, dass der Ausgang des Krieges schon die richtige Antwort darauf sein werde.

Brüssel, 28. — Nach Meldungen der belgischen Presse bilden die französischen Kolonialtruppen im Grenzgebiet eine wahre Gefahr für die Zivilbevölkerung. Zahlreiche Ausschreitungen der Farbigen seien bereits vorgekommen. Die Militärgerichte haben bereits in zahlreichen Fällen Strafen bis zu sieben Jahren Zwangsarbeit verhängt.

Amsterdam, 28. — Nach Mitteilungen aus Kapstadt wurde das vom ehemaligen südafrikanischen Ministerpräsidenten Hertzog dem Abgeordnetenhaus vorgelegte Projekt zwecks sofortiger Einstellung des Krieges gegen das Deutsche Reich mit 81 gegen 59 Stimmen abgelehnt.

Posen, 28. — Die Reichsfrauenführerin Scholtz-Klink besuchte die Wolhynien- und Galizien-Deutschen in den Sammellagern in Lodz, wo das deutsche Frauenwerk die Betreuung der ins Reich heimkehrenden Volksgenossen in grossem Umfange übernommen hat.

Berlin, 28. — Die Unterorganisation „Schönheit der Arbeit“ der Deutschen Arbeitsfront hat ein grosses Wandertheater für Vorstellungen an der Front geschaffen. Der grosse Aluminiumbau mit Zelt bietet 800 Zuschauern bequeme Unterbringung.

Amsterdam, 28. — Wie die amtliche „London Gazette“ bekanntgibt, wurde der britische Fluggeschwaderführer K. James Conrad Peter Wood von einem Kriegsgericht seines Postens enthoben, da er einen Vorstoss in die Deutsche Bucht vorzeitig abbrach und daheim trotzdem von Kampfmeldungen und Erfolgen berichtete, die in keiner Weise den Tatsachen entsprachen.

Amsterdam, 28. — Ueber England herrscht der kälteste Winter seit 46 Jahren. Die Themse ist weithin zugefroren.

Brüssel, 28. — Die Arbeitslosenziffer in Frankreich, welche im August 1939 400.000 betrug, ist in den Kriegsmontaten bedeutend angestiegen. In den Bahnhöfen der Pariser Eisenbahn und Untergrundbahn drängen sich ungezählte hungernde und frierende Menschen zusammen.

Mailand, 28. — Unter den Toten des Brandes des italienischen Schiffes „Orazio“ befinden sich 45 Fahrgäste. Davon sind 12 Italiener, 10 Deutsche, 10 Venezolaner, 6 Schweizer, 5 Peruaner, 1 Engländer und 1 Columbianer.

Vatikanstadt, 28. — Aus dem soeben erschienenen päpstlichen Jahrbuch geht hervor, dass der Heilige Stuhl bei 37 Staaten diplomatische Vertretungen durch einen Nuntius oder Unternuntius sowie 24 Vertretungen ohne diplomatischen Charakter unterhält.

Tokio, 28. — In Japan hat sich die Erregung über den „Asama-Maru“-Zwischenfall, bei welchem die Engländer, wie bereits mitgeteilt, 21 Deutsche von Bord des Schiffes gewaltsam herunterholten, noch keineswegs gelegt. Die japanische Regierung hat eine

neue Protestnote an die Briten gerichtet und liess in Tientsin die Staeheldrahtzäume um die britischen und französischen Konzessionen wieder elektrisch laden.

Washington, 28. — Nach Mitteilung des Schatzamtes hat England allein in den Kriegsmontaten September und Oktober zehn Prozent seiner Kredite in den Vereinigten Staaten, das sind Werte in Höhe von 73 Millionen Dollar, liquidiert.

Zum 30. Januar

Berlin, 30. Die deutsche Presse weist in ihren Leitartikeln auf den historischen Tag der Machtergreifung durch den Nationalsozialismus am 30. Januar 1933 hin. Im Mittelpunkt der Betrachtungen steht der gegenwärtige Krieg, welcher die Antwort der Westmächte auf die deutsche Wiedergeburt sei. Alfred Rosenberg schreibt im „Völkischen Beobachter“, dass die grosse nationalsozialistische Revolution nach der innerpolitischen Bewährung jetzt einer aussenpolitischen Prüfung unterworfen sei. Die „Frankfurter Zeitung“ befasst sich mit der durch die jüngste Entwicklung bestimmten Mission des Reiches im Osten. Jene ausgedehnten Gebiete seien ein jüngeres Deutschland und mit ihrer Eingliederung hat sich das Schwergewicht des Reiches nach Osten verpflanzt.

Berlin, 29. — Nach amtlicher Mitteilung griffen heute deutsche Flieger bewaffnete Handelsschiffe und Küstenwachtschiffe in einem feindlichen Geleitzug an. Trotz starkem Luftabwehrfeuer des Feindes und Einsatz von Jagdgeschwadern wurden sieben bewaffnete Handelsschiffe und zwei Küstenwachtboote zerstört. Die deutschen Flugzeuge kehrten alle unversehrt zurück.

Berlin, 29. — Die ostfriesischen Inseln Borkum, Juist, Norderney, Langeroog, Spiekerroog und Wangeroog sowie die nordfriesische Insel Sylt sind jetzt für die Dauer des Krieges zu militärischen Sicherungsbereichen erklärt worden. Ausländern ist das Betreten dieser als Badeorte sehr beliebten Inseln verboten worden.

Berlin, 29. — Der Zufluss von Gold nach den Vereinigten Staaten seit September v. J. ist sehr stark, wovon der Hauptanteil auf das britische Empire entfällt. Der Gesamtbestand an Gold in USA beträgt jetzt 17.900 Millionen Dollar.

Genf, 29. — Der französische Ministerpräsident Daladier hielt eine Rundfunkrede, die nach aussen hin voller scharfer Äusserungen gegen Deutschland war, sich aber hauptsächlich an die „innere Front“ zur Durchhaltung dieses Krieges, der noch gar nicht begonnen habe, richtete. — Nordamerikanische Pressevertreter hatten den französischen Generalissimus Gamelin über seine Meinung bezüglich der Äusserung Churchills befragt, der erklärt hatte, dass die Westmächte jeden Augenblick den militärischen Angriff gegen das Reich beginnen könnten. Gamelin habe keine Antwort gegeben, doch lassen französische politische Kreise durchsickern, dass sie von Churchills Redewendungen wieder einmal sehr überrascht wurden.

Italien stimmt bedingungslos zu

Die überraschend angekündigte Rede des Führers am Jahrestage der Machtübernahme wurde in Italien sogar in deutscher Sprache verbreitet und hat überall den tiefsten Eindruck hinterlassen. Die politischen Kreise sind von dem unverbrüchlichen Willen Deutschlands zum Sieg überzeugt. Besonders hervorgehoben wird das vom Führer betonte unveränderte deutsch-italienische Verhältnis und die gemeinsamen Interessen beider Länder. — Auch in den übrigen europäischen Hauptstädten, aber ebenso in Newyork, hat die Rede des Führers die grösste Aufmerksamkeit geweckt. Die Radioübertragung nach Nordamerika ist leider durch „atmosphärische Störungen“ stark beeinträchtigt worden.

Amsterdam, 30. — Nach Mitteilung des britischen Kriegsministeriums hatten die Engländer an der Westfront vom Beginn des Krieges bis zum 21. Dezember v. J. 40 Tote und Verwundete an Verlusten.

Berlin, 30. — Das Oberkommando der Wehrmacht gibt am Dienstag bekannt: „Im Rahmen der Aufklärungsflüge der Luftwaffe auf der Nordsee wurden am 29. Januar, wie schon durch Sondermeldung bekanntgegeben wurde, feindliche Geleitzüge bewaffneter Handelsschiffe und Vorpostenschiffe angegriffen. Trotz stärksten feindlichen Abwehrfeuers und Gegenwehr britischer Jagdverbände wurden sieben feindliche bewaffnete Handelsschiffe und zwei Vorpostenschiffe vernichtet. Ein feindlicher Jäger wurde bei Hartlepool abgeschossen. Sämtliche eigenen Flugzeuge sind wohlbehalten zurückgekehrt.“

Der Jude als Staatsbürger

Jakob Klatzkin über seine Volksgenossen

Immer, so lange die Juden unter fremden Völkern wohnen — in Staaten, die nicht sie gegründet und in Städten, die nicht sie gebaut haben —, spielen sie eine Doppelrolle. Nach aussen, dem Wirtsvolke gegenüber, gebärden sie sich so ultraloyal, dass man glauben könnte, ohne sie wäre ein Staatsleben überhaupt nicht möglich. Viele Jahrhunderte hindurch hat das Judentum die Völker zu trügen vermocht. Viele Jahrhunderte lang als Täuschungskünstler sich in die Staatsleben eingefressen und mit seiner Fremdheit des Geistes und der Seele im Fühlen, Denken und Leben nichtjüdische Kulturen zersetzt. Im Aufbau unfähig und als Schaffender unproduktiv vermag der Jude nur Träger von Gedanken und Ideen zu sein, die den Interessen der Wirtsvölker ganz und gar zuwider laufen.

Diese Tatsache bewahrheitet sich gerade in unseren Tagen auf Schritt und Tritt. Und dennoch gibt es Tausende und Abertausende von Menschen, die den Juden immer noch nur so sehen, wie er gesehen sein will. Aufklärung und nüchterne Beweisführung werden als „barbarischer Antisemitismus“ hingestellt, und ein kultureller Mensch — so heisst es weiter — könne doch nicht glauben, dass einer, der sich nur durch seine religiösen Auffassungen unterscheidet, für die Allgemeinheit gefährlich wäre.

Ob nun die Aufklärung über das Wesen des Judentums wirklich als kulturlös und nüchterne Erkenntnis als Lüge hinzustellen sind, soll uns eines der letzten Bücher des Juden Jakob Klatzkin: „Probleme des Judentums“ beweisen. Klatzkin ist einer der wenigen unter den Juden, die den Mut haben, auch nach aussen seine Rassegenossen so hinzustellen, wie sie wirklich sind und hat sich dafür den Hass breiter jüdischer Volksschichten zugezogen. Ob der Jude ein guter Bürger seines Wohnstaates sein kann, beweist Klatzkin mit folgenden Worten: „Wir sind schlechthin Wesensfremde; wir sind ein Fremdvolk in eurer Mitte und wollen es auch bleiben. Eine unüberbrückbare Kluft gähnt zwischen euch und uns; fremd ist uns euer Gott, euer nationales Erbgut; fremd sind uns eure Ueberlieferungen, Sitten und Bräuche, eure religiösen und nationalen Heiligtümer, eure Sonn- und Feiertage...“

Ist das nicht Staat im Staate? Klatzkin wird aber noch deutlicher. Und schreibt: „Wir sind allerorten der Landesnation gegenüber Volksfremde und wollen unbeugsam in unserer Fremdheit verharren... Die Juden können nicht oder wollen nicht in der Landesnation aufgehen; auch wenn sie sich als echte Deutsche, Franzosen usw. gebärden, bleiben sie doch Juden, anders Geartete... Wir haben unseren Staat, nicht aber unsere Staatsverfassung verloren; wir erreteten sie gleichsam als tragbaren Staat, der uns auch in der Diaspora eine Art nationaler Autonomie ermöglichte... Nur der jüdische Kodex beherrscht und gestattet unser Leben in all seinen Aeusserungen. Nur die jüdische Gerichtsbarkeit war uns massgebend. Die Landesgerichtsbarkeit haben wir nicht angerufen und ihren Kodex nicht anerkannt. Wurden uns ihre Gesetze aufgezwungen, so haben wir sie als schlimme Verhängungen angesehen, die zu beseitigen oder zu umgehen, wir stets bemüht waren...“

„Wir erklären uns als ein Volk über alle Reichsgrenzen, als Einheit über alle Vielheit unserer Wohnländer, mithin als Volk im Volke. Wir sind unentwegt entschlossen, unser nationales Anderssein, also unser nationales Fremdsein inmitten der Wirtsvölker zu schützen und zu stärken!“

Es gibt noch eine Anzahl Länder, in denen der Jude bis zum heutigen Tag mehr oder minder der Wortführer der öffentlichen Meinung ist. Die jüdische und von Juden beeinflusste Presse schwelgt bei jeder Gelegenheit in patriotischen Beteuerungen und Aufrufen; und Redner des auserwählten Volkes gebärden sich nicht selten so, als wollte das Judentum selbst gegen den Willen des Wirtsvolkes diesem helfen. Mit aller Ueberschwenglichkeit wird da vom Vaterland und den ihm drohenden Gefahren geschrieen und geredet. Man liest und hört solch ein Geschwafel und könnte fast versucht sein, Gott zu danken, dass er das Land mit so guten Bürgern gesegnet hat. Der Jude Klatzkin schreibt aber folgendes Bekenntnis:

„Heisst es nicht falsches Zeugnis ablegen, wenn sie (die Juden) den Wirtsvölkern ängstlich versichern: Wir sind gute deutsche und französische Patrioten? Ist ihr jüdischer Patriotismus nicht erheuchelt, dann ist es ihr

Zionismus...“

Warum empören wir uns, wenn man uns nachsagt, unser deutscher, französischer usw. Patriotismus besitze nicht die Kraft der Ganzheit und Ausschliesslichkeit, nicht den Grad der Begeisterung, den der Patriotismus der Echtdutschen, Echtfrenzen usw. besitzt. Die Exilländer sind uns weihelose Wohn- und keine geheiligten Vaterländer... Und noch mehr müssen wir sagen: Dass ein volkstreuer Jude nur ein jüdischer und kein anderer Patriot sein kann...“

Ganz besonders muss auch gewürdigt werden, was Klatzkin über das jüdische Soldatenblut schreibt:

„Und was sollen die jüdischen Helden in fremden Kriegen? Was hat das Judentum mit ihren fremden Orden... zu schaffen? Das jüdische Volk hat keinen Grund, sie auch durch jüdische Orden auszuzeichnen. Sie sind nicht jüdische, sie sind nicht unsere Helden... Das Kriegsheldentum ist dem Juden nicht eigen... Auch Jakob fürchtete, getötet zu werden...“

Wir können nichts dafür, dass der Degen in unserer Hand zittert... So sind die Kriege der Landesvölker nicht unsere Kriege, ihre Feinde nicht unsere Feinde. Unsere Väter trauerten über den Sieg ihres Wirtsvolkes, wenn er für die Judenheit eines anderen Landes Unheil bedeutete... Wir haben kein Land im Exil als Vaterland angesehen!“

Und warum wohl, muss man sich fragen, hat es das Judentum verstanden, fast zweitausend Jahre hindurch seine Wirtsvölker zu täuschen? — Antwort: Weil es der Ehrlichkeit und dem Mitleid immer eine schöngefärbte Maske und Hinterlist entgegengehalten, weil es nach aussen nicht als Volk innerhalb vieler anderer Völker gelten wollte, sondern sich als eine Religionsgemeinschaft ausgegeben hat! Was davon zu halten ist, darüber schreibt der Jude Klatzkin folgendes: „Die Wirtsvölker kannten nicht das Geheimnis, dass unsere Religionsverfassung ein national organisiertes Leben darstellt. Sie glaubten, sie sei eine Kirche, wie die christlichen Konfessionen; sie glaubten, uns Glaubensfreiheit zu gewähren — und gaben uns gegen ihr Vorhaben Privilegien nationaler Sonderung... Die jüdische Religion ist eben

keine Ideenlehre, sondern Gesetzeslehre...“

Aus Klatzkins Darstellungen geht also klar hervor, dass die Juden

1. unter allen Völkern wissentlich Fremde sind und bleiben wollen und nur dann am Geschick des Wohnlandes interessiert sind, wenn es unmittelbar der Juden Haut betrifft.

2. In jedem der Wohnstaaten auf Grund ihrer Religion einen eigenen Staat bilden, der seine eigene Verfassung und Gesetzgebung hat.

3. Keine Staatsgrenzen anerkennen und somit

4. kein Interesse haben, mit Gut und Blut für die staatlichen Belange des Wirtsvolkes einzutreten.

Der Jude ist nicht loyaler Bürger — er kann es gar nicht sein —, sondern ein fremdartiges, zersetzendes Element — und kein anderer hat dies wohl deutlicher ausgesprochen, als der Rabbi Levin im Jahre 1856, als er sich äusserte:

„Niemand ist Thron und Staat so gefährlich wie die Juden. Die Fähigkeiten, welche sie besitzen, um unter den Christen Leidenchaften zu entfachen, sind erschreckend, selbst in der Minderheit sind sie gefährlich für den Staat!“

E. Wendlandt



Hier findest Du alles...

was Dich freut und interessiert: Das Schönste der Mode mit zuverlässiger Beratung (auch beim Selbstschneiden), hübsche Handarbeiten, spannende Romane und Novellen, das Neueste von Film, Theater und Sport, durchdachte Schönheitspflege, praktische Vorschläge und Rezepte für den Haushalt, auch guten Rat bei allen privaten Sorgen — ja: „Hella“ bringt alles, was Du Dir nur wünschen kannst!

„Hella“ — die Frauen-Illustrierte für alle Jungen u. Junggebliebenen — vierzehntägl. nur 30 Pf. (m. Schnittbg. 40 Pf.).

Beyer - der Verlag für die Frau - Leipzig - Berlin - Wien

Das Weib des Schreibebers

Eine Geschichte aus dem 30jährigen Krieg von E. O. Single

Als die Mansfelder abgezogen waren, stieg das Weib des Alzeyer Stadtschreibers Balthasar Moterus auf den Boden hinauf, um ihren Ehegatten herunterzuholen, der dort seit Tagen zitternd unter einer alten Kutschendecke lag, während sie sich unten nur mit viel Mühe und Geschick den langen Schnurrbart eines sächsischen Obristen von Mund und Leibe hielt. Sie hatten sich wacker aufgeführt, die Mansfelder, die Leute jämmerlich geknebelt, geschunden und gestochen, teils gar zu Tode geschossen, anderen die Hände abgehauen, dem Pfarrer drei Eimer Wasser in den Leib getrichert, ehrliche Frauen, Kindbeterinnen und Jungfrauen geschändet, und was derlei Satansdinge mehr sind.

Der Stadtschreiber Moterus konnte zu anderen Zeiten wohl als ein zierlich und gewandenes Männlein gelten. Jetzt aber, wie er auf einen Anruf seines Weibes die alte Plane zurückschlug, war sein Gesicht so grün fast wie sein zerknittert Wams, und die Zähne schlotteten ihm im Munde, als hätte er hundert Tage im Eiswasser gelegen. So kochte ihm die Frau auch fürs erste einen warmen Kräuterte, steckte eine heisse Kachel unters Federbett und trug den Verzäusten mehr als er sich selbst noch auf den Beinen halten konnte, zum wohlverdienten Schlummer.

Die Mansfelder waren also glücklich fort, und die Alzeyer weinten ihnen keine Träne nach, schon weil sie keine mehr für sich selbst fanden. Denn nicht jeder hatte es so gut getroffen wie der Stadtschreiber Balthasar Moterus, der ihrem Höllentreiben unter einer alten Kutschendecke hatte lauschen können und dann wieder in sein gewärmtes Bett zu liegen kam. Da fehlte einem ein Auge, dann anderen hatten sie von seinen Federn ein prächtiges Feuerchen angezündet, dass er für Wochen von einem Bett nur noch träumen konnte, dem dritten Jauche über das Mehl geschüttet, den Hafer zur Spreu ge-

nommen, oder von den Dauben der zerschlagenen Fässer die Kessel geheizt.

Es wäre also ein gehäuft Stück Arbeit für den Stadtschreiber gewesen, allen angerichteten Schaden seinem landgräflich-fürstlichen Herrn nach Darmstadt zu vermelden, wie die Alzeyer dies jammernd heischten und er selbst es als recht und billig zugestand, nur dass er statt bei den anderen bei sich selbst den Anfang machte. Da nämlich von einer geschändeten Haushere dank seiner Frau kräftigen Arme und einem gut Mass weiblicher Klugheit nicht zu berichten war, begann er am nächsten Morgen das Verzeichnis: „Was mir von dem Mansfelder Kriegsvolk ist verderbt und geraubt worden“ mit der Aufzählung der Schäden auf seiner Studierstube: „1 Goldwage zerschlagen, 1 Waagengewicht mitgenommen, 1 Laute mit einem Futter zerschlagen, desgleichen ein Schachspiel mit einer Kapsel...“ Und fuhr so fort bis „2 Phar Iodische mit Belz gefütterte Handschen,“ die ihm im Winter sicherlich sehr fehlen müssen. Es wurde ein langes wohlhabendes Dokument, das er mit einem schwungvollen „Ew. fürstlichen Gnaden pflichtschuldiger untertäniger treuer Diener bis in den Tod, Balthasar Moterus, Stadtschreiber zu Alzey“ beendete, um gleich darauf sein Stöcklein mit dem beinernen Knopf zur Hand zu nehmen, mit der Absicht, einen kurzen Gang durch die Stadt zu tun und auch seiner Mitbürger Schäden pflichtgemäss in Augenschein zu nehmen.

Nicht überall kehrte der Stadtschreiber ein. War es irgendwo ganz still in einem Haus, da sonst Kinder gejauchzt und eine Mutter mit ihnen gescherzt hatte, oder schlug noch da und dort der Rauch aus einem ausgebrannten Fenster, zog er den Kopf ein und drückte sich eilends vorbei. Würde dagegen irgendwo in einem Grasgarten nur das verschuchte Federvieh zusammengetrieben oder ein versteckt gehaltenes Borstentier in seinen Stall zurückgebracht, so stellte sich der Schrei-

ber eifertigst hinzu, klopfte mit seinem Stöcklein den Boden, erklärte den Leuten das Kriegsrecht und wo überall es hier übertreten worden. Am Abend aber, heimgekehrt, hielt er seinem Weib mit viel Jammer und Mitleidens Vortrag, was alles in Alzey von den Mansfeldern gesehen und angerichtet sei, ass ein junges Täubchen, das sich noch im Schlage gefunden hatte, und begab sich nach so viel aufregendem Tagewerk von neuem zur Ruhe.

Nun wollte es aber der Zufall, dass sich noch in der gleichen Nacht ein versprengt Trüpplein Kaiserlicher, von Mainz her kommend, nach Alzey verirrt, an den Toren nur schwachen Widerstand fand und schliesslich fast unbehelligt in die schlafende Stadt gelangte. Uebles Volk war es, von dem keiner auch nur ein Wort deutsch konnte, bis auf einen jungen Fähnrich, der auf der Schule in Prag ein paar Brocken aufgeschnappt und diese im Laufe der Zeit um ein weiteres an göttsjämmerlichen Flüssen vermehrt hatte. Dieser war es auch, der als erster im Hause des Stadtschreibers ein verstecktes Licht entdeckte, und als niemand öffnete, die Pferdehufe gegen die niederen Fensterläden trommeln liess.

Wenn nun in Kriegszeiten nachts die Rose gegen einen Laden anspringen, so weiss man, was die Uhr geschlagen hat, und dem Stadtschreiber Moterus, der eben noch von Täubchen und Liebfrauenmilch geträumt, wurde dieses Getrömmel zu einem üblen Erwachen. „Ich setz' mich unter die grosse Bütte!“ raunte er heiser und sprang so geisterrlich wie sein wallendes Nachthemd aus dem Bett, indes seine Frau sich eben einen Mantel überwarf und die Tür öffnen ging.

Der Fähnrich war ein galanter Mann. Als er das junge Weib im Licht näher betrachtete hatte, zog er seinen Eisenhut zu einem tiefen Kratzfuss und verlangte Wein. Zwei andere, die gleich ihm das Haus des Stadtschreibers als Quartier für diese Nacht aussahen, schlugen draussen in der Küche schon die Eier in die Pfanne. Die Frau brachte den Wein, rückte noch den Laib Brot zu recht und begab sich zurück in die Kammer, deren Tür sie zweimal verschloss und

schliesslich sogar noch mit einer schweren Trube von innen verrammelte.

So verging über Essen und Trinken eine gute Stunde, bis der Fähnrich sich auf seine junge Wirtin besann. „Mord und Brand!“ fluchte er. „Sie hat sich eingeschlossen!“, rannte mit seinem breiten Buckel gegen das Holz und machte einen Riesenspektakel. Da plötzlich aber — sie hätte sicher auch nicht mehr lange Widerstand geleistet — öffnete sich die Kammertür von selbst, und das Weib des Schreibebers trat über die Schwelle. Als sähe sie den Fähnrich nicht, ging sie an diesem vorüber, rief zweimal laut, dass es durch das ganze Haus schallte: „Balthasar!“, schritt schliesslich, als keine Antwort erfolgte, immer begleitet von dem erstauerten Fähnrich, eine Treppe hinauf und warf dort mit den Füssen einen grossen Holzzuber um, unter dem der zusammengekauerte Stadtschreiber zum Vorschein kam. „Steh' auf!“ sagte sie ruhig und gelassen, „die anderen haben dir deine Handschuhe gestohlen und die Goldwage kaputtgeschlagen, die hier wollen jetzt an dein Weib. Nimm die Pistole und brenn' ihnen eins auf, den Weiberschändern...“

Der Stadtschreiber riss entsetzt die Augen auf und blinzelte ins Kerzenlicht:

„Warum streitest du mit den Leuten? Sei doch freundlich zu den Herren!“ wimmerte er mit einem hündischen Blick auf den Fähnrich und verbarg das Gesicht zwischen den Knien. Da stand das junge Weib lange Zeit wie in Gedanken da, dann liess sie die Bütte wieder über den Stadtschreiber fallen und nahm den Fähnrich beim Arm: „Komm, ich will freundlich zu Euch sein!“ Sprach's und stieg mit dem Fremden die Treppe hinab.

Am anderen Morgen fand man den Fähnrich entseelt in der Kammer, in der Stirn ein schwarzes Kugelloch. Die Frau aber blieb verschwunden, obgleich der Stadtschreiber, den die anderen unter seinem Zuber nicht entdeckt hatten, sie später lange und unter grossem Lamento suchte.

Auch die weiteren Fährnisse des Krieges überstand der Schreiber glücklich. Er avancierte noch zum Hofbeamten und starb erst viele Jahre danach am Zipperlein.

So war Fridericus / Soldat - Feldherr - Volkserzieher - Politiker

Das friderizianische Zeitalter ist, dessen wir uns gerade jetzt wieder eindringlich erinnern, ein Bild der Sparsamkeit, der Zucht und Ordnung und unbedingten Pflichterfüllung, da nichts gilt als die Leistung und die Tat — aber auch ein Bild der Ehrfurcht und Liebe eines Volkes zu seinem König und Herrn, da eine tiefe Gläubigkeit an die Sendung Preussens und ein schrankenloses Vertrauen den letzten Soldaten an seinen alten Fritz kettet.

Keine Not, keine Sorge, die Friedrich erspart geblieben wäre. Aber aufrecht und stark steht es in allen Stürmen, sieht der Gefahr offen entgegen, ihr nicht feige ausweichend und sie nicht ängstlich wegleugnend, sondern ihr mit der Kraft seines mutigen Herzens stolz belegend. Da schreibt er zu Beginn des Siebenjährigen Krieges an den General von Winterfeldt: „Es wird das Jahr stark und scharf hergehen, aber man muss die Ohren steifhalten, und jeder, der Ehre und Liebe für das Vaterland hat, muss alles daransetzen; eine gute Husche, so wird alles klarer werden.“

Ja, das muss die Ohren steifhalten und alles daransetzen!
So wie Friedrich seinen Offizieren Kamerad und Freund war, so sorgte er sich auch um jeden einzelnen Soldaten. Als ein Leutnant seinen Männern auf dem Marsch das Singen untersagte, fuhr ihn der König an: „Herr! Lass Er meine Leute vergnügt sein! Denkt Er, dass Er Sklaven unter sich hat? Das sind meine Preussen!“ Und dann wandte er sich an die Soldaten und sagte wie ein Vater zu seinen Jungen: „Kinder, singt weiter!“ und fügte, seinem Pferde die Sporen gebend, hinzu: „Ich will euch nicht stören!“

Aehnliches erzählt eine Anekdote, die von einem Offizier berichtet, der einen Kanonier, wir würden sagen, schikaniert hatte und dabei vom König überrascht und belehrt wurde: „Meine Armee besteht aus Menschen,

Herr! Er aber ist ein Unmensch! Zahl Er dem Manne fünfzig Taler für seine Schmerzen, und dann schere Er sich zum Teufel!“

So gewann sich Friedrich das Herz seiner Soldaten, so schuf er sich das Heer, für das nichts anderes galt, als in jeder Gefahr und in jedem Kampf vor dem kritischen Auge des Königs zu bestehen.

Mit soldatischer Knappheit und Klarheit packte der König auch im Frieden seine Aufgaben an. Er kümmerte sich um alles. Seinem scharfen Gedächtnis entfiel kein Vorgang, wenn er auch um Jahre zurücklag, sein untrüglicher Blick durchbrach alle Verschleierungen und entdeckte alle Misstände. Da wehrt sich das Direktorium gegen den Vorwurf schlechter Finanzwirtschaft. Friedrich aber antwortet: „Es wundert mich, dass Sie solche liederliche Wirtschaft excusieren. Da habe ich meine Ministers dazu nötig und darf ich nur liederliche Studenten das Geld anvertrauen. Ueber dem, wo Sie mir den Kopf zu toll machen, kassiere ich einen schönen Morgen das ganze Direktorium und stelle eine neue Wirtschaft an.“

Der alte Fritz ist der Erzieher eines ganzen Volkes. Da kanzelt er einen Geheimrat, dessen weitschweifige Berichte ihm unnötiger Papierkrieg scheinen, so ab:

„Er schreibet dem Teufel ein Ohr ab. Er soll nicht schreiben, als wann es der Mühe wert ist. Ich werde ihm kein Geld zu schreiben schicken, denn er schreibet sich die Finger ab.“ — Und ein andermal: „Er soll schreiben, was nötig ist, und nicht so viel unnützes Zeug, damit er mir behelligt.“ — Und dann wieder: „Er soll solide Berichte tun, und nicht alle Torheiten hierher schreiben, die in Nürnberger Kaffeehäuser geredet werden.“ — Und endlich entringt sich ihm der Stosseufzer: „Man muss nicht antworten, sonst schreibet Er von Ewigkeit zu Ewigkeit.“

Friedrich entscheidet alles. Zwischen 3 und 4 Uhr morgens steht er auf, der erste Ar-

beiter in seinem Staat, und dann prüft er Eingaben und Akten, setzt seine Randbemerkungen dazu, sachlich und bestimmt, zuweilen auch humorvoll oder gar voller Spott und Ironie. Es waren damals für Töchter adliger Offiziere Stellen in Stiftungen sehr begehrt. Auf das Gesuch eines Generalmajors um eine solche Stelle für seine Tochter schreibt Friedrich:

„Es sind 30 bis 40 Anwartschaften auf jeder Stelle. Er soll hübsch Jungens machen, die kann ich alle unterbringen. Aber mit die Madams weiss ich nirgends hin.“

Als ein wahrhaft Grosser steht Friedrich über seinem Volke, löst die alltäglichen Fragen und offenbart in ihnen die tiefste Weltweisheit. Denn die folgende Randbemerkung ist nicht nur humorvoll, sie zeugt auch von

jener Sicherheit und Ruhe, mit der Friedrich das Leben übersieht, und auch von jener Ehrfurcht vor Gott, die kurzsichtige Eiferer ihm einfach absprachen und die darum sein überlegener Spott so vernichtend zu treffen wusste. — Da ist bei der Anfrage eines Magistrats, wie ein Bürger zu bestrafen sei, der Gott, König und Magistrat gelästert habe, diese Randbemerkung zu lesen: „Dass der Arrestant Gott gelästert hat, ist ein Beweis, dass er ihn nicht kennt; dass er mich gelästert hat, vergeblich ich ihm; dass er aber einen edlen Rat gelästert hat, dafür soll er exemplarisch bestraft werden und auf eine halbe Stunde nach Spandau kommen.“

So regiert der alte Fritz sein Volk und Land, Fridericus Rex!

Ihm gehört die Liebe aller Preussen, und voller Bewunderung blicken die Deutschen jenseits der Grenzen auf dieses kleine Land, dessen einst verspottete Wachtparade nun mit ihren schmetternden Klängen durch ganz Europa dröhnt.



Wille zur Kulturtat

ist die beabsichtigte Aufführung des bürgerlichen Trauerspiels:

„KABALE UND LIEBE“

von Friedrich von Schiller

Es finden 3 Aufführungen statt: im grossen Saale des DMGV „Lyra“, Rua S. Joaquim 329:

Sonnabend, den 24. Februar, abends 7.30 Uhr:

hierfür sind Einlasskarten zum Preise von \$8 00 einschliesslich Steuer erhältlich;

Donnerstag, den 29. Februar, abends 8.30 Uhr:

für diese Vorstellung werden 600 Karten für \$6900 ausgegeben. Guter Sitzplatz garantiert.

Sonnabend, den 2. März, abends 7.30 Uhr:

hierfür sind Einlasskarten zum Preise von \$500 einschliesslich Steuer erhältlich.

Vorverkaufsstellen: Deutsche Apotheke Schwedes, R. Lib. Badaró, Deutsche Buchhandlung, Hahmann, R. Cons. Christiniانو 2a, Frisi-salon „Max“, R. J. Ant. Coelho, „Relojoaria Allemã“, Kernig, Rua Domingos de Moraes 920, Oekonon der „Lyra“, Matzke.

Deutsche São Paulos! Unterstützt unsere Bestrebungen! Besucht unsere Aufführungen!

Der Reitunterricht

Eine heitere Garnisonsgeschichte aus dem Kriege von Jürgen Fahn-Butry

Oh! Wir waren alle feine Jungens, die wir da im Februar 1917 als Einjährig-Kriegsfreiwillige und Fahnenjunker bei der Ersatzabteilung des Feldartillerieregiments angerückt kamen.

Wenn ich fürsorglich den Namen des Regiments verschweige dann nicht, weil es etwa nicht ein famoseres Regiment gewesen wäre. — Aber da lebt noch einer, dem es vielleicht peinlich sein könnte, wenn man Dinge von ihm hörte, Dinge...

Ja, also wir wurden einem Sergeanten zugeweiht, der uns in einem Sonderkursus das Reiten beibringen sollte. — Heute kennt man keinen Sergeanten mehr. Und darum vorerst ein paar Worte über den Sergeanten als solchen. — In der Rangordnung war er der aktiv dienende Unteroffizier zwischen dem etatsmässigen Unteroffizier und dem Vizefeldwebel. Im Unteroffiziersstand war das mit der Sergeantenecke genau so wie bei den Offizieren mit der Hauptmannsecke. — Manche kamen zeitlebens nicht um diese Ecke. Deswegen konnten sie hervorragende Soldaten sein, und oft lag es eben nur daran, dass sie ein bisschen rauhe Kerls waren, die keine Glacéhandschuhe trugen.

Ein solcher alter aktiver Unteroffizier ohne Glacéhandschuhe war unser Herr Sergeant — nennen wir ihn einmal Müller. Sergeant Müller war zwei Jahre vorn gewesen, hatte das E. K. I bekommen, aber Sergeant war er geblieben. Das war nun einmal sein Pech und unser Glück: Sergeanten werden vorzugsweise mit „Ausbilden“ beschäftigt, und wenn Müller Vizefeldwebel geworden, dann hätten wir das Reiten so bestimmt nicht gelernt.

Nachdem wir jeder im Stall einen Zossen zugeweiht bekommen und ihm mit viel gutem Willen und wenig Verstand die Trense angelegt und den Wollack aufgeschmürt hatten, ging es im Gänsemarsch auf die Reitbahn. Gut, dass die Gäule den Rummel kannten! Wir selbst hätten uns damals bestimmt nicht in Linie aufstellen können.

Herr Sergeant Müller hielt erst eine Rede: Von wegen, was ein Pferd ist! Ein Pferdebein sei für die Armee wesentlich wichtiger als so eine Bande von grünen Jungen, wie wir sie darstellen. Wehe — noch heute tönt mir dieses Wehe in den Ohren — wehe dem, dessen Gaul einen Schaden nehmen würde! — Wir wurden alle etwas bleich.

Dann kam das Kommando: „Batterie auf-gesessen!“

Der dicke Krause war Assessor gewesen. Sein rundes Gesicht war von Schmissen durchzogen. So etwas liebte Herr Sergeant Müller. Krause quälte seinen dicken Bauch vergeblich pferdaufwärts.

Müller stand daneben. Sein Gesicht war von einer Freundlichkeit durchtränkt, die erschütterte. Im zartesten Diskant flüsterte seine Stimme: „Was sind Sie eigentlich von Beruf, lieber Herr?“

„Aha, Assessor! Vielleicht auch Doktor?“

Die Stimme wurde noch freundlicher: „Und Fahnenjunker sind Sie wohl geworden, um ein bisschen schneller Leutnant zu werden!“

Uns anderen gruselte... Immer noch blieb die Stimme freundlich: „O ja, Herr Assessor, ich kann das wohl nachfühlen! Ich werde Ihnen sogar dabei helfen! Sie sollen ein guter Offizier werden!“

Wir anderen thronten auf unseren Gäulen. Krause hatte es aufgegeben. Jetzt kam das Kommando: „Batterie zu einem rechts brecht ab, marsch!“

Wieder halfen uns die Gäule, die automa-

purzelte einer, dort ein anderer. Mitten in diesem Durcheinander raste Assessor Krause verzweifelt mit seinem Pferd am Halfter quer durch die Bahn.

In deren Mitte stand Herr Sergeant Müller und grinste. —

„Batterie halt!“ Ein Segen, dass die Gäule auch dieses Kommando kannten und standen.

Eine Stunde ging so das Theater. — Erst in den letzten Minuten durften zwei starke Männer den Assessor auf seinen Gaul heraufrollen. Solange hatte er „zu Fuss“ Reitstunde gehabt. —

Dann gab's eine Rede, in der es hiess, wir würden nie reiten lernen, und solche ausgesprochenen Idioten wie uns habe er in zwölf Jahren Militärzeit noch nicht erlebt!

So ritten wir drei Tage lang jeden Tag eine Stunde. Am vierten schlichen wir uns

Drei Mann von uns, die am schlimmsten dran waren, gingen einen Schritt vor. — Dann — wir staunten alle — bewegte sich auch Assessor Krause einen Schritt vorwärts.

Der Sergeant sah ihn mit dem Blick an, den der Löwe haben muss, bevor er ein Kalb anreiss.

„Sind Sie durchgeritten?“

„Zu Befehl, Herr Sergeant!“

„Sie armer Mann sind wirklich durchgeritten?“ Die Stimme wurde noch schärfer. Wieder kam die Antwort:

„Zu Befehl, Herr Sergeant!“

Einen Augenblick zögerte der Gewaltige. Dann kam das Kommando an den Nebenmann: „Nehmen Sie den Zügel vom Pferd des Krause. — Krause noch zwei Schritt vortreten!“

Er ging um den Assessor herum und verschlang ihn mit seinen Blicken: „Es ist meine Pflicht, mich von Ihrem gesundheitlichen Zustande zu überzeugen!“ Er machte eine kurze Pause. Dann piffte die Stimme:

„Hosen runter!“

Assessor Krause sah den Sergeanten entgeistert an. Jetzt brüllte Sergeant Müller:

„Können Sie nicht hören! Sie haben den Befehl eines Vorgesetzten ohne jede Verzögerung auszuführen! Hosen runter!“

Zornbebend stand der Sergeant vor Krause. Ein letzter banger Atemzug, dann sank dessen feldgraue Hose auf die Stiefel herunter.

„Bücken! — Zum Teufel nochmal! Bücken habe ich befohlen!“

Vor uns stand Krause gebückt, und sein Hemd flatterte. Mit zwei spitzen Fingern lüftete der Sergeant den äussersten Zipfel ein wenig. Aber doch genug, dass wir in ein brüllendes Gelächter fielen. — Sofort drehte er sich herum: „Schnauze halten!“

Krause durfte sich aufrichten und seine Hosen wieder anknöpfen. Dann sprach Sergeant Müller:

„Sie können sich jetzt über mich beschweren, wobei ich Sie darauf aufmerksam mache, dass Sie sich das 24 Stunden zu überlegen haben. — Ich kann Sie melden wegen Anlignens eines Vorgesetzten. — Ich werde Sie nicht melden!“

Er drehte sich zu uns um:

„Und ihr habt die Schnauze zu halten, sonst werde ich euch zwickeln, dass ihr denkt im Himmel ist Jahrmarkt!“

Assessor Krause hat sich nicht beschwert. Wir anderen haben die Klappe gehalten. — Und wir haben alle das Reiten gelernt... auch Krause. — Müller kam mit uns ins Feld. — 1918 wurde Krause Leutnant. — Müller war noch immer Sergeant und stand in der Batterie, die Leutnant Krause als Batteriechef übernahm. — Das erste, was der neue Batteriechef tat, war, dass er sich beim Regimentskommandeur persönlich für die Beförderung Müllers zum Vizewachtmeister einsetzte.

Als Müller sich zum Dank meldete, lachte der Leutnant Krause nur: „Das ist mein Dank! Ohne Sie hätte ich nie reiten gelernt...!“



Sommer - Spezial - Verkauf

in welchen wir unsere äusserst reichhaltigen Lager in den letzten Neuheiten, welche wir für Weihnachten und die Sommer-Saison 1940 importierten, zu

wirklich volkstümlichen Preisen

auszuverkaufen beabsichtigen. Benützen Sie bitte diese Gelegenheit und besuchen Sie uns.

RUA DIREITA 162-190

SCHADLICH, OBERT & CO.

fisch ihren Weg rings um die Reitbahn einschlugen.

Mitten zwischen uns Assessor Krause, weiss vor Aerger im Gesicht und seinen Zossen am Zügel.

„Batterie langsam Terab!“

Unsere Gäule setzten sich schwerfällig in schaukelnde Bewegung, und wir rüttelten da oben im deutschen Trab unser Gesäss hin und her. —

Krause hielt wacker Schritt mit uns.

„Tempo zulegen!“

Nicht wir, sondern die klugen Pferde verschärften das Tempo.

„Batterie Galopp!“

Wie verrückt galoppierten die Rösser. Hier

nur noch in den Stall. Am schlimmsten ging es dem Assessor Krause. Er fluchte, dass er zur Artillerie gegangen und nicht zur Infanterie. Trotzdem ging es ihm besser als den meisten von uns. Er war wohl so gut gepolstert, dass er sich einfach nicht durchreiten konnte. Ein paar von uns dagegen gingen wie auf Eiern.

In dieser vierten Reitstunde war Herr Sergeant Müller zum erstenmal etwas menschlicher. — Er musste wohl merken, dass einige von uns kaum mehr vor Schmerzen auf den Pferden sitzen konnten. Es kam das Kommando: „Abgesessen!“

Dann fragte er: „Wer hat sich durchgeritten? Vortreten!“

Die vierte Waffe

(Schluss von Seite 2)

ben Einzelscheinungen. Erst England baute die Zensur systematisch und in allgemeiner Form aus. Was Tausende und Abertausende aus den gebildeten und oft erstaunlich gut unterrichteten Kreisen aller Kontinente einander schrieben, landete in den Netzen des Uebervachungsdienstes, kam in die Hände der Zensoren und gelangte von da als Extrakt an die führenden Persönlichkeiten der britischen Politik, die nun, gestützt auf ihre glänzenden Informationen, in der Lage waren, den jeweils richtigen diplomatischen Kurs zu steuern. Die Postzensur ist das Haupttriebwerk dieses komplizierten Informationsmechanismus; ihre unglaubliche Leistungsfähigkeit mögen einige Beispiele erläutern.

Postzensur im Dienst der Gegen- spionage

Der englischen Admiralität war bekannt geworden, dass ein feindlicher Offizier sich heimlich in England aufhielt und eine bestimmte Formel benutzen wollte, um über ein bestimmtes Flottenmanöver zu berichten. Er hatte indessen die Vorsichtsmassregeln der Engländer unterschätzt und wohl nicht angenommen, dass auch die Korrespondenz mit den damaligen neutralen Ländern einer scharfen Kontrolle unterworfen wurde. Man hatte ihn bereits umstellt und suchte nur noch diesen belastenden Brief, um ihn als ein letztes Glied in die Beweiskette einzureihen und um gleichzeitig den Empfänger im Ausland festzustellen. Die vereinbarte Formel lautete, sagen wir, „William is dead“. Auf der Zensurstelle befand sich ein schwarzes Brett mit einem Verzeichnis von Namen, auf deren Briefe besonders geachtet werden sollte. Eines Tages war auch der kurze Satz angeschrieben „William is dead“. Wenig später waren die Worte von der Tafel gelöscht. Man hatte den Brief gefunden, den Schreiber vor ein Kriegsgericht gestellt und nach kurzer Verhandlung verurteilt und erschossen.

Zensur entlarvt alle Tricks

Auf die vielen Tausend Fälle einzugehen, in denen Briefe mit bestimmten, meist sehr primitiven „Geheimtinten“ geschrieben wurden, oder in denen sich unter Briefmarken Miniaturberichte befanden — ebenfalls ein uralter Kniff — lohnt nicht. Die britische Zensur untersuchte auf derartige und viele andere Tricks von vornherein jeden Brief. Man darf nicht vergessen, dass der Findigkeit des einzelnen ein wohlgedachter riesiger Apparat gegenübersteht, der mit Tausenden gewiegtester Fachleute auf diesem Spezialgebiet arbeitet. So sollte in einem sonst sehr geschickt abgefassten Brief ein Strich unter dem Namenszug die Richtung angeben, in der von unten nach oben gelesen die Nachricht über eine Truppenverschiebung in den Zeilen versteckt lag. Da der Strich aber nicht wie ein Schnörkel wirkte, fiel er dem geübten Prüfer sofort ins Auge. Ausserdem waren die Briefe meist an Adressen gerichtet, die in England schon lange auf der „Liste der Verdächtigen“ standen.

Zensur und Wirtschaftskrieg

Im Januar 1916 landete auf der Londoner Zensur ein interessanter Brief, den George Isaacs, der Generaldirektor der Marconigesellschaft, an seine Patentanwälte in New York, Cavendish & Co., gerichtet hatte. Es handelte sich um eine neue Erfindung, die zur Verbesserung der Radiotelegraphie diente und die Marconipatente stark in den Schatten stellen musste. Die deutsche Telefunkengesellschaft, die dem Siemenskonzern angehörte, war im Begriff, das Patent auf diese Erfindung zu erwerben. Die Korrespondenz, die darüber der Vertreter von Siemens, ein deutscher Ingenieur in Batavia, mit dem Patentanwalt in New York führte, war durch die alles erfassende Zensur in den Besitz der englischen Regierung geraten. Man gab die Unterlagen an Isaacs weiter und stellte ihm anheim, das deutsche Geschäft zu stören, falls die Sache von Bedeutung sei.

Schlau Mädchen, schlauere Zensur

Einer besonderen Zensur war die Korrespondenz der deutschen Kriegsgefangenen ausgesetzt. Wieviel kleine dumme Mädchen haben in der Absicht, ihrem Schatz „etwas Interessantes“ zu berichten, ihrem Vaterlande schweren und schwersten Schaden zugefügt. Wie oft ist es vorüberkommen, dass in leicht-

fertiger Weise Angaben über Truppenbewegungen gemacht wurden. Ueberflüssig zu sagen, dass alle „Geheimsprachen“, Codes, Geheimtinten und dergleichen spielend leicht entziffert wurden. Sicherlich glaubte jede einzelne der kleinen Briefschreiberinnen, auf einen unendlich schlaun Einfall gekommen zu sein, auf den noch niemand vor ihr gekommen war. Selbstverständlich hütete man sich in England davor, eine so ausgezeichnete und bequeme Informationsquelle zu verstopfen, und liess die Briefe ungehindert durchgehen.

England erfährt aus Indien Lage in Deutsch-Ost

Im Mai 1916 hielt die Londoner Hauptstelle den Brief eines deutschen Offiziers an, der aus einem indischen Gefangenenlager an seine Angehörigen schrieb. Der Inhalt schien harmlos. Der Schreiber berichtete über seine persönlichen Erlebnisse und u. a., wie zuvorkommend er in Indien behandelt würde. Dieser letzte Satz machte den gewiegten Prüfer stutzig. Man pflegte Gefangene korrekt, aber nicht zuvorkommend zu behandeln. Nachdem der Verdacht einmal erweckt war, wurde der Brief nach allen erdenklichen Methoden untersucht. Mit der Lupe, auf chemischem Wege auf eine Geheimschrift hin. Es blieb resultatlos. Aber der Prüfer gab sich nicht zufrieden. Er nahm auch noch den Briefumschlag auseinander und unterzog ihn der gleichen Prüfung. Nun fand er des Rätsels Lösung. Die ganze Innenseite war mit unsichtbarer Tinte beschrieben. Es ergab sich, dass der Schreiber, der zur Truppe Lettow-Vorbeck gehörte, den Befehl erhalten hatte, falls er bei irgendeinem Gefecht gefangen genommen werde, den Behörden in der Heimat einen Bericht über die Lage seiner Kameraden in Ostafrika, ihre Ansichten und nächsten Pläne zu senden. Der Brief wurde in ein anderes Kuvert gesteckt und weiterbefördert. Die gewonnene Kenntnis wertete die Zensur.

Zensur kontrolliert Blockaderfolg

Unter wesentlicher Mitwirkung der Zensur war der englische Generalstab schon Ende 1914 darüber längst im Bilde, wie sehr der Nahrungsmitteltransport in Deutschland versagte, und wie wenig man auf die ausreichende Versorgung der deutschen Zivilbevölkerung vorbereitet war. Eine Abteilung des Blockadeministeriums führte eine erstaunlich genaue Statistik über die wirtschaftlichen Verhältnisse in Deutschland. Man konnte an Hand dieser Zusammenstellungen von Woche zu Woche die Kurven verfolgen, die den Bestand an Nahrungsmitteln und an wichtigen Rohstoffen, wie Kupfer, Baumwolle, Leder und Gummi, angaben. Man konnte erschellen, wie die dürftigen Vorräte, die nur gerade zur knappen Existenz ausreichten, allmählich schmolzen, wie die Rationen für die

Stosstruppen geringer wurden, wieviel die Etappe erhielt, was für die Zivilbevölkerung zurückblieb. Aus diesen und vielen anderen Einzelheiten stellte man fest, dass sich die Leistungsfähigkeit der Truppen vermindern musste.

Englische Diplomatie stets im Bilde

Sicherlich, zumindest aber wahrscheinlich wäre es zu einem Kriegsbeirrat Rumäniens auf Seiten der Alliierten nicht gekommen, wenn der deutschen Diplomatie ein besseres Informationsmaterial zur Verfügung gestanden hätte. In England hat man es jedenfalls kaum verstehen können, dass die Kriegserklärung Rumäniens, Ende August 1916, die Mittelmächte so offensichtlich überraschte. Woher die besseren Informationen Englands? Wieder war es die britische Zensur, die aus Tausenden von Briefen aus Rumänien, die für Amerika bestimmt waren, die Stimmung geschickt abtastete. Die Schreiber gehörten fast ausnahmslos den gebildeten Schichten an, so dass sich ein sehr anschauliches Bild von der in Rumänien herrschenden Stimmung und Lage ergab. Mit den hieraus gewonnenen Unterlagen hatte die englische Diplomatie ein verhältnismässig einfaches Spiel.

Das neue Deutschland weiss auch dieser Waffe zu begegnen

Seit Beendigung des Weltkrieges ist nun aber nicht nur viel Wasser die Themse, sondern auch die Spree hinabgeflossen. Nichts wäre verhängnisvoller, als die heutige Wirksamkeit des englischen Informationsdienstes zu unterschätzen. Allein auch auf diesem Gebiet hat das Dritte Reich geeignete Abwehr- und Gegenmassnahmen getroffen. Der Erfolg dieses gigantischen Kampfes unter Führung des befähigtesten Mannes, den der Führer für diese Aufgabe finden konnte, ist, auch wenn er nicht so sichtbar in die Augen fällt, wie die Wiederaufrichtung des deutschen Heeres oder der deutschen Wirtschaft, von gleicher Bedeutung und Grössenordnung. Die feindlichen Ausbeutemöglichkeiten von Nachrichten deutschen Ursprungs sind durch eine planmässige Volkserziehungsarbeit weitestgehend zunichte gemacht. Das deutsche Volk hat aus der bitteren Erfahrung des Weltkrieges gelernt. Es hält seine Zunge im Zaum, denn es weiss, dass im Kriege immer damit gerechnet werden muss, dass Nachrichten in unerwünschte Hände fallen. Das gesamte deutsche Volk beteiligt sich heute mit dieser Selbstdisziplin an einer Gegenblockade, die dem einzelnen keine erwähnenswerten Opfer auferlegt, in der Gesamtheit aber England empfindlich trifft. Die gefährliche Flut aller englischen Durchkreuzungsmanöver militärischer oder diplomatischer Art, gespeist aus unbeabsichtigten deutschen Angaben, muss versiegen, wenn alle Quellen hermetisch abgeschlossen werden.

Die Führerrede vom 30. Januar

konnte nicht mehr in die vorliegende Folge aufgenommen werden. Wir werden sie am 9. Februar in Folge 6 nachtragen.

Erfolg war einmal durch das gut zusammengestellte Orchester gekennzeichnet, dessen Klangfülle besonders bei den Ouyertüren zu „Die Fledermaus“ (Johann Strauss) zu Beginn des Abends und „Flotte Bursche“ (Franz von Suppé) am Abschluss wirkungsvoll zum Ausdruck kam; zum andern trugen Fritz Galeitner (Koloratursopran) und Rosa Galeitner (Alt) mit ihren gefälligen Wiener Liedern zur klingenden Gesamtwirkung bei. Besonders zu erwähnen ist Fritz Galeitner mit den Walzern „An der schönen blauen Donau“ und „Frühlingsstimmenwalzer“ (Johann Strauss), alsdann im Dialektvortrag „Ich hab' amal a Rauscherl g'habt“ (Karl Kapeller). Das Orchester brachte ferner Ballettmusik aus „Rosamunde“ (Franz Schubert), „Persischer Marsch“ (Johann Strauss), „Geschichten aus dem Wienerwald“ (Johann Strauss) und in der vorgeschriebenen brasilianischen Einlage „Tamborin“ (J. Octaviano) und „Batuque“ (Alberto Nepomuceno), deren eigenartige Rhythmen so sehr gefielen, dass eine Wiederholung verlangt wurde, wie auch zahlreiche andere Stücke des Programms langanhaltenden, ehrlich verdienten Beifall erhielten. Emmerich Csammer und alle Mitwirkenden dürften sich mit der Gestaltung derartiger Konzerte auf dem besten Wege befinden, immer ein volles Haus begrüssen zu können. ep.

„Kabale und Liebe“

Von interessierter Seite erhielten wir die folgenden Ausführungen:
Der Entschluss des Spielleiters des „Bundes der schaffenden Reichsdeutschen“, Werner Krause, gerade jetzt Schiller's „Kabale und Liebe“ herauszubringen, ist in erster Linie auf den Krieg zurückzuführen. Gerade in diesen harten Zeiten muss es Aufgabe einer zielbewussten Organisation, die auf ihr Banner auch die Pflege deutscher Kultur geschrieben hat, diesen Kulturwillen praktisch zu beweisen. Was könnte da wohl geeigneter sein, als auf der Bühne Schiller, den deutschen Dichterkönig, den Dichter des „Sturm und Dranges“ zu Worte kommen zu lassen. Dieser Wille zur Kulturtat, mitten in ernsterer Zeit verdient die Unterstützung aller Deutschen São Paulos. Abgesehen von diesen idealen Wollen, ist es ein interessantes Experiment der Theatergruppe des Bundes, sich an einen Klassiker zu wagen. Aber wir haben das feste Vertrauen zu den bewährten Darstellern, die der Spielleiter sich ausgewählt hat, dass sie auch diese Aufgabe lösen werden. Drei Aufführungen sind geplant, wie auch schon aus den verschiedenen Zeitungsanzeigen zu sehen war. Die beiden Aufführungen an den Sonntagen (24. Februar und 2. März) beginnen bereits um 7.30 Uhr, damit auch Jugendliche die Möglichkeit haben, ihnen beizuwohnen und damit es den auswärtigen Wohnenden möglich ist, rechtzeitig wieder nach Hause zu kommen. Für diese beiden Aufführungen sind Karten zum Preise von 3\$500 in den bekannten Vorverkaufsstellen zu haben. Bei den erhöhten Unkosten, die diese Klassikeraufführungen verursachen, ist die kleine Erhöhung des Eintrittsgeldes durchaus verständlich. Dazu kommt, dass Mitglieder des Bundes für diese beiden Vorstellungen Karten zum ermässigten Preise von 2\$300 in der Geschäftsstelle, Rua Constituição 31, erwerben können. Eine dritte Aufführung ist auf Donnerstag, den 29. Februar, abends 8.30 Uhr, angesetzt. Für diese Aufführung werden nur 600 Einlasskarten ausgegeben, da nur 500 Sitzplätze vorhanden sind. Diese 600 Plätze sind so eingerichtet, dass jeder Besucher von jedem Platz aus, gut hören und gut sehen kann. Gerade mit dieser Aufführung soll einem immer wiederkehrenden Wunsche Rechnung getragen werden. Es ist nur zu wünschen, dass sich diese Einrichtung bewährt. Die Karten für diese Vorstellung sind ebenfalls in den bekannten Vorverkaufsstellen erhältlich.

So steht São Paulo vor einem grossen Bühnenergebnis. Wir hoffen und wünschen nur, dass es das hält, was wir uns von ihm versprechen. Auf jeden Fall ist schon die Absicht dieser Aufführung ein Wille zur Kulturtat, die unserer stärksten Unterstützung würdig ist.

Marktbericht

Reis: — Agulha — je 60 kg. — Amarellão, especial nicht notiert; superior 81—82\$; bom 75—76\$; Branco especial 72—73\$; superior 66—67\$; bom 59—60\$; regular 50—52\$; Catete especial 45—46\$; superior 43—44\$; bom 41—42\$; Bruchreis 30—32\$; bei ruhigem Markt.

Bohnen: — Mulatinho (Neue Ernte) — je 60 kg. — Especial 49—50\$; superior 47—48\$; bom, regular nicht notiert. Branco grande 72—75\$; Chumbinho 47—49\$; Roxinho 78 bis 82\$000; bei ruhigem Markt.

Mais: — je 60 kg. — Amarellinho 18\$900 bis 19\$000; Amarelo 18\$500 bis 18\$600; Amarellão 18\$500 bis 18\$600; bei flauem Markt.

Kartoffeln: — je 60 kg. — Amarela especial 32—33\$; superior 28—29\$; bom nicht notiert. Branca superior 19—20\$; bei flauem Markt.

Santos

Santos

Schützen-Berein = Santos

In dem Bewusstsein der Größe des Entscheidungskampfes, der unserer deutschen Heimat aufgegeben wurde, und aus Ehrfurcht vor den Verwundeten und Gefallenen unserer siegreichen deutschen Wehrmacht, sowie von der Erkenntnis unserer schicksalsbedingten Verbundenheit mit unserem kämpfenden deutschen Volke getragen, sieht sich der Vorstand des Schützen-Berein-Santos veranlasst, in diesem Jahre

keinen Karnevals-Ball

zu veranstalten.

Gemeinschaftsabend am 30. Januar in São Paulo

Auf Einladung des deutschen Generalkonsuls kamen zahlreiche Angehörige der deutschen Kolonie im Gedenken an den historischen Tag der Machtübernahme durch den Nationalsozialismus am Dienstagabend im grossen Saal des „Lyra“-Heimes zusammen. Eine eigene Programmdurchführung erübrigte sich, da der ganze Abend im Zeichen der grossen Rede des Führers stand, die in ausgezeichneter Weise von 20,15 Uhr bis 21,30 Uhr übertragen und empfangen wurde. Atmosphärische und andere Störungen stellten sich diesmal nicht wie so häufig bei derart-

tig bedeutungsvollen Kundgebungen ein. Als die Zehntausende von Volksgenossen im Berliner Sportpalast nach der aufrüttelnden, von unerschütterlicher Siegeszuversicht erfüllten Ansprache Adolf Hitlers die Hymnen der Nation sangen, erhoben sich auch hier alle Versammlungsteilnehmer zum gemeinsamen Bekenntnis zur einigen deutschen Nation. Im Verlaufe des anschliessenden kameradschaftlichen Beisammenseins brachte der Männerchor der „Lyra“ noch einige zeitentsprechende Liedvorträge.

ep.

Ein Konzert voll lebendiger Wiener Musik in São Paulo

Der Veranstalter und Dirigent Emmerich Csammer hatte zwar das Motto „Unsterbliche Wiener Musik“ gewählt. Aber darum wird unsere kleine Unterscheidung noch längst nicht falsch. Die deutsche Kolonie und zahlreiche brasilianische Freunde und Gäste er-

lebten im restlos besetzten grossen Saal der Gesellschaft Germania einen schönen Reigen prachtvoller Melodien und Rhythmen, wie sie eben nur der echten Wiener Schule eigen, dadurch unsterblich und für uns immer lebensfrohe beschwingt bleiben werden. Der